

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO**



DISSERTAÇÃO

**Masculinidades em conflito em *Um certo Capitão Rodrigo*:
da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada**

DÓRIS HELENA SOARES DA SILVA GIACOMOLLI

Pelotas, 2015

DÓRIS HELENA SOARES DA SILVA GIACOMOLLI

**Masculinidades em conflito em *Um certo Capitão Rodrigo*:
da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras,
da Universidade Federal de Pelotas,
como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Literatura Comparada.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves Silva

Pelotas, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G429m Giacomolli, Dóris Helena Soares da Silva.
Masculinidades em conflito em Um certo Capitão Rodrigo : da
luta pela hegemonia à masculinidade mitificada / Dóris Helena
Soares da Silva Giacomolli; orientadora Daniele Gallindo
Gonçalves Silva. – Pelotas, 2015.

113f.

Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) –
Universidade Federal de Pelotas.

1. Masculinidade - cultura 2. Construção de gênero - psicologia
I. Silva, Daniele Gallindo Gonçalves, orient. II. Título

CDD: 306.7

Catálogo na fonte elaborada pela Bibliotecária Luciana Franke Nebel –
CRB-10/654.

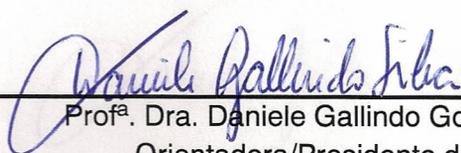
Dóris Helena Soares da Silva Giacomolli

**Masculinidades em conflito em *Um certo Capitão Rodrigo*:
da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada**

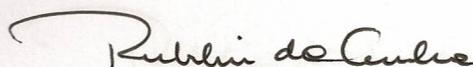
Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Literatura Comparada, da Universidade Federal de Pelotas.

29 de abril de 2015

Banca examinadora:



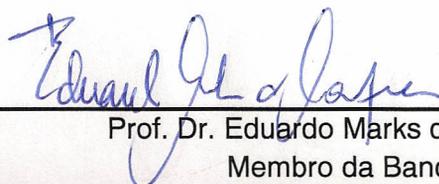
Prof.ª. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves Silva
Orientadora/Presidente da Banca
Doutora em Germanística/ Literatura Alemã Antiga
pelo Otto-Friedrich-Universität Bamberg, Alemanha



Prof.ª. Dra. Rubelise da Cunha
Membro da Banca
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof.ª. Dra. Maristela Gonçalves Sousa Machado
Membro da Banca
Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. Eduardo Marks de Marques
Membro da Banca
Doutor em Australian Literature and Cultural History - University of Queensland, Austrália

*O mito é o nada que é tudo
O mesmo sol que abre os céus
é um mito brilhante e mudo
Fernando Pessoa (1989)*

Agradecimentos

À minha orientadora Daniele Gallindo por ter acreditado na possibilidade deste trabalho, tendo a coragem de enfrentar o tempo escasso e o desafio de começar do meio e moldar o que estava sem forma, demonstrando um discernimento e um carinho sem limites.

À professora Maristela Gonçalves Sousa Machado e ao professor Aulus Mandagará Martins que tive o privilégio de ter em minha banca de qualificação e cuja sabedoria, conselhos e diretrizes foram inestimáveis.

À banca pela disponibilidade, pela leitura cuidadosa e pelos comentários enriquecedores.

Aos meus filhos, Priole, Israel e Diorgi, que olharam este mestrado com olhos expectantes, admirados e orgulhosos e que, com estes olhares me fortaleceram.

Ao Iki que me deu o suporte tantas vezes necessário para que eu continuasse quando a vontade era desistir.

Resumo

GIACOMOLLI, Dóris Helena Soares da Silva. **Masculinidades em conflito em Um certo Capitão Rodrigo: da luta pela hegemonia à masculinidade mitificada**. 2015. 103f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada.) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

A presente dissertação é um diálogo com os estudos e pesquisas que se preocupam com as construções de gênero, essencialmente norteadas pelas pesquisas de Raewyn Connell acerca das masculinidades, focando em seu conceito de masculinidade hegemônica. Sendo assim, nosso objetivo geral é analisar como as masculinidades vão sendo produzidas a partir do personagem Rodrigo Cambará de *Um Certo Capitão Rodrigo*, de Erico Verissimo. Mais especificamente, observaremos como são as relações que este estabelece com outros personagens tanto os femininos quanto os masculinos, principalmente no que se refere aos aspectos da representação corporal, e de como a construção generificada deste personagem engloba questões vinculadas ao imaginário da guerra. A construção do personagem, calcada nessas relações de gênero, levam-no a se deslocar do campo da masculinidade hegemônica para o da masculinidade mitificada, baseando-se na correlação com o mito do centauro.

Palavras-chave: *Um certo capitão Rodrigo*. Raewyn Connell. Representações de gênero. Corpos.

Abstract

GIACOMOLLI, Doris Helena Soares da Silva. **Masculinities in conflict in a certain Captain Rodrigo: the struggle for hegemony to the mythologized masculinity**. 2015. 103f. Dissertation (Master in Comparative Literature.) - Graduate Program in Literature - Federal University of Pelotas, Pelotas, 2015.

This work is a dialogue with the studies and researches concerned with gender constructions, essentially guided by Raewyn Connell researches on masculinities, focusing on his concept of hegemonic masculinity. Thus, our overall objective is to analyze how masculinities are being produced from the character of Rodrigo Cambara from **A Certain Captain Rodrigo**, by Erico Verissimo. More specifically, we will observe how the relationships that he establishes with other characters both female as well male, especially regarding to aspects of body representation, and how the gendered construction of this character encompasses issues linked to the imagery of war. The construction of the character, based on these gender relations leads him to move from the field of hegemonic masculinity to the mythologized masculinity, based on the correlation with the centaur myth.

Keywords: *A certain captain Rodrigo*. Raewyn Connell. Gender representations. Bodies.

Sumário

Introdução.....	9
1. Fazendo gênero: o caso da(s) masculinidade(s).....	11
1.1. A tensão entre as masculinidades	22
2. Masculinidades em conflito: um estudo comparado dos personagens de Um certo capitão Rodrigo.....	25
2.1. Das relações com o feminino: Rodrigo e as 'mulheres'	30
2.1.1. Rodrigo e Bibiana	35
2.2. Das relações entre masculinos: masculinidade hegemônica e outras formas de masculinidades	46
2.2.1. Os Amarais.....	48
2.2.1.1. Capitão Rodrigo e o coronel Ricardo Amaral	50
2.2.1.2 Capitão Rodrigo e Bento Amaral	56
2.2.2. Capitão Rodrigo e padre Lara	64
2.2.3. Os Terras.....	69
2.2.3.1. Rodrigo e Juvenal	71
2.2.3.2. Rodrigo e Pedro Terra.....	75
3. Da transição da hegemonia ao mito: o caso do centauro dos pampas	80
3.1. A construção da imagem mítica do gaúcho	89
3.1.1. A contribuição literária de Erico Verissimo à mitificação e desmitificação do gaúcho.....	95
3.2. O gaúcho e os centauros	99
3.2.1. Rodrigo Cambará: o gaúcho-centauro.....	102
4. Conclusão	107
5. Referências	109

Introdução

Nas últimas décadas, os Estudos de Gênero vem centrando suas abordagens em pesquisas que deem conta da questão das construções de gênero, principalmente no que diz respeito à figura feminina. Todavia, lançar mão de uma perspectiva que só contemple um dos gêneros envolvidos nas performances sociais, pareceu a teóricos como Raewyn Connell reduzir o campo de estudo e não dar conta de todas as possibilidades relacionais entre os gêneros.

A pesquisa que aqui se delineia propõe, assim, um diálogo com tais estudos e abordagens que analisam questões referentes à representação desses masculinos na literatura e como o gênero é performado. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho é analisar como essas masculinidades vão sendo produzidas a partir das representações de personagens e as relações estabelecidas entre esses. Objetivamos, portanto, perceber como são as relações que o personagem Rodrigo Cambará estabelece com outros personagens, tanto os femininos quanto os masculinos e apreender, no que se refere aos aspectos da representação corporal, como a construção generificada deste personagem engloba questões relacionadas ao imaginário da guerra. Neste sentido, pretendemos compreender de que forma se dá o deslocamento do campo da masculinidade hegemônica para o da masculinidade mitificada. Como objetivos específicos, propomos analisar como se dá a construção do gênero, mais especificamente a produção das masculinidades, investigar as semelhanças, contrastes, singularidades e compreender como se efetua a desfragmentação do personagem Rodrigo Cambará até que se produza uma possível mitificação. Para tanto, nosso referencial teórico será norteado pelas pesquisas de Raewyn Connell acerca das masculinidades, focando em seu conceito de masculinidade hegemônica.

No primeiro capítulo, apresentaremos o instrumental teórico que fundamentará nossa análise do corpus: a discussão conceitual oriunda das pesquisas de Connell sobre as masculinidades e a masculinidade hegemônica. Ao se fazer uma análise sobre a questão de gênero se pode tentar compreender como o poder é socialmente distribuído. Tendo a base teórica

delimitada, no segundo capítulo, analisaremos as relações entre masculinos e femininos para distinguir a masculinidade hegemônica de outras formas de masculinidades nos personagens da obra *Um certo capitão Rodrigo*.

No último capítulo, retomaremos os elementos anteriormente discutidos, com a finalidade de compreender como se dá a mitificação do personagem Rodrigo Cambará, baseando-se na correlação com o mito do centauro para apresentar os desdobramentos da pesquisa.

1. Fazendo gênero: o caso da(s) masculinidade(s)

Para compreendermos as discussões propostas por Connell acerca do campo de estudo das masculinidades, precisamos, antes de mais nada, introduzir o conceito de gênero proposto pela estudiosa em questão. Para a pesquisadora, “gênero é a estrutura das relações sociais que se centraliza na arena reprodutiva, e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas entre os corpos em processos sociais”¹ (CONNELL, 2009, p. 11). Neste sentido, as instituições religiosas, políticas e sociais, ou seja, as instâncias de poder, são centrais na organização humana e em nossas congregações, e com a aquiescência e a contribuição delas são construídas as práticas sociais que contribuem para a formação dos gêneros, das masculinidades, dos corpos e da sexualidade. Em síntese, Connell observa que a maneira pela qual a sociedade lida com os corpos bem como as consequências desse tratamento na vida dos indivíduos e do coletivo, molda o gênero. Sendo assim, Connell relê em determinada medida, a noção butleriana de que o gênero é performático; que, em outras palavras, ‘se faz gênero’ (BUTLER, 2003). Podemos afirmar, assim, que gênero é, pois, uma estrutura polissêmica por natureza, e é exatamente essa polissemia que nos permite as mudanças e rupturas, já que o gênero e a sexualidade, enquanto construções sociais e discursivas, verificam-se através de uma elaboração que nem sempre se dá de forma pacífica (CONNELL, 1995a).

Questões de embate entre os gêneros e discussões sobre a sexualidade acabam por se apresentar como evidentes através de séculos, conforme exemplifica Maurice Sartre, ao afirmar que as sociedades gregas notabilizavam a superioridade masculina, que esta era encarada como um fenômeno natural, inerente à própria condição humana. Sendo assim, Sartre descreve o modo grego de viver as relações sociais, e o modo como esses seres humanos eram afeitos à divisão social e hierárquica por gênero:

As sociedades gregas privilegiam o varão, e, para além dos caracteres fisiológicos intatos, se esforçam para construir uma

¹ No original: “Gender is the structure of social relations that centres on the reproductive arena, and the set of practices that bring reproductive distinctions between bodies into social processes” (CONNELL, 2009, p. 11). Essa e todas as outras traduções que se fizerem necessárias nesta dissertação foram realizadas por nós. Exceto aquelas em que o tradutor foi indicado.

identidade masculina dominante, aquela do cidadão que, somente ele, tem acesso ao político (...) mulheres, jovens, crianças, e naturalmente estrangeiros e escravos não podem estar senão ao serviço do único grupo dominante, os homens adultos. (SARTRE, 2013, p. 69)

Em quase todas as civilizações antigas, notadamente nas grego-judaico-cristãs, não havia um espaço de diálogos para debates acerca dessa divisão, pois entre homens e mulheres se sobressai a dominação masculina que era inequívoca e contundente, sem imprecisões: do lado feminino não se cogitava haver perguntas e os homens não as permitiam e também, elas não precisavam perguntar porque não necessitavam saber. As mulheres e suas características femininas, opostas ao que se considera masculino, e por isso também, eram desprezadas. Como dominadas, aprenderam a agir e desempenhar os papéis femininos esperados e exigidos delas: não agiam livremente, mas dentro de um referencial que era cobrado pela sociedade.

Anos e anos de autoritarismo e hegemonia masculina centrados em comandos divinos e pretensões celestiais, ajudaram a reforçar esse sentimento de culpabilidade atribuídos às mulheres e a construir uma subserviência que serviu para reafirmar o autoritarismo das sociedades patriarcais e alimentar o orgulho e supremacia masculina. Todavia, os homens também não agiam livremente, pois também tinham papéis definidos; cabia ao masculino as funções nobres e sobrava ao feminino as ocupações e papéis considerados de menor valor. Essa dominação dava-se sem discussões; uma vez que não era percebida, nem enunciada, apenas incorporada como forma de distinguir esses gêneros e reafirmar as diferenças entre esses. Em contrapartida, toda sociedade construirá seus modelos de feminino e masculino através de seus discursos.

Por intermédio da análise de narrativas masculinas e femininas, Connell (1995a) busca compreender o porquê de tantas subversões e tantos pontos mal definidos relacionados às disputas de poder entre os gêneros, e tanta exacerbação de sentimentos e desigualdades quando as questões de poder estão em discussão. A socióloga entende por narrativa, masculina e feminina, as formas como homens e mulheres atuam no mundo, incorporando as masculinidades e feminilidades operadas pela cultura, inseridas num determinado contexto social e momento histórico. A discussão sobre essas

formas rumam para o plano social e da cultura – já que é no social que as discussões iniciam, se fazem fortes, se espalham e se reproduzem, e acabam por manter ou modificar as relações entre os sujeitos.

Connell chama a atenção para as formas como a sociedade lida com os processos reprodutivos e as diferenças entre os corpos e, como eles são trazidos para as práticas sociais. Nesta direção, também teoriza Judith Butler, a qual acredita que “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado” (BUTLER, 2003, p. 25). Portanto, esta assevera que o gênero pode ser usado não somente para conhecermos mais facilmente a inscrição demonstrada no indivíduo, mas também deve ser usado para designar o próprio aparelho de (re)produção, através do qual ele deve ser percebido, sendo o gênero, assim, como um estigma, estampado no corpo, de formas bem delineadas, de acordo com o código normativo vigente (BUTLER, 2003, p. 25).

De acordo com Butler, não há uma clara distinção entre sexo e gênero, pois toda existência é social e “talvez o próprio constructo chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto gênero, (...) de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2003, p. 25), visto que os dois são arquitetados e construídos similarmente.

Na perspectiva butleriana, não há um “corpo natural”, posto que todos os corpos são “generificados”, uma vez que “gênero não é algo que somos, é algo que fazemos, por meio de uma sequência de atos” (REIS, 2013, p. 365), sendo “o sexo (...) um atributo analítico do ser humano; não há um ser humano que não seja sexuado” (REIS, 2013, p. 323), pois é o sexo que o qualifica sendo então, um atributo necessário para todos nós. Ainda que não seja o sexo a causa do gênero e que o gênero não possa ser entendido como algo para refletir ou expressar sexo, este também não é, portanto, uma consequência daquele. Na lógica butleriana, o sexo nunca “poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva”, pois o sexo “sem dúvida, será sempre apresentado, por definição, como tendo sido gênero desde o começo” (BUTLER, 2003, p. 27). Butler declara, portanto, que é um engano pensar que a sexualidade é algo que nos tenha vindo naturalmente, juntamente como todos os órgãos que compõem nossa biologia, mas algo que vamos construindo enquanto nos construímos, através dos discursos que proferimos e

ouvimos, já que não há como escapar da inserção no meio cultural. Desta forma, tanto o sexo quanto o gênero são produtos de discursos e do meio cultural. Seguindo esta mesma linha de raciocínio, Connell afirma que não há como pautar o conceito de gênero pela noção de “diferenças” ou “dicotomias” ou baseando-se em uma diferença cultural entre homens e mulheres. Não há por que pensar em uma divisão biológica de machos e fêmeas, embora, no senso comum, o gênero seja considerado culturalmente como uma diferenciação que classifica quase que como opostos, homens e mulheres. Connell não concorda com isso, pois, segundo ela, *gênero* não pode ser catalogado como diferença ou como uma divisão das pessoas em dois conjuntos separados, em geral contrários. É difícil, portanto, separar e distinguir as pessoas assim como os gêneros, claramente, em feminino e masculino.

Para Butler, nem gênero é somente cultura, nem sexo é exclusivamente natureza. Butler considera que se deve a responsabilidade da construção de gênero não só, mas também e totalmente, ao meio e à sociedade em que o sujeito está inserido: “Quando a doutrina da escolha existencial é usada neste contexto, ela é seguramente insidiosa, mas este uso é, ele mesmo, um mau uso que desvia a atenção das possibilidades de **empoderamento da posição**”² (BUTLER, 1986, p. 40-41, grifo nosso). Butler assegura, portanto, que o sujeito tem o poder e a voz ativa na construção, definição e redefinição de gênero. Tanto Butler, ao afirmar que o indivíduo atua ativamente como sujeito na construção de gênero, quanto Connell, ao afirmar que a masculinidade é a tomada de posição nas relações de gênero, compreendem que o ser humano não é passivo e não está inteiramente à mercê da sociedade e das imposições sociais nas suas posições de gênero.

Connell, ao estudar essas posições nas relações de gênero se concentra em teorizar acerca da masculinidade, pois os Estudos de Gênero muito já se fixaram nas questões relativas ao feminino. Masculinidades seriam, de acordo com a autora, “as práticas pelas quais homens e mulheres se comprometem com esta posição de gênero e os efeitos destas práticas na

² No original: “When the doctrine of existential choice is used in this context, it is assuredly insidious, but this uage is itself a misusage which diverts attention from the empowering possibilities of the position” (BUTLER, 1986, p. 40-41).

experiência corporal, na personalidade e na cultura”³ (CONNELL, 1995a, p. 71). Essa masculinidade, significando uma construção intrincada e precária, bem como prática enquanto ação voluntária, racional e premeditada, executada pelo homem e com significado histórico, é definida por ela como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (CONNELL, 1995b, p. 188), sendo que ela se refere à

configuração de prática significando a ênfase nas experiências concretas presentes no cotidiano de muitos homens e não apenas os comportamentos que as sociedades esperam dos homens nos diferentes contextos socioculturais. (CONNELL, 1995b, p. 187)

Destarte, Connell exorta que existe uma forma ideal, um conjunto de atributos que significam o masculino, culturalmente sancionada pela sociedade, ainda que nem todas as sociedades tenham adotado e separado uma forma binária compulsória (1995a). As masculinidades são, dessa forma, configurações de práticas, isto é, tem sua ênfase colocada naquilo que as pessoas fazem, não apenas naquilo que é esperado ou imaginado dos homens na estrutura das relações de gênero, com uma racionalidade e um significado histórico. Essas configurações se realizam na ação social e se diferenciam de acordo com as relações de gênero, elas não são traços fixos na personalidade de um indivíduo. Existe normalmente mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. Se as masculinidades são configurações com significado histórico, elas são também um produto histórico e, como tal, portanto, são constantemente reconstruídas e estão em constante transformação através da história.

A masculinidade associada ao conceito de papel sexual é uma narrativa normativa, “uma definição de conduta e dos sentimentos apropriados para os homens”⁴ (CONNELL, 1995a, p. 190). Ela não é apenas polarizada em relação à feminilidade, mas oposta. Quando Connell (1995a) alude à posição dos homens nas relações de gênero, se referindo às configurações de práticas que os posicionam, está, paralelamente, fazendo simetria às feminilidades. Essa conformação de masculinidade culturalmente sancionada pela sociedade seria

³ No original: “the practices through which men and women engage that place in gender, and the effects of these practices in bodily experience, personality and culture” (CONNELL, 1995a, p. 71).

⁴ No original: “a definition of appropriate feelings and conduct for men” (CONNELL, 1995a, p. 190).

aquela que dita os preceitos, normativa, pois, é considerada hegemônica sobre todas as outras formas existentes de masculinidade, as quais seriam em relação a essa conformação em particular, subordinadas, cúmplices ou marginalizadas (CONNELL, 1997, p. 39-43). Tal conformação incorpora a forma mais honrada de ser um homem, exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens e dos homens a outros homens.

Para a socióloga, os estudos antropológicos sobre masculinidades mostram também a tendência a identificar masculinidade com homens; com os atos, pensamentos próprios dos homens ou que os homens produzem para colocarem-se como homens, e em oposição às mulheres. Connell considera que se a narrativa convencional não está incorreta, ela é incompleta, porque adota apenas “uma das formas de masculinidade para definir a masculinidade em geral”⁵ (CONNELL, 1995a, p. 192). Por conta disso, em seus estudos sobre gêneros e políticas da masculinidade, Connell afirma não haver singularidade neste conceito. Masculinidade deve ser sempre pensada no plural, dizendo tratar-se não de *masculinidade*, mas de *masculinidades*, pois existe “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade” (CONNELL, 1995b, p. 188).

Connell igualmente critica o conceito de papel masculino para compreender o “gênero masculino”, considerando o gênero como um molde, que omite a atividade do sujeito na construção de sua personalidade masculina. Se o projeto de construção da masculinidade pode ser tanto individual quanto coletivo, as masculinidades são igualmente reconstruídas no plano individual ou coletivo. Na construção e reprodução das masculinidades estão envolvidas relações de poder, violência ou desigualdade material que, segundo Connell, o conceito de papel masculino não nos permite compreender. Conforme argumenta a teórica australiana, trata-se de um conceito que não nos permite ver as complexidades no interior da masculinidade e as múltiplas formas de masculinidade (CONNELL, 1995b, p. 188). Logo, podemos afirmar que não há uma única configuração na construção do masculino nas sociedades, visto que as masculinidades são compreendidas como

⁵ No original: “One of the patterns of masculinity to define masculinity in general” (Connell, 1995a, p. 192).

configurações de prática, mutáveis e dependentes de fatores históricos, em torno da posição dos homens nas relações de gênero.

Quanto ao gênero e distribuição de poder; Connell utiliza-se da argumentação de que gênero é uma categoria através da qual se pode, não só analisar as relações sociais, mas também, compreender o caráter político que está inserido e que impera em nossas relações e que essas podem influenciar a pirâmide hierárquica da sociedade e atuar no indivíduo e na construção de suas masculinidades.

Assim, a teórica formula o conceito de “masculinidade hegemônica” para referir-se ao grupo masculino que se constitui como referência legitimada pela sociedade através de suas representações e práticas, argumentando, ainda, que o

conceito de masculinidade hegemônica foi primeiro proposto em relatórios de um estudo de campo sobre desigualdade social nas escolas australianas; em uma discussão conceitual relacionada à construção das masculinidades e à experiência dos corpos de homens; e em um debate sobre o papel dos homens na política sindical australianas. O projeto nas escolas forneceu a evidência empírica de múltiplas hierarquias – de gênero e ao mesmo tempo de classe – entrelaçadas com projetos ativos de construção do gênero. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 242)

A masculinidade hegemônica, como ela é percebida por Connell, é uma versão criada, ideológico-discursivamente construída, imaginada, considerada como padrão e disseminada e, a todo momento, busca ser consolidada nas performances de masculinidades. Para Connell, significa a superioridade que um grupo de homens possui sobre os demais, tornando-se assim um grupo soberano. A masculinidade hegemônica seria, destarte, uma “configuração de gênero que incorpora a resposta atual aceita para o problema da legitimidade do patriarcado, garantindo a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres” (GARCIA, 1998, p. 46). O adjetivo *hegemônico* assinala, porquanto, uma constante luta pela posição de preponderância de alguma coisa sobre outra: a nível conceitual, a hegemonia indica um equilíbrio entre o domínio e a liderança; em sentido figurado, a hegemonia indica uma supremacia ou poder de um elemento sobre outro, podendo ser sobre pessoas ou coisas. Esse grupo que detivesse a hegemonia possuiria influência em diversas áreas, especialmente em termos econômicos, culturais, enfim, deteria o poder em todas as suas formas, inclusive em termos políticos.

O filósofo e cientista político marxista italiano Antonio Gramsci formulou primeiramente o conceito de hegemonia que informa a discussão proposta por Connell, mesmo que a concepção de Connell nele não se esgote. Para Gramsci, hegemonia é o domínio de uma classe social sobre as outras, em termos ideológicos, particularmente o domínio da burguesia sobre o proletariado e outras classes de trabalhadores. Em outras palavras,

O termo gramsciano de “hegemonia” foi corrente, no período, em tentativas de compreender a estabilização das relações de classe. No contexto da teoria dos sistemas duais, a ideia foi facilmente transferida para o problema paralelo das relações de gênero. Essa transferência teve significativo risco de mal entendimento. Os escritos de Gramsci focam nas dinâmicas da mudança estrutural envolvendo a mobilização e a desmobilização de classes inteiras. Sem um foco claro nesse tópico da mudança histórica, a ideia de hegemonia teria sido reduzida a um modelo simples de controle cultural. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 243)

Se os gêneros são construídos social e discursivamente, também homens e mulheres se definem, se “arquitetam”, assim como a seus corpos e suas sexualidades. As práticas sociais determinam os processos pelos quais as pessoas refletem suas tendências, suas preferências sexuais, suas concepções diante da vida e suas pretensões na escala social. Os corpos refletem as esperanças das pessoas e as práticas sociais e os efeitos dessas práticas refletem-se nos estilos de vida almejados, nas perspectivas de atuação profissional e nas expectativas de relacionamento afetivo-sexual.

Cabe-nos, então, pensar em que medida os corpos importam nessas configurações de gênero, e fundamentalmente, na construção das masculinidades. O corpo, enquanto categoria de análise, existe independente das condições da sociedade em que estamos inseridos e de sistemas culturais; tanto pode ser compreendido como o substrato biológico de que somos feitos, quanto não escapa das construções sociais e nem, portanto, da edificação da feminilidade e/ou da masculinidade. Sendo assim, podemos afirmar que o corpo não carrega em si somente a anatomia biológica sem que antes de mais nada nele sejam acopladas marcas do discurso, dos condicionamentos sociais. Se o corpo é marcado pelo gênero, “generificado”, e o sexo é marcado pelo discurso, o

“corpo é uma situação”, (...) não se pode aludir a um corpo que não haja sido desde sempre interpretado mediante significados culturais; portanto, o sexo poderia não cumprir os requisitos de uma facticidade

anatômica pré-discursiva. De fato, se demonstrará que o **sexo, por definição, sempre foi gênero**. (BUTLER, 2008, p. 57, grifo nosso)

Para Connell, gênero é o modo pelo qual a sociedade considera os corpos e as implicações desse modo de ver esses corpos nas atuações do cotidiano e nas práticas individual e coletiva. Conforme Connell, os corpos são agentes e resultados de uma construção social; são preparados dentro da sociedade para representarem o que é associado com o masculino e o feminino, para reproduzir os ditames da sociedade que exaltando um corpo que espelhe o que é considerado normatividade nesta sociedade reafirmando a masculinidade ou exaltando a feminilidade. Os corpos, da mesma maneira que o gênero, são “construídos” pelos indivíduos, portanto mutáveis, dentro das práticas sociais. Os indivíduos trabalham seus corpos, sejam masculinos ou femininos, com a ajuda da sociedade em sua totalidade e de práticas sociais através de métodos e técnicas corporais diversas. Destarte, Connell afirma que, os

corpos são tanto objetos da prática social quanto agentes na prática social. Os mesmos corpos, ao mesmo tempo, são ambos. As práticas nas quais os corpos estão envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, as quais, por sua vez, fornecem as condições de novas práticas, nas quais os corpos são abordados e envolvidos. Há um laço, um circuito, ligando processos corporais e estruturas sociais.⁶ (CONNELL, 2009, p. 67)

Os corpos são naturalizados em relação ao sexo ou marginalizados quando há expectativas não preenchidas, pois esses corpos desafiam o que é estabelecido como normal, ou seja, a heteronormatividade. O que for considerado desviante será sancionado e rejeitado; o que estiver dentro dos padrões será ratificado. Qualquer violação às práticas sociais será punida ou ignorada.

Não há como edificar a masculinidade, sem dar a devida importância ao corpo já que este mantém uma complexa relação com a masculinidade e a sexualidade. Assim como as masculinidades são plurais também os corpos o são; cada um com seu fluxo particular e distinto. Se os corpos existem no plural e na diversidade, cada um deles procura seu próprio caminho a percorrer.

⁶ No original: “Bodies are both objects of social practice as agents in social practice. The same bodies, at the same time, are both. The practices in which bodies are involved form social structures and personal trajectories, which in turn provide the conditions of new practices in which bodies are addressed and involved. There is a loop, a circuit, linking bodily processes and social structures” (CONNELL, 2009, p. 67).

Connell compreende, portanto, que a sociedade considera e trata o corpo como um campo, uma arena, trazido para os processos sociais, onde a conduta social faz alguma coisa com a diferença reprodutiva, afirmando que o conceito de gênero não deve deixar o corpo de lado, como se esse fosse apenas um produto de construções sociais. Desta forma, é pelo gênero que a prática social se dirige aos corpos; e que para compreender o modo da estruturação do gênero são essenciais as distinções entre corpos, principalmente aquelas relacionadas ao sexo, mas que, não necessariamente, gênero deve refletir uma diferença entre macho e fêmea reificada pela cultura (CONNELL, 1995a, p. 45). As distinções entre corpos, principalmente aquelas construídas discursivamente em relação ao sexo (ou seja, aquelas naturalizadas socialmente, tendo como princípio o biológico), são centrais, para a compreensão do modo pelo qual o gênero se estrutura, mas Connell reafirma que é preciso tirar a ênfase das “diferenças” e pensar nas “relações”. Um corpo musculoso pode ajudar a destacar um masculino e levá-lo a ocupar posição de relevância em detrimento de corpos menos significantes, assim como um corpo feminino dentro dos padrões admirados pela sociedade pode colocar-se em destaque.

De acordo com Butler,

o corpo estabelece limites para os significados imaginários que ocasiona, mas que nunca está livre de uma construção imaginária. (...) Os limites do "real" são produzidos no campo da heterossexualização naturalizada dos corpos em que os fatos físicos servem como causas e os desejos refletem os efeitos inexoráveis dessa fisicalidade. (BUTLER, 2003, p. 108)

Butler questiona, ainda, se o corpo é mantido dentro dos limites de seu sexo por forças políticas e quais seriam os interesses estratégicos de constituir os marcadores do sexo aos corpos, ao interrogar-se se “é “o corpo” ou “o corpo sexuado” o firme fundamento sobre o qual o gênero e os sistemas de sexualidade obrigatória operam. Neste contexto, a autora afirma que

a distinção sexo/gênero e a própria categoria sexual parecem pressupor uma generalização do ‘corpo’ que preexiste à aquisição do seu significado sexuado. Amiúde, este “corpo” parece ser um meio passivo, que é significado por uma inscrição a partir de uma fonte cultural representada como “externa” em relação a ele. (BUTLER, 2003, p. 185)

Lançando mão da conceituação teórica acima exposta, pretendemos, portanto, observar as representações de masculino em conflito em *Um certo*

capitão Rodrigo, com a finalidade de compreender de que forma as construções discursivas a estes atreladas foram eleitas de maneira a dialogar com lógicas generificadas de masculinidades eleitas como hegemônicas. O gênero e a corporeidade são construções sócio-discursivas que se dão por processos de reprodução dos padrões da sociedade, seja por processos mais sofisticados, como retratar estilos compatíveis com o modelo de vida cobiçado, refletir os comportamentos adequados aos padrões de trabalho ambicionados e/ou as expectativas de relacionamento afetivo-sexual, ou à ocupação do lugar almejado na hierarquia social ou à conquista de objetivos ambicionados.

A história e outras contingências marcaram a divisão social de gênero que culminaram na hegemonia masculina sobre as mulheres e até mesmo sobre os outros homens. A mensagem preponderante: ser homem heterossexual é ser diferente do outro, diferente de uma mulher, diferente dos homossexuais, das lésbicas; ser homem é ser melhor. Sendo assim, o conceito de masculinidade hegemônica está apoiado nos modelos tradicionais do homem branco, androcêntrico, heterossexual, másculo e machista. Por ser um modelo sancionado pela sociedade como ideal, muitos jovens procuram imitar este modelo que proporcionará a eles aprovação da sociedade em que estão inseridos. Todavia, encontramos formas de lutas para que esta dominação acabe, isto é, negar essa supremacia e lutar para que os indivíduos possam conviver de forma igualitária com seus semelhantes. Neste sentido, Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello, em seu prefácio à *História da Virilidade*, afirmam que

a dominação masculina persiste, mas tende a perder seu sentido à medida que a igualdade avança. A “autoridade” do homem sobre a mulher, por exemplo, não saberia mais ter qualquer fundamento, tanto como a superioridade pretendida do macho (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 8)

Há, portanto, uma tentativa de igualar todos os homens através de posicionamentos, discussões, lutas e uma marcante tentativa de se criar leis que permitam a todos se expressarem com novas identidades sexuadas e sexuais, se assim o desejarem, impedindo reações tais como homofobias e condutas que privilegiem a heteronormatividade. Connell e Messerschmidt acreditam, assim, que uma “reavaliação compreensiva do conceito de masculinidade hegemônica parece valer a pena. Caso prove ser útil, o conceito

deve ser reformulado em termos contemporâneos” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 242), desde que as perspectivas futuras para tratar os gêneros, a sexualidade, os corpos e as masculinidades transitem e habitem tanto o campo social quanto o biológico. Não há como separá-los uma vez que os gêneros são construídos social e discursivamente assim como também homens e mulheres definem seus corpos e suas sexualidades. As práticas sociais determinam os processos pelos quais os seres humanos se relacionam e refletem suas expectativas.

1.1. A tensão entre as masculinidades

A masculinidade hegemônica é aquela relação historicamente móvel, seu fluxo e refluxo são elementos chave do quadro de masculinidades. Pode diferenciar-se em um determinado padrão de relações de gênero, em uma determinada política de gênero, não possuindo, portanto uma distinção fixa, nem imutável, estando inserida em um processo histórico de relações de gênero (CONNELL, 1995a).

Neste sentido, Connell (1997, p. 40) se refere a quatro conformações de gênero: hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização. O primeiro padrão fundamental de masculinidade, a masculinidade hegemônica, assegura a posição dominante dos homens e a subordinação não só das mulheres, mas também de outros masculinos. Para Raewyn Connell, quando os requisitos para a conservação do patriarcado mudam, os embasamentos para a dominação ou hegemonia de uma masculinidade em especial são gradativamente destruídas.

A segunda configuração, de acordo com Connell (1997, p. 40), é a subordinação. Essas relações de dominação e subordinação não são específicas em relação às mulheres, mas dão-se, também, entre grupos de homens frente à hegemonia do grupo que exerce a dominação comportamental e cultural em dada sociedade. Mesmo sendo um homem, um dominante, (se o compararmos em relação às mulheres e a outros homens posicionados na hierarquia em condição inferior) todo homem está, também, submetido às hierarquias masculinas, pois nem todos os homens têm o mesmo poder ou os

mesmos privilégios. O mais forte, o mais preparado domina, os outros se subordinam.

A cumplicidade, terceiro padrão fundamental de masculinidade, é o meio pelo qual os homens estabelecem alguma conexão com o projeto hegemônico, sem assumir completamente a masculinidade hegemônica. Nem todos os homens desempenham integralmente seus papéis dentro de um modelo de masculinidade hegemônica. De acordo com Connell, “um grande número de homens tem alguma conexão com o projeto hegemônico, mas não encarna a masculinidade hegemônica”⁷ (CONNELL, 1997, p. 41). Destarte, alguns homens acabam abusando de uma estratégia de cumplicidade em relação à masculinidade hegemônica, valendo-se de atos e costumes predominantes de performances coativas, em suas relações, para poderem dar conta das exigências do que é ser homem. Se ocupam uma posição superior na pirâmide hierárquica em determinado contexto, em outro podem estar numa posição de inferioridade. E, aqui, a cumplicidade à posição hegemônica pode ser de grande valia.

Um outro padrão de ordenação, ainda, se relaciona com a marginalização que avulta, com mais intensidade, as relações entre as masculinidades. A posição de “marginalização” mostra-se carregada da “autorização da masculinidade hegemônica do grupo dominante”⁸ (CONNELL, 1997, p. 42).

A estudiosa ressalta ainda que a masculinidade “é simultaneamente uma posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais homens e mulheres se comprometem com essa posição de gênero, e os efeitos dessas práticas na experiência física, na personalidade e na cultura”⁹ (CONNELL, 1995a, p. 71).

Dentro dessas relações, os personagens de *Um certo capitão Rodrigo* operam preocupações com seus corpos, dirigem seus relacionamentos com as representações de femininos e de masculinos que os rodeiam. Através desses diálogos e confrontações, se constroem reflexões e são incorporadas atitudes

⁷ No original: “Un gran número de hombres tiene alguna conexión con el proyecto hegemónico, pero no encarna la masculinidad hegemónica” (CONNELL, 1997, p. 41).

⁸ No original: “autorización de la masculinidad hegemónica del grupo dominante” (CONNELL, 1997, p. 42).

⁹ No original: “is simultaneously a place in gender relations, the practices through which men and women engage that place in gender, and the effects of these practices in bodily experience, personality and culture” (CONNELL, 1995a, p. 71).

relacionais, explicitando visões de mundo, bem como são reiterados posicionamentos eleitos por ideologias que subjazem aos textos literários. Neste sentido, os próximos capítulos apresentam a análise dos personagens à luz dos pressupostos teóricos de Connell.

2. Masculinidades em conflito: um estudo comparado dos personagens de *Um certo capitão Rodrigo*

Pensar masculinidades quando nos propomos a analisar textos literários, é pensar em redes discursivas que envolvem a construção dos personagens. Dentre todas as representações que compõem o universo das obras de Verissimo, selecionamos as figuras do Capitão Rodrigo Cambará e alguns personagens que o rodeiam e as relações que Rodrigo estabelece com eles, as quais se dão através de palavras e ações significativas em um código de honra, em sua maioria, permeadas pelo imaginário da guerra, embates e demonstrações de força, confrontos ligados a questões de domínio; tentativas recorrentes de tomada de poder numa luta permanente pela hegemonia. Ao apresentar o capitão Rodrigo Cambará, o narrador de *O tempo e o vento* o descreve como um homem que forma-se através das diversas guerras.

Um Certo Capitão Rodrigo é o terceiro episódio do primeiro volume de *O continente*, parte da trilogia *O tempo e o vento*, que compreende também *O retrato* (parte II) e *O arquipélago* (parte III). A narrativa começa no ano de 1828, quando o Capitão Rodrigo chega ao povoado de Santa Fé, um lugar fictício no interior do Rio Grande do Sul, cansado de guerras.¹⁰

Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman no artigo *O tempo e o vento revisitado*, publicado na abertura da obra *O tempo e o vento, História, invenção e metamorfose*, uma fortuna crítica sobre Erico Verissimo, salientam que “nenhum historiador negaria o papel seminal que *O tempo e o vento* exerceu desde a publicação de *O continente*, primeiro volume da trilogia em 1949” (BORDINI; ZILBERMAN, 2004, p. 13).

Um Certo Capitão Rodrigo é o terceiro episódio do primeiro volume de *O continente*, parte da trilogia *O tempo e o vento*, que compreende também *O retrato* (parte II) e *O arquipélago* (parte III). A escolha desta parte para a análise

¹⁰ O conflito em questão seria a Guerra da Cisplatina pela posse da banda oriental, a qual mobilizou o Rio Grande do Sul, numa intensa campanha militar que durou até 1828 (PESAVENTO, 1982, p. 37). Outras informações sobre as guerras, nas quais o Capitão Rodrigo estivera encontram-se na edição de *O tempo e o Vento* e *O Continente I* (2004). Esta cronologia relaciona acontecimentos históricos a construções ficcionais (Cf. http://www.profdomingos.com.br/o_continente_um.pdf Acessado em 25 nov. 2014). Vemos, assim, que a construção da história dos Cambarás, mistura-se a uma parte da História do Brasil. Para maiores informações cf. PESAVENTO, 1982.

em questão, se justifica porque é aqui, especificamente, que se dá a clara cristalização do personagem capitão Rodrigo dentro do universo mítico. Ele figura como uma masculinidade mítica, representada pelo mito do gaúcho-centauro, tendo sua sobrevivência possibilitada pela mitificação de sua figura, ainda que as masculinidades sejam representadas através das gerações, das guerras e revoluções, e dos embates pelo poder hegemônico em toda a trilogia. Zilberman no artigo *Historia, mito, literatura* assevera que o foco original de Erico

era a representação da história do Rio Grande do Sul, o que realizou, não apenas pela tradução, no sentido ficcional, dos eventos políticos vividos pela região, mas através do estabelecimento da relação da formação da sociedade sulina como a ideologia dominante e a história oficial (ZILBERMAN, 2004, p. 46).

Erico Verissimo faz em *O tempo e o vento* uma investigação completa do passado histórico do Rio Grande do Sul em três romances, que trazem um vasto texto épico, onde se retratam as famílias fundadoras do continente gaúcho: *O continente*, primeiro volume, é publicado, em 1949, *O Retrato*, foi publicado em 1951 e *O Arquipélago*, em 1962.

O pronome indefinido ‘certo’ que aparece antes do nome do personagem a que está se referindo no título da obra *Um certo capitão Rodrigo* não está ali inocentemente. Ele pretende significar o que há de vago neste personagem que aparece no lugar sem ter nada que comprove sua origem a não ser suas palavras sobre si mesmo, como afirmado pelo narrador:

Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. (VERISSIMO, 1995a, p. 174)

Essa incerteza nos leva a pensar sobre a origem desse homem, de onde vem e quem é ele. E é essa incerteza que ajuda a criar o ambiente propício para causar encantamento aos habitantes de Santa Fé.

Temos alguns indícios para interpretar este capitão que usa sua farda de atuação funcional quando se encontra fora de situação de atividade: “Devia andar lá pelo meio da casa dos trinta, montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólma militar azul, com gola vermelha e botões de metal” (VERISSIMO, 1995a, p 171). Rodrigo pode ser compreendido como um homem da guerra, não da paz,

e isso também, e muito, se deve ao fato de que vivia num lugar propício às guerras:

— Escuta o que vou le dizer, amigo. Nesta província a gente só pode ter como certo uma coisa: mais cedo ou mais tarde rebenta uma guerra ou uma revolução. — Atirou ambos os braços para o lado, num gesto de despreocupação.

— Que é que adianta plantar, criar, trabalhar como burro de carga? O direito mesmo era a nossa gente nunca tirar o fardamento do corpo nem a espada da cinta. Trabalhar fardado, deitar fardado, comer fardado, dormir com as chinocas fardado... (VERISSIMO, 1995a, p. 179)

O narrador deixa a cargo do próprio personagem a narrativa sobre o que tinha feito antes de chegar a Santa Fé: “Venho de muitas guerras” (VERISSIMO, 1995a, p. 179). De acordo com a narrativa, o Capitão sentou praça com 18 anos e em 1811 andou com o exército pacificador que invadiu a Banda Oriental, e entrou em Montevideu em 1817 com as forças do General Lecor. Em princípios de 1821, houve a Revolução do Porto em Portugal e nessa época tornou-se tenente. Em 1825, esteve no combate do Rincón de Iãs Gallinas com Mena Barreto.

Depois do Tratado do Rio de Janeiro, que reconhecia a autonomia da República do Uruguai, Rodrigo chega a Santa Fé e gosta do que vê: “Pois lê garanto que estou gostando deste lugar - disse Rodrigo./ - Quando entrei em Santa Fé, pensei cá comigo: capitão, pode ser que vosmecê só passe aqui uma noite, mas também pode ser que passe o resto da vida” (VERISSIMO, 1995a, p. 176). Assim, em outubro daquele ano, com um lenço encarnado no pescoço, Rodrigo Cambará chega naquela cidadezinha no meio dos pampas gaúchos. Santa Fé é apresentada como um vilarejo, no qual os homens trabalhavam, respeitavam e guardavam as mulheres para o casamento e a honra era lavada com sangue. Rodrigo, ao chegar na cidade e entrar num bar, já provoca sentimentos controversos e desagrada algumas pessoas do lugar. Quase arruma uma briga ao fazer um cumprimento atrevido, mas acaba conquistando os homens que lá estavam, entre eles Juvenal Terra, e consegue conversar amigavelmente com este e ao mesmo tempo encantar os outros homens presentes. Apesar disso, Juvenal tem algumas reservas contra o Capitão, por julgá-lo não adequado à pequena cidade de Santa Fé, conforme o seguinte diálogo entre os dois personagens:

— Então vosmecê acha que não posso passar aqui nem três horas.

- Não foi bem isso que eu disse.
- Mas deu a entender.
- Mais ou menos.
- E por quê?
- Tudo pode acontecer, não pode?
- Quer dizer que hai valentões por acá. E decerto eles vão se estranhar comigo... (VERISSIMO, 1995a, p. 176)

Rodrigo Cambará é representado como um personagem com um grande sentimento de incompletude, fanfarrão, barulhento, materialista, risonho, debochado e jovial. Rodrigo tem pela vida e seus prazeres uma imensa paixão que permanece incompleta. Tinha andado por muitas guerras, sem fixar-se em lugar certo. Rodrigo perseguia um destino que acreditava ser morrer guerreando. Segundo ele mesmo, desde pequeno ouve acerca deste destino: “Os Cambarás homens têm morrido em guerra, duelo ou desastre. Há até um ditado que diz: “Cambará macho não morre na cama” (VERISSIMO, 1995a, p. 203).

Em seu aspecto guerreiro, Rodrigo pode ser comparado aos heróis existentes nas epopeias gregas, das quais os destinos estão atrelados às guerras, pois só se poderia achar um sentido para a existência ao guerrear. Rodrigo tinha se criado sem mãe, já aos doze anos trabalhava no campo com a peonada, sem muitos pensamentos e nem muitos questionamentos, aceitando o que estava por vir, descrevendo-se como quem nasceu “caminhando feito filho de perdiz”¹¹ (VERISSIMO, 1995a, p. 211). Logo que chega a Santa Fé, Rodrigo conhece Bibiana e se apaixona, vislumbrando novas possibilidades, uma maneira de quebrar a marcha do destino. Pensa, pela primeira vez, em casar e ter família, viver calmamente, um dia depois do outro, por anos intermináveis, deixando-se ficar e assentar raízes. Fantasiava que já estava cansado de guerras e andanças e que já era tempo de fixar-se e cuidar do futuro. Rodrigo, não se sabe se por vontade de romper as tramas do destino, ou porque acreditou que o amor e o corpo de Bibiana lhe trariam outras expectativas de vida, ou porque pensou que poderia acostumar-se à rotina e à

¹¹ Acreditamos que o sentido desta declaração de Rodrigo talvez seja significar que se criou sozinho, sem mãe, pois a perdiz fêmea, logo após postar seus ovos, sai em busca de outro companheiro para preparar nova ninhada deixando a antiga ninhada aos cuidados do perdiz macho, o responsável pela incubação dos ovos. Informações retiradas de *Avaliação do desempenho reprodutivo de perdiz (Rhynchotus rufescens)* em Zoológicos brasileiros durante o período 1991/2001. Disponível em <http://www.spzoo.org.br/avaliacao-do-desempenho-reprodutivo-de-perdiz/> Acessado em 09 de jan. 2015.

vida doméstica, parece ignorar sua própria perspectiva de vida; esquece que cresceu orientado pela crença de não morrer deitado, de não morrer de velhice, nem de doenças, que sua missão era morrer na luta, peleando, “tem coisas que se aprende quando é menino ou nunca mais” (VERISSIMO, 1995a, p. 204). Rodrigo ao mencionar sua morte, orgulhosamente, acentua o fato de que vem de uma família de guerreiros, os quais morrem em guerras. O papel de morrer de velhice, de doenças seria relegado às mulheres, fazia parte da condição feminina, assim como cuidar dos filhos e da casa, como afirma: “Na minha família quase ninguém morre de morte natural. Só as mulheres, assim mesmo nem todas” (VERISSIMO, 1995a, p. 204). Aos homens teria que ser dada a morte devida dos guerreiros, na defesa das fronteiras:

Se cotejarmos esse modelo (de herói) e do gaúcho heróico, chegaremos ao denominador comum da coragem demonstrada nos eventos bélicos, da necessidade de forjar uma identidade, o que no herói mítico é representado pela busca da origem nobre; e da morte como vitória, no caso, a morte honrosa pela defesa das fronteiras, o que se traduz como principal feito do salvador. (ALVES, 2005, p. 20)

Em *Um certo capitão Rodrigo*, há personagens com representações bem marcadas tanto de masculino quanto de feminino bem como das identidades sexuais inscritas nos corpos das mais diferentes maneiras, fazendo com que esses corpos desempenhem funções relevantes na conduta e fundamentais nas trajetórias dos personagens. Os corpos femininos e masculinos são construídos dentro de configurações de poder, principalmente quando nos referimos ao corpo masculino viril, pois como afirmado por Georges Vigarello

o termo latino *vir* estabelecerá por longo tempo em inúmeras línguas ocidentais, virilidade, “virilidade”, virility, princípios de comportamentos e de ações designando, no Ocidente, as qualidades do homem concluído, dito outramente, o mais “perfeito” do masculino. (VIGARELLO, 2013, p. 11)

Se por um lado *vir* denota o comportamento esperado do masculino, por outro, incorpora-se a relação estabelecida entre o corpo e a sexualidade, pois ambos se constroem dentro de sistemas de poder. Neste sentido, concordamos com Michel Foucault, o qual afirma que:

a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2013, 116-117)

Destarte, atreladas as questões concernentes as performances corporais, destacamos as encenações desse corpo masculino no que tange à construção da sexualidade dessas representações de masculinidades em particular.

2.1. Das relações com o feminino: Rodrigo e as ‘mulheres’

Na concepção de Jean-Paul Thullier, podemos associar a sexualidade com a condição de guerreiros, visto que a sexualidade seria uma guerra: se for ativa significa vitória, se impotente, tem o sabor de derrota, “visto que a vitória é assemelhada a uma penetração sexual, e a derrota, apesar dos atos de heroísmo, traduz o fracasso da virilidade” (THULLIER, 2013, p. 117).

“Se o território da virilidade em grande medida é o do corpo” (MANDRESSI, 2013, p. 266), o corpo do capitão carrega marcas intensas dessa virilidade: “o queixo voluntarioso” (VERISSIMO, 1995a, p. 177). Essas marcas dizem muito sobre sua personalidade bélica, tanto ou mais que suas palavras sardônicas. Rodrigo transmite às personagens que o circundam, emoções contraditórias de admiração e censura em diversos níveis de intensidade, que competem entre si, trazendo-as visíveis inclusive para os homens. Todos podem ver essas marcas de sua virilidade e sexualidade. A ignorância e a rudeza de Juvenal podem estar incluídas na escolha do uso da palavra *beijo*, “os beijos dum vermelho úmido, meio indecente” (VERISSIMO, 1995a, p. 177). Juvenal percebe a emissão de uma mensagem que dizia que “o diabo do homem tinha feitiço” (VERISSIMO, 1995a, p. 216). Todavia, esta seleção de palavras, ao organizar o pensamento, pode estar veiculando a associação, numa análise inconsciente que Juvenal possa estar fazendo com o instinto animal que pressente em Rodrigo Cambará, através da visualização de seus lábios exageradamente carnudos.

Rodrigo mostra-se um homem capaz de conquistar muitas mulheres, pois quando o narrador lhe dá voz no diálogo que teve com Juvenal e com os homens do bar, ele afirma: “Houve uma noite que eu fui para o quarto com três. E dei conta do recado. Tinha nesse tempo vinte e poucos anos” (VERISSIMO, 1995a, p. 176). Seu ímpeto e carisma atraíam muitas mulheres. O personagem

demonstra uma paixão muito forte pelos prazeres da vida, inclusive os da cama e mesa, como demonstra a fala de Padre Lara: “sei que vosmecê é um homem que veio de muitas guerras, gosta de jogo, de mulheres e de bebida” (VERISSIMO, 1995a, p. 201).

Assim que chegou ao povoado, Rodrigo procurou por mulheres. Ao ser informado por Juvenal que não seria fácil, ele pegou para si a primeira que conseguiu: Dona Paula, uma mulher casada e sem grandes atributos, como afirmado pelo narrador: “Tinha uns peitos flácidos e uma pele terrosa. Mas não era repugnante” (VERISSIMO, 1995a, p. 207), e poderia satisfazer a Rodrigo. Desta maneira, podemos considerar que ele desrespeitou, em primeiro plano, a casa de Nicolau ao ter relações com a senhora na casa do homem que o recebera amigavelmente lhe conseguindo um quarto para dormir. A relação entre Rodrigo e Dona Paula é de difícil análise, visto que a narrativa lida com a ambiguidade, ora parecendo que ela consentia, ora denotando um estupro, como demonstra o trecho selecionado:

E, fosse como fosse, era uma mulher. De pé, junto da cama, Rodrigo ouvia o rascar das chinelas da companheira do Nicolau. Sabia que para ir à cozinha Paula tinha de passar pelo seu quarto. Entreabriu a porta e ficou esperando de luz apagada. E quando o vulto da mulher passou, Rodrigo murmurou: - Dona Paula... Ela estacou, muda. Ele a segurou pelos ombros e puxou-a para dentro do quarto. Sentiu que ela tremia toda, como se estivesse com sezões, mas não fez nenhum gesto, não disse a menor palavra. Arrastou-a para a cama. (VERISSIMO, 1995a, p. 207)

Podemos indagar, ainda, se em algum momento ela permitiu uma aproximação, pois como afirmado na narrativa: “Ele sabia que a china **o evitava, como se o temesse. Espiava-o sempre de longe, com seus olhos de animal assustado**” (VERISSIMO, 1995a, p. 207, grifo nosso). Em segundo plano, aparentemente, Rodrigo também desrespeita o corpo feminino.

O narrador relaciona o apetite sexual de Rodrigo à gula. Nesta lógica, o feminino associa-se ao alimento, servindo, portanto, para saciar a fome desse masculino:

O Nicolau tinha saído de casa e ali do outro lado do tabique sua mulher estava numa cama... Não era nem muito moça nem bonita. Mas era uma fêmea. Fazia tempo que Rodrigo não tinha mulher. **Ou tudo aquilo não passava de fome?** (VERISSIMO, 1995a, p. 207, grifo nosso)

A relação feminino e masculino se afirma, portanto, nessa narrativa, na saciação da falta. Neste contexto, o amor não parece ser um conceito relevante, pois a fome está para uma sensação física inevitável, enquanto aquele estaria relacionado a uma fraqueza. Segundo o narrador,

sempre lhe parecera que o único amor digno dum homem era esse que apenas pede cama. O amor de fazer ou cantar versos e mandar flores, esse amor de doer no peito, de dar saudade era amor de homem fraco. Ele cantava versos que falavam em tiranas, saudade e mágoa, só por brincadeira, sem sentir de verdade as coisas que dizia. (VERISSIMO, 1995a, p. 218)

Rodrigo sente fome após um banho de rio:

Ergueu-se de novo e entrou no mato à procura do que comer. Encontrou alguns sete-capotes e pôs-se a devorá-los □cando com uma certa aspereza na boca. Quando sentiu o corpo seco, tornou a vestir-se, montou a cavalo e dirigiu-se para o rancho da Paraguaia. (VERISSIMO, 1995a, p. 271)

A fome o leva até a casa de sua nova conquista:

O rancho cheirava a picumã e a terra úmida.
 — Já comeu? — perguntou Honorina.
 — Comi uns sete-capotes no mato — respondeu Rodrigo.
 — Tem paçoca e arroz.
 Mas Rodrigo já não pensava mais em comida. Puxou Honorina para o quarto e disse:
 — Tira toda a roupa. (VERISSIMO, 1995a, p. 271)

O capitão Rodrigo não estava livre das preocupações com os adereços que lhe enfeitavam; tinham preocupação com seu corpo e com os sinais de alerta que este corpo dava. Seu corpo viril e atlético expressava suas características mais relevantes, pois tratava-se de um corpo guerreiro de quem estava acostumado ao ar livre, aos exercícios de guerra, ao cavalo. A inatividade em que se encontrava ao tornar-se dono de comércio fez com que Rodrigo fosse perdendo as energias. Viver atrás de um balcão, sem atividades físicas, começava a entediá-lo, a fazê-lo desejar montar a cavalo e sair para o mundo, uma vez que tinha medo de perder a energia, ficar gordo e molenga, de se deteriorar. A domesticidade e o cotidiano apresentavam-se como seus maiores inimigos. Em outros termos, o Capitão Rodrigo não podia tolerar o sufocamento do espaço doméstico e familiar:

Rodrigo ficou junto da porta da rua olhando a noite, com um desejo de montar a cavalo e sair para o campo. Santa Fé era triste. Havia ali poucas diversões. A vila mais próxima, Cruz Alta, ficava muito longe... Abriu a boca num bocejo. **E de repente quase num susto - sentiu-se mais gordo, menos enérgico, um pouco molenga.** Fazia tempo que não brigava, que não se movimentava. Aquela vida de balcão, que lhe enferrujava os membros, era de matar um cristão de

aborrecimento. Por que se tinha ele metido naquilo? Por quê? (VERISSIMO, 1995a, p. 289, grifo nosso)

E após longo período de fome, que significava tédio, aborrecimento, falta de novidade no terreno sexual. Rodrigo começou a procurar, portanto, outras mulheres abertamente. De acordo com o narrador de *O tempo e o vento*, uma delas foi uma moça das redondezas a quem usava em troca de dinheiro:

Diziam mais, que frequentava o rancho da Paraguaia, uma índia velha que morava lá para as bandas do cemitério e que cedia a neta de dezoito anos a quem estivesse disposto a pagar por ela alguns patações. Murmurava-se até que Rodrigo, que se enrabichara pela rapariga, dava muito dinheiro à avó para ter o uso exclusivo da chinoca. (VERISSIMO, 1995a, p. 291)

Logo Rodrigo envolve-se com uma alemã recém-chegada a Santa Fé. Vê-se, novamente, diante de uma mulher desconhecida que lhe desperta um grande desejo de sexo e de aventura e assim, saboreia Helga Kunz. Logo no começo das relações, assim que conhecia uma nova mulher, quando estava com muita fome, as mulheres ainda tinham um “sabor” especial, com o qual ele se regalava:

Naquele mesmo instante, atrás do cemitério, Rodrigo contemplava o corpo nu de Helga Kunz. Tinham-se amado – fazia poucos minutos - com uma fúria que o vinho, que ambos haviam bebido na festa, contribuíra para aumentar. Agora, de pé, o capitão olhava para a rapariga, que estava estendida sobre o capim. Como era branco aquele corpo! E como os beijos da "filha do Serigote" tinham um gosto diferente dos de Honorina! Rodrigo sentia-se tão feliz que tinha vontade de gritar. Helga não falava. Poucas palavras sabia de português. E quando a tivera nos braços, ela lhe dissera coisas em alemão - e essa língua estranha soara dum jeito que o deixara mais excitado. Rodrigo tornou a deitar-se junto da rapariga e fez que ela pousasse a cabeça sobre o braço esquerdo que ele estendera no chão. Os cabelos dela tinham um cheiro doce. Nunca em toda a sua vida ele dormira com uma mulher tão loura, tão branca e tão limpa. (VERISSIMO, 1995a, p. 334-335)

E nas viagens que fazia para comprar mercadorias, também procurava outras mulheres. Novamente as metáforas relacionando o feminino e o alimento são evocadas no texto, pois a mulata tinha “uma voz doce como arroz-de-leite e um corpo que cheirava a fruta madura quente do sol” (VERISSIMO, 1995a, p. 274).

Rodrigo vangloriava-se de ter este poder sobre as mulheres, as quais conheceu, principalmente asseverava seu poder sexual, que dizia encantar as mulheres e torná-las submissas: “confirmando o que o capitão Cambará com frequência repetia aos amigos íntimos: “Mulher que vai uma vez comigo pra

cama, vai sempre” (VERISSIMO, 1995a, p. 130). Tratava as mulheres como se fosse um criador de gado que coloca a sua marca e elas fossem sua propriedade: “Essa potranquinha está laçada - concluiu. - Já botei nela a minha marca. (...) Minha marca não sai mais” (VERISSIMO, 1995a, p. 167). No entanto, vale lembrar que mesmo após ser “marcada” por Rodrigo Cambará, Helga Kunz foi embora na garupa do noivo e o deixou em Santa Fé, amargando a dor de ser abandonado.

As mulheres sempre rodeavam os soldados durante as guerras. Rodrigo viveu muito tempo num ambiente onde as mulheres eram pensadas como objetos destinados a servir aos soldados, prêmios existentes nos acampamentos, à disposição deles, para lançarem mão quando quisessem aplacar suas necessidades físicas, sem maiores preocupações ou compromissos quando o amanhã chegasse:

- Hai pessoas que não se preocupam com o amanhã.
- Mañana es otro día, como dizem os castelhanos.
- Quem não tem família nem obrigação pode pensar assim. (VERISSIMO, 1995a, p. 179)

Rodrigo comenta com Juvenal o fato de haver muitas mulheres seguindo os soldados:

Houve uma hora que eu senti o bucho tão cheio de vinho e churrasco que pensei que ia rebentar. Só sei que lá pelo anoitecer acordei completamente nu numa cama não sei de quem, num quarto não sei onde e ao lado duma mulher não sei de quem nem de onde. Soltou outra risada e deu uma palmada na mesa. (VERISSIMO, 1995a, p. 178)

Elas os seguiam e permaneciam no acampamento de guerras com estes:

Muitas chinas percorriam
 Pelas margens dos banhados
 Levando cada uma delas
 Aos dez e doze soldados. — Pois era mesmo! — comentou Rodrigo.
 — A soldadesca o que queria era dormir com as piguanchas. (VERISSIMO, 1995a, p. 180)

Todavia, essa associação parece ser relativizada na narrativa, no momento em que Rodrigo conhece Bibiana: “O que a princípio fora apenas desejo carnal, agora era também um pouco ternura: era amor”¹² (VERISSIMO, 1995a, p. 218).

¹² A análise mais aprofundada da relação entre esses dois personagens se dará no subcapítulo 2.1.1. Rodrigo e Bibiana.

Quando conheceu Bibiana, Rodrigo pela primeira vez deparou-se com uma mulher que deveria esforçar-se para conquistar. Ele teria roubado Bibiana se a amizade que sentia por Juvenal, irmão da moça e amigo adquirido ao chegar a Santa Fé, não o impedisse, “porque não queria perder a amizade de Juvenal” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 140). Essa seria sua guerra naquele momento: vencer e ganhar Bibiana como prêmio. Podemos dizer, aqui, que Rodrigo gostaria de ter possuído Bibiana sem ter que se sujeitar ao rito do casamento: “Depois - concluiu ele com certa irritação - parecia que só poderia dormir com a moça se casasse com ela...” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 201), o que teria lhe contrariado um pouco ao mesmo tempo que lhe atiçou os desejos. Estava sem “peleias”, sem guerras a batalhar. O esforço para possuir a moça atiçou-lhe o espírito guerreiro e competitivo.

2.1.1. Rodrigo e Bibiana

Rodrigo e Bibiana são representações com características inerentes bem marcadas de um masculino e de um feminino eleitos para configurar como parte de uma engrenagem, na qual construções subjetivas se instalam. Essas constituições são observadas no ambiente de Santa Fé, espaço no qual a masculinidade hegemônica é valorizada.

Rodrigo Cambará fixou-se numa cidadezinha no interior do Rio Grande do Sul, representativa de um sistema patriarcal, no qual o modelo hegemônico das relações sociais de gênero garantiu um único padrão: um paradigma de masculinidade que assegurava ao homem o papel, se não de opressor, de dominador, restando à mulher a condição de submissão. Padre Lara, ao descrever a ordem do mundo para Rodrigo, define que “o filho obedece ao pai, a mulher obedece ao marido. Se as coisas não fossem assim, o mundo seria uma desordem” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 201), não havendo, portanto, contestação dessa lógica.

Para Rodrigo todos eram, aparentemente, iguais, já que era contra toda a escravidão. Ele tinha ideias de liberdade diferentemente das pessoas de Santa Fé, onde até mesmo o padre defendia a diferença entre os homens para que a ordem fosse mantida (VERÍSSIMO, 1995a, p. 201) e a hierarquia fosse

estabelecida (VERISSIMO, 1995a, p. 220). O capitão estendia o ideal de direitos iguais a todos os seres, incluindo os negros e não admitia que fossem escravos de outros homens:

Sou contra a escravatura só por uma coisa. É que não gosto de ver homem rebaixado por homem. Nós os Cambarás temos uma lei: nunca batemos em mulher nem em homem fraco; nem nunca usamos arma contra homem desarmado, mesmo que ele seja forte. Quando vejo um negro que baixa a cabeça quando gritam com ele, ou quando vejo um escravo surrado, o sangue me ferve. Depois que vi certos negros brigando no nosso exército contra os castelhanos... Barbaridade!... se eles não são homens, então não sei quem é... (VERISSIMO, 1995a, p. 260)

Esse sentimento, o capitão o desdobrava às mulheres negras. Deste modo, coerentemente, ele proibiu a esposa de ter uma escrava porque isso contrariava sua posição antiescravagista. Agindo e pensando sobre este tema em particular, Rodrigo se equiparava a todos os outros do lugar; negando a igualdade às mulheres ainda que essas se tornassem suas parceiras, em suas próprias relações. A ideia do homem como ser superior à mulher é inerente as atitudes de Rodrigo, tanto que tratava as mulheres como objetos e seres destinados a lhe servir (VERISSIMO, 1995a, p. 217). Rodrigo, apesar de ser um homem cheio de ideais libertários, não discutia a desigualdade entre homens e mulheres. A escravidão pressupunha para este, apenas a condição de subordinação servil nomeada escravatura, não estando a relação homem e mulher contemplada por essa lógica. O capitão deixava que Bibiana lhe servisse de escrava muitas vezes e recusava-se a ajudá-la em qualquer das tarefas domésticas e todo o serviço da casa e dos filhos ficavam a cargo da esposa: “Rodrigo não a ajudava em nada. Bibiana pensara em arranjar uma criada, visto como o marido se recusava a comprar uma escrava” (VERISSIMO, 1995a, p. 295).

Rodrigo não considerava que tratava Bibiana como escrava já que se achava numa situação de cativo devido à relação que mantinha com ela.

O capitão sempre achava que “onde havia padre havia desastre ou morte: enterro, extrema-unção ou casamento” (VERISSIMO, 1995a, p. 200), sempre achava que “casamento também era um desastre, uma prisão, uma espécie de morte” (VERISSIMO, 1995a, p. 200). Seguindo esta lógica, Bibiana representava para Rodrigo a ideia de prisão, já que o mantinha preso pelo casamento que representava uma escravidão: “Outra coisa, padre. No meu

mundo não ia haver casamento” (VERISSIMO, 1995a, p. 257). Bibiana o mantém cativo, ela era a que escraviza e não a escrava. Ela simbolizava o casamento, a morte, a corrente que o mantinha preso em Santa Fé e o reduzira à condição de vender cebolas:

Um fogo ardia no peito de Rodrigo, pondo-lhe um formigueiro em todo o corpo. Era uma sensação de angústia, um desejo de dar pontapés, quebrar cadeiras, furar sacos de farinha, esmagar os vidros de remédio e sair dizendo nomes a torto e a direito.

Quando o caboclo lhe pedira "uma réstia de cebola", ele de repente vira o horror, o absurdo da vida que levava. O cap. Rodrigo Cambará, que fora condecorado com a medalha da cruz dos militares e que possuía uma fé de ofício honrosa; o cap. Rodrigo, **que brigara em várias guerras, estava agora reduzido à condição de bolicheiro: era da laia do Nicolau.** (VERISSIMO, 1995a, p. 270, grifo nosso)

De uma certa maneira, essa rebeldia de Rodrigo por encontrar-se “reduzido à condição de bolicheiro”, ou seja, o desprezo de Rodrigo pelo trabalho manual, pelo trabalho em geral, corrobora a noção de que não se esperava que um homem, considerado hierarquicamente superior por ter uma patente, fizesse serviços considerados subalternos. Os homens não faziam serviços caseiros, pois o “homem verdadeiro não saberia submeter-se a essas atividades triviais” (THOMASSET, 2013, p. 132). Eles trabalhavam na rua e quando estavam em casa descansavam enquanto que as mulheres não tinham este tempo ocioso. Enquanto os homens têm seus momentos de folga, as mulheres trabalham mesmo no momento em que não se dedicam às lides domésticas, empregando esse tempo fiando e tecendo:

Na noite do Dia de Finados, depois de lavados os pratos do jantar, Arminda e Bibiana ficaram costurando à luz duma vela metida num gargalo de garrafa. Sentado na cadeira de balanço, a um canto da varanda que a luz da vela não alcançava, Pedro Terra fumava em silêncio. (VERISSIMO, 1995a, p. 193)

Se, na narrativa, os personagens femininos estão atrelados as atividades do lar, as figuras masculinas, em seu tempo vago, fumam ou tomam chimarrão: “Às vezes em casa, depois do jantar, Pedro ficava fumando junto da mesa, enquanto a mulher e a filha cerziam meias ou bordavam” (VERISSIMO, 1995a, p. 189), demonstrando que o feminino está atrelado ao privado, ao ambiente familiar, e o masculino, ainda que habitando o espaço do lar não se compromete com este, estando ligado a atividades individuais.

Rodrigo é apresentado então, como tradicional, no sentido de que nunca questionou, por viver dentro de um sistema patriarcal, a submissão de Bibiana,

como também não questionou as possibilidades de ter outras mulheres fora do casamento. Ele achava que “um homem podia ter quantas mulheres quisesse. Dez, quinze, vinte, mil...” (VERISSIMO, 1995a, p. 257) e que, se tivesse filhos, estes estariam completamente a cargo das mulheres só cabendo aos homens o papel de educá-los para serem guerreiros e tratar com as mulheres de maneira assídua. O capitão almejava ter um filho, mas um filho crescido, mulherengo e jogador, quem sabe um guerreiro: “O capitão começou a cantar cantigas que falavam em mulher. Pensou em Bolívar e desejou que ele estivesse suficientemente crescido para estar ali agora, nadando em sua companhia” (VERISSIMO, 1995a, p. 193). Queria que o filho crescesse e se tornasse um homem para andar com ele a cavalo ou atrás de mulheres, já que estes feitos, na ideologia do personagem, são atributos do masculino. Não somente o filho necessita incorporar toda a lógica masculina de Rodrigo, mas também não poderia, de forma alguma, se tornar um “maricas”.

— Já viu, Bibiana? É bem Cambará, este diabo. E vai dar muito trabalho às moças. **Quando ele tiver quatorze anos, quem vai procurar mulher pra ele sou eu.**

(...)

— **E se me sair maricas, que Deus nos livre, atiro ele no primeiro perau que encontrar no caminho.**

(...)

— Mas este não tem perigo. Já estou vendo na cara do bichinho. Vai ser macho mesmo. Capitão Bolívar Cambará. Dará muito que falar. Quero viver bastante para ver meu filho homem-feito e poder andar um pouco com ele por este mundo velho.

(...)

— Isso! — dizia Rodrigo. — Bota farinha no capitão. **Cuida bem dele. Daqui a uns vinte anos não há de faltar mulher que queira fazer isso.** Olha só a cara desse sem vergonha! (VERISSIMO, 1995a, p. 262, grifos nossos)

Rodrigo foi anticonvencional, apenas, quando questionou essa ordem mantida na comunidade de Santa Fé, na qual ele teria o papel de marido-provedor da família, já que o homem deveria ter o desempenho de porto seguro. Enfim, todas as consequências e os deveres que a dominação masculina tornava inevitáveis viraram um fardo que Rodrigo não quis e nem pode suportar.

Quando ficou inativo, cuidando da venda e longe das guerras, Rodrigo se atormentava com a deterioração de seu corpo, assim como ver as transformações no corpo de Bibiana também o desgostava: a gula de Rodrigo

diminuía na mesma proporção que as carnes de Bibiana perdiam a aparência apetitosa, deformadas pela gravidez:

A ideia de que ia ter um filho deixava-o alvoroçado, orgulhoso, e ele contava os dias nos dedos, desejando que o tempo passasse e outubro chegasse depressa. Havia, porém, em sua alegria um elemento de impaciência. Porque Bibiana como que se desmanchava aos poucos ante seus olhos sempre gulosos. A rigidez de suas carnes dera lugar a uma flacidez descorada e ela de repente como que se fizera mais adulta, mais mulher. E ele, que já não se podia entregar aos mesmos excessos amorosos - pois além de ser obrigado a cuidados especiais com a esposa já começava a achá-la menos atraente - ficava irritado com a situação e agora já pensava em outras mulheres. (VERISSIMO, 1995a, p. 255-256)

Até então, ele ainda não tinha conhecido a vida cotidiana e o sufocamento do espaço doméstico e familiar. O amor e o casamento eram para ele um empecilho:

Já o amor, na vida do herói, tende a se tornar ameaçador na medida em que o afasta, ao menos temporariamente, de sua trajetória. Nesse sentido, a mulher o seduz e o enfeitiça, podendo funcionar também como porto seguro, onde o herói pode se refazer das batalhas. No entanto, assim que surgirem outros desafios, este porto é abandonado. (ALVES, 2005, p. 20)

Quando passou a viver no mundo cotidiano de Santa Fé, Rodrigo desejou outro mundo, um mundo idealizado por ele, onde fosse, além de macho, livre e sem amarras para ter o que quisesse, sem ter papéis a desempenhar, que envolvessem deveres a cumprir:

Bateu com os calcanhares nas ilhargas do seu zaino, que rompeu a trote pelo meio da rua, rumo ao norte. Em breve o capitão viu o campo livre, incitou o cavalo e precipitou-o a todo o galope. O vento batia-lhe na cara, revolia-lhe os cabelos, fazia-lhe ondular a camisa como uma bandeira. "Amo, zaino velho!", gritava ele acicatando o animal com esporas imaginárias. O zaino galopava e Rodrigo aspirava com força o ar, que cheirava a capim e distância. Quero-queros voaram, perto, guinchando. Longe, uma avestruz corria, descendo uma coxilha. O capitão começou a gritar um grito sincopado e estrídulo, bem como faziam os carreiristas no auge da corrida. Era assim que os soldados gritavam nas cargas de cavalaria. Pena eu não ter trazido a espada! — pensou ele. O pocotó das patas do cavalo, o vuu do vento, o guincho dos quero-queros — tudo isso era música para seus ouvidos. (VERISSIMO, 1995a, p. 270)

Até mesmo em um evento do cotidiano da cidade – o casamento da filha de Joca Rodrigues –, o Capitão parece não se adequar. Todos na cidade pareciam pensar que aquele era um evento de comunhão e alegria, onde todos tentavam se divertir. Rodrigo se sentia meio fora do lugar:

Quando o jantar terminou, a mesa foi desmanchada, os bancos arredados e o terreiro ficou livre para o fandango. No princípio houve

um pouco de acanhamento, os moços não se decidiam a tirar as moças para dançar. Mas Joca Rodrigues os animou, convidando Rosa para a primeira marca. Depois puxou os noivos para o terreiro. Joca sabia que as gentes das ilhas eram dançadeiras e alegres; tinham trazido para o Continente muitas das danças que se dançavam nas vilas e na campanha, como a chimarrita, o vira e tantas outras.

Novos pares vinham para o centro do terreiro e Ataliba, o tocador de violão, aboletou-se no seu mocho, debaixo de um pessegueiro, e começou a pontear a guitarra. Alguém gritou: “Aí, Ataliba velho!”. Rodrigo estava encostado no grosso tronco de uma laranjeira e olhava em torno, meio atarantado. A bebida lhe dera uma tontura boa e quando caminhava ele tinha a impressão de que o chão lhe fugia. (VERISSIMO, 1995a, p. 270)

Rodrigo, bebendo vinho, observava os locais divertindo-se e dançando no casamento e “de seu lugar Rodrigo cocava Bibiana com olhos famintos” (VERISSIMO, 1995a, p. 163). Depois do casamento na capela houve jantar e baile no terreiro da casa de Joca, onde Rodrigo sentiu-se tentado a levar Bibiana consigo:

Só lamentou que não pudesse virar a mesa com um pontapé, dar um empurrão em Bento, tomar Bibiana pelo braço, montar a cavalo, **levar a moça na garupa e ir deitar-se com ela em meio do campo**, sob aquelas mesmas estrelas que o haviam acompanhado em tantas campanhas. (VERISSIMO, 1995a, p. 167, grifo nosso)

Em um momento quase de embate consigo, Rodrigo refreia seus instintos para não raptar Bibiana e levá-la, já que esta não seria a primeira vez que faria isso durante sua vida. Colocava mulheres na garupa do cavalo, ficava com elas o tempo que quisesse e depois largava-as em qualquer lugar:

Achou melhor não continuar, porque não queria perder a amizade de Juvenal. Ia dizer que se Bibiana o amasse, ele **a tiraria de casa e a levaria para longe na garupa do cavalo. Já tinha feito isso com outras mulheres, em outros lugares. Deixava-as depois no caminho, quando se cansava delas.** (VERISSIMO, 1995a, p. 217 grifo nosso)

Rodrigo reificava as mulheres; até mesmo Bibiana, comparava-as, ainda que inconscientemente, com a fome: “Mas antes do mundo acabar - pensava Rodrigo - tenho de dormir com Bibiana Terra. E de novo sentiu fome” (VERISSIMO, 1995a, p. 105). Ele apaixonou-se pela moça, “estava enfeitiçado por Bibiana Terra” (VERISSIMO, 1995a, p. 218), e descobre que a única maneira de tê-la seria casando-se. Tornou-se uma obsessão que só se aplacou, quando ela tornou-se uma “coisa” sua. Rodrigo, (sujeito), casa-se,

(verbo), com Bibiana, (objeto) e come-a na noite de núpcias, como quem come um banquete:

Rodrigo gozou a sua noite de núpcias como quem, depois dum longo período de abstinência, saboreia um jantar especial, com churrasco gordo e bom vinho; mas não se tratava duma refeição comum, dessas em que a gente come em mangas de camisa, à vontade, mas sim duma ceia de cerimônia... (...) Porque todo o seu apetite por Bibiana, havia tanto tempo reprimido, foi um pouco contido pela sensação de estar diante duma donzela, duma moça cuja timidez e pudor eram tão grandes que quase chegaram a contagiá-lo. Mas nem por isso o vinho deixou de subir-lhe à cabeça; nem por isso ele deixou de quebrar cristais ou de revelar sua sofreguidão. (VERISSIMO, 1995a, p. 243-244)

Como Bibiana era novidade almejada e cobiçada por tanto tempo, quase inatingível, o primeiro ato sexual deles, foi considerado por Rodrigo como uma grande refeição onde ele era o comensal de gala, o grande convidado, de um lugar muito refinado. Mas o desejo sexual incomensurável não se mantém por muito tempo e o passar do tempo amainou o apetite de Rodrigo. Bibiana deixou de ser um banquete de luxo e a refeição preferida. O capitão estava saciado. Começou a ter outros apetites sexuais, a desejar outros “alimentos”, outras iguarias:

Rodrigo olhou para a casa de Pedro Terra e pensou nos tempos em que Bibiana vivia lá dentro e ele não lhe conseguia falar. Comparou mentalmente a Bibiana daquela época com a de hoje. Ele a amava ainda, sim, não havia a menor dúvida. Mas seria inútil tentar esconder a verdade de que já não sentia por ela o mesmo apetite de antigamente. (VERISSIMO, 1995a, p. 283)

Rodrigo sempre tratou as mulheres como destinadas a lhe dar prazer; elas sempre foram como despojos de guerra, concedidas aos guerreiros após terem vencido suas batalhas. Rodrigo, ao voltar a Santa Fé, antes da batalha em que morre, trata Bibiana como um despojo de guerra, como alguém colocada ali, antes de sua batalha final, para lhe servir, destinada a saciar seus desejos. Pensou em suas urgências apesar dos *nãos* da esposa:

Apertou mais forte a mulher contra o peito e beijou-lhe a boca longamente. Suas mãos correram pelas costas de Bibiana, seus dedos lhe prenderam a saia, começaram a erguê-la.

Bibiana compreendeu e disse um não sem desmanchar o beijo, um não abafado, pronunciado dentro da boca do marido. Repetiu o não enquanto ele a empurrava na direção da cama. Continuou a dizer não. Agora ele a levava erguida nos braços. Já deitada na cama, ela ainda relutou.

— Agora não, Rodrigo.

Mas ele não lhe deu ouvidos. Tirou o chapéu da cabeça e atirou-o ao chão; deitou-se ao lado da mulher e assim vestido como estava, sem ao menos tirar as botas, tornou a enlaçá-la com os braços. (VERISSIMO, 1995a, p. 297)

Tanto o Capitão quanto Bibiana atuam dentro dos papéis disponíveis e esperados para cada um, numa estrutura de dominação e de poder dentro de uma sociedade definida por relações sociais estabelecidas e naturalizadas, na qual todos participam da produção, da reprodução e da manutenção dessas relações. Os dois, em determinado momento, escapam desses papéis delimitados para si, mas não sem sentimentos de culpa por infringir os padrões desejados: Rodrigo por não corresponder à imagem coletiva poderosa do pai-patriarca-perfeito e Bibiana por ter gostado de sua vida sexual com Rodrigo, o que lhe provocou muitos conflitos e questionamentos e lhe atemorizou a moral. O sentir prazer, no caso de Bibiana, acaba tornando-se para esta uma

sensação de pecado, essa impressão esquisita de que Rodrigo não era seu marido e de que ela não passava duma "china de soldado", não a abandonou nunca durante toda a lua-de-mel, principalmente quando ela se via frente a frente com o pai. Mas isso não a tornou menos feliz. Porque naqueles meses que se seguiram ao casamento, Bibiana viveu como que no ar, erguida na crista duma onda cálida de felicidade que a estonteava um pouco dando às pessoas e coisas que a cercavam um aspecto de sonho. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 246)

É no casamento, principalmente nos primeiros momentos que seguem a cerimônia, que Bibiana se encontra consigo mesmo ao sair da tutela paterna e tomando para si, portanto, o poder sobre o próprio corpo. Um poder relacionado ao prazer atingido corporalmente, mas que dá vazão a sua subjetividade enquanto feminino.

Em *O Continente*, Ana Terra, a avó, corta o umbigo da menina Bibiana que acabara de nascer: “Ao ver-lhe o sexo, a avó resmungou: “Mais uma escrava. E atirou a tesoura em cima da mesa num gesto de raiva e ao mesmo tempo de alegria” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 149). E conforme profetizado pela avó, Bibiana foi escrava de Rodrigo; mas o foi sem questionamento, por acreditar que assim deveria ser, que assim era o mundo. Para ela, o que viveu com Rodrigo ultrapassava o que ela tinha esperado para si mesma e isso lhe bastou para toda a vida. Bibiana permaneceu na vida de Rodrigo e no seu casamento, em segunda posição, numa submissão consentida e numa admiração subalterna, dentro do seu papel na reprodução e eternização das relações sociais.

A posição subalterna de Bibiana em relação ao seu casamento começa no próprio dia das núpcias em que até mesmo o vestido da noiva, que via de

regra é o que mais importa a todos, é relegado a segundo plano pelo narrador, pois basta saber que este teria sido usado por outras mulheres da família:

Assim, Rodrigo Cambará se casou pelo Natal de 1829 com Bibiana Terra. O noivo envergava seu fardamento completo, em cujo dólma luzia a medalha. Bibiana ostentava o mesmo véu e a mesma grinalda que sua mãe usara no dia de seu casamento. (VERISSIMO, 1995a, p. 249)

Bibiana temia que Rodrigo fosse embora e a deixasse sem marido, numa cidade em que todos cuidariam de sua vida, mas um dia chegou a notícia: “mataram o capitão Rodrigo” (VERISSIMO, 1995a, p. 306).

Quando Rodrigo morreu, a Bibiana dócil e dependente, morreu com ele. “Às vezes parecia que ela toda estava seca por dentro, incapaz de qualquer sentimento” (VERISSIMO, 1995a, p. 308). Bibiana permaneceu submissa a seu homem e ao seu amor, mas, em contrapartida, depois da morte deste, sofre uma transmutação.

As mulheres são representadas, assim, como personagens que aguentam o sofrimento sem maiores problemas, mesmo porque não lhes sobram muitas alternativas, já que “a vida continuava, e a guerra também” (VERISSIMO, 1995a, p. 308). Quando às mulheres não era dado espaço nem voz ativa, Bibiana fez-se uma presença significativa e, sozinha, criou dois filhos. Com a morte de Rodrigo, Bibiana assumiu o papel principal na sua vida: tornou-se a protetora e a matriarca da família dos Terra-Cambará e assumiu o papel masculino do marido, perpetuando-o, desta vez através dela, uma mulher. Ao perpetuar Rodrigo, ela assume-se machista, defensora e continuadora de um grupo predominante de masculinidade hegemônica, mesmo sendo uma mulher. Ela manifesta-se não só senhora de si, mas também senhora do sobrado, senhora do poder e dos que estão a sua volta, desta vez ela a dominadora em meio a subalternos. Ela adquire domínio não apenas de si, mas domínio sobre os outros, sobre as terras e os bens e sobre a mais rica construção de Santa Fé: o sobrado. Flávio Loureiro Chaves assim se refere à relação de Bibiana com o machismo evidente em Santa Fé: “Há uma **cruel ironia** em relação ao machismo porquanto o combate nuclear de *O continente*, justamente aquele que é decisivo para a continuidade dos Cambarás, não foi travado no campo, mas no interior do Sobrado, entre Bibiana e Luiza...” (CHAVES, 1981, p. 77, grifo nosso).

Se a natureza do poder é viril, ali em Santa Fé se travou uma batalha por esse poder, pela prática viril do poder, uma luta pelo espaço anteriormente destinado à masculinidade hegemônica, pela preponderância e pela subordinação a que se refere Connell, só que desta vez, entre duas mulheres, Bibiana e Luiza.

Se, no plano individual ou coletivo, as masculinidades são construídas e reconstruídas, podemos dizer que Bibiana incorporou o projeto de masculinidade, que ela acreditava ver em Rodrigo, à sua maneira. Ao ver-se em uma situação de poder, numa luta nesta relação de poder, numa batalha pela posição dominante, em uma situação de ocupação do topo da pirâmide, Bibiana reconstruiu-se, passo a passo. O primeiro deles foi manipular seu filho para que casasse com a herdeira do sobrado, uma mulher que desprezava e que sabia que não faria seu filho feliz, somente para herdar o sobrado que tinha sido construído nas terras que Ricardo Amaral cedeu à Ana Terra. Numa manobra que faz com que a família, agora encabeçada por ela, passe do *status* de dominada para o de dominadora através da ascendência social, econômica e política.

Foi então que Bibiana percebeu que ela também estava nervosa. (...) Seu segredo — um segredo tão grande que não tivera acoragem de contá-lo a ninguém, tão grande que às vezes tinha medo de comentá-lo consigo mesma —, o seu imenso segredo como que se lhe avolumava agora dentro do peito, apertando-lhe o coração, e tornando-lhe custosa a respiração. Ninguém compreendia por que tinha ela aprovado o casamento do filho com a neta de Aguinaldo. Só ela sabia o motivo... (VERISSIMO, 1995b, p. 366)

Assim, ela, Bibiana, uma mulher “tomou” o sobrado, ato no qual Rodrigo falhou e morreu ao tentar, quando para ele “estava resolvido: ia tomar o Sobrado. No final quem tomou o casarão foi ela, mas não de assalto, aos tiros, como o cap. Rodrigo” (VERISSIMO, 1995b, p. 367). Concluimos, portanto, que o masculino, aqui representado por Rodrigo, relaciona-se à força, ao poder físico atribuído ao corpo viril; já o feminino, representado por Bibiana, carrega consigo a astúcia, a estratégia.

Bibiana era uma adepta do mundo dos homens, do mundo daqueles que dominavam, admirava o mundo em que os homens mandavam. Se eles não quisessem mandar ou não pudessem por fraqueza, ela os incentivava: “Querer é poder” (VERISSIMO, 1995b, p. 365). Ela ensinava ao filho que deveria ser

forte, e para que ele aprendesse, ela era forte. E como tal agiu e como tal criou seu filho Bolívar:

De repente Bolívar rompeu a chorar, escondeu o rosto nas mãos e ficou onde estava, os ombros sacudidos pelos soluços. Bibiana correu a sentar-se junto dele. — Meu filho — murmurou ela, entre penalizada e cheia de vergonha. — Não faça isso. Um homem não chora. (VERISSIMO, 1995b, p. 385)

Ao ver o filho chorar Bibiana sentiu vergonha porque, para ela, homens eram sinônimos de fortaleza. Chorar, portanto, não era um verbo que se relacionasse a eles. E isso chocava Bibiana, principalmente quando viu seu pai chorar ao perder a casa. Nesta lógica, ver um homem chorar era raro e impressionante: “Chorou —sim, chorou como Bibiana jamais vira homem algum chorar” (VERISSIMO, 1995b, p. 366). Bibiana separava totalmente os homens das mulheres e exigia que essa separação não fosse esquecida. Homens precisavam ser fortes, não chorar e muito menos tomavam chás; essas ações para Bibiana simbolizavam o feminino; homens deviam ser viris:

— Vou mandar fazer um chá de folha de laranjeira pra ele — disse Aguinaldo. Os olhos de Bibiana Terra chisparam.

— Meu filho não é mulher pra tomar chás, seu Aguinaldo. Nesta terra não há nenhum homem mais macho que o Bolívar. Quem tiver dúvida que experimente. (VERISSIMO, 1995b, p. 385)

O segundo passo que ela empreendeu após, fazer, anonimamente, o trabalho que os homens, Rodrigo e o pai, não foram capazes de completar durante suas vidas, foi lançar as sementes para a ascensão social da família Terra-Cambará. Bibiana incorpora, assim, a lógica machista valorizando este papel do homem e constrói em si características consideradas masculinas em seu mundo, chegando a agir como um coronel dono absoluto do poder hegemônico, durante o tempo que julga necessário para que possa formar o filho, Bolívar, para ocupar essa posição. Ela poderia ter continuado a dirigir o sobrado e o povo de Santa Fé, manter o poder para si, mas não é o que deseja. Ela acreditava que os homens deveriam deter o poder, e assim que ela moldou no filho este homem herdeiro do poder, alguém em quem pudesse depôr este poder, ela o passou adiante. Para conquistar a posição de masculinidade hegemônica no povoado de Santa Fé para seu filho, ela educa-o e até mesmo “ia morar também no Sobrado. Ela cuidaria de Boli, seria sempre um escudo para o filho” (VERISSIMO, 1995b, p. 349).

A incorporação de toda a dominação do masculino sobre o feminino tem raízes profundas em ambos os gêneros, uma vez que tanto ambos transitam dentro dessas performances. Neste sentido, Biet afirma que “a virilidade, esse agente duplo, não cessa de transitar de um sexo a outro, à medida que se origina num gênero. É assim que a dominação sexual existe: ela tem um passado e um futuro, obviamente” (BIET, 2013, p. 389).

De acordo com o pensamento das teóricas Connell e Butler, as masculinidades e feminilidades não nasceram prontas; são construídos e passaram a existir através dos atos, pensamentos e conceitos dos indivíduos, da sociedade, dos homens e também das mulheres.

2.2. Das relações entre masculinos: masculinidade hegemônica e outras formas de masculinidades

Dentro das categorias das masculinidades, Connell (1995a) registra a evidência de quatro configurações de gênero nas sociedades ocidentais, sendo estas: hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização. Essas relações de dominação e subordinação se estabelecem, não somente nas relações entre masculino e feminino, mas também dentro dos gêneros. Mesmo sendo compreendido e previsto como dominante, este masculino está também submetido às hierarquias dentro das masculinas. Nem todos os homens têm o mesmo poder ou os mesmos privilégios, não são considerados do mesmo nível de igualdade só por serem masculinos; há uma escala de nivelamento. Este representante da masculinidade hegemônica pode ser um grupo de homens, ou pode ser representado apenas por um, mas precisa ser aceito como tal por uma determinada comunidade.

Neste contexto, a masculinidade hegemônica seria a norma preponderante sobre todas as outras configurações existentes de masculinidade a esta subordinadas, cúmplices ou marginalizadas, e destas seria exigido que se curvassem à hegemonia da forma normativa de ser masculino. Destarte, Connell aponta para a multiplicidade das masculinidades, isto é, por diferenciados padrões que serão caracterizados como masculinidades hegemônicas, de subordinação, de cumplicidade e marginalizadas, traduzidos nas condutas e nas relações sociais nas quais elas

estão inseridas e indica que a “masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

Com a posição de poder ocupada, haverá a preocupação com a manutenção desta. Obtida a preponderância sobre outros grupos sociais que se submeteram ao grupo hegemônico, haverá a relação de poder e a luta pela sua conservação. As masculinidades subalternas e marginalizadas lutarão para livrar-se do jugo e da posição inferior e alcançar, por sua vez, a posição de poder, “as masculinidades não são simplesmente diferentes entre si mas também sujeitas a mudanças. Desafios à hegemonia são comuns, e o são também os ajustes em face desses desafios (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 248).

A encenação desses embates pela posição hegemônica se dará através das representações corporais. Na perspectiva de Connell, os corpos são arenas, campos trazidos para os processos sociais. Se batalhas são travadas nos corpos, pode-se pensar que o lutador pode fazer uso de seu corpo incorporando nele o sistema de valores vigentes. Desta forma, podemos afirmar que:

os corpos masculinos incorporam (...) todo um sistema de valores que a este será atrelado de forma indissociável. Por conseguinte, o corpo é a categoria de análise fundamental para se compreender a construção da masculinidade. (SILVA, 2013, p. 249)

Os corpos fazem parte, desta maneira, da arena reprodutiva, da arena política e das relações sociais, assim como das disputas de poder. Certas características como a postura, entonação de voz, jeito de olhar, falar e portar-se, atuam no resultado final da batalha. Um combatente, ao estudar as características que seu oponente mostra e até mesmo as que ele tenta esconder, pode usá-las a seu favor. O que entender melhor as mensagens subliminares que o oponente veicula, vencerá a batalha por um lugar privilegiado na pirâmide social.

Em conformidade com essa lógica, cada sociedade aprecia um determinado tipo de característica, a partir de um olhar que é cultural e de um discurso que é construído. Assim sendo, concepções políticas sobre o que é

valorizado no masculino e no feminino marcam e orientam esses saberes e esses valores, isto é, os corpos e certas qualidades anatômicas são mais valorizadas dentro de um discurso que também foi construído, e podem ser fortes representações nas relações de poder. A representação tem o corpo como metáfora das relações sociais hierárquicas entre masculinidades apontadas por Connell (1995a).

2.2.1. Os Amarais

Os Amarais configuram como representações máximas de masculinos em Santa Fé e foram, por anos, tradicionais adversários dos Terras-Cambarás e incorporam a chamada categoria social especuladora e exploratória contra a qual se posiciona o capitão Rodrigo, “o símbolo da luta pela liberdade tanto no plano pessoal quanto no social e político” (BORDINI, 2000, p. 59).

Ricardo Amaral tornou-se um homem importante através de guerras durante a formação do país e lutas pelo estabelecimento do governo do Brasil e como “recompensa pelos seus serviços, o governo lhe ia dando, além de condecorações, terras” (VERISSIMO, 1995a, p. 134). Neste sentido, o narrador afirma que:

Desde o primeiro dia Ana Terra começou a ouvir falar no coronel Ricardo Amaral, dono dos campos em derredor, senhor de dezenas de léguas de sesmarias e muitos milhares de cabeças de gado, além duma charqueada e de vastas lavouras. Contava-se que o coronel Amaral nascera em Laguna e viera, ainda muito moço, para o Continente com paulistas que negociavam com mulas. Chegou, gostou e ficou. Sentou praça no exército da Coroa e em 1756 tomou parte na batalha do monte Caibaté, em que as forças portuguesas e espanholas aniquilaram o exército índio dos Sete Povos das Missões. Contava-se até que fora Ricardo Amaral quem numa escaramuça derrubara com um pontão de lança o famoso alferes real Sepé Tiaraju, a respeito do qual corriam tantas lendas. Dizia-se que esse guerreiro índio tinha na testa, como sinal divino, um lunar luminoso, e os crentes afirmavam que depois de morto ele subira ao céu como um santo. Pelo Continente corriam de boca em boca lindos versos cantando as proezas de são Sepé. E quando alguém perguntava ao coronel Ricardo: “Então, é verdade que foi vosmecê que lanceou Sepé Tiaraju?”, o velho torcia os longos bigodes brancos e com sua voz grave e sonora respondia, vago: “Anda muita conversa fiada por aí...”. E sorria enigmaticamente, sem dizer sim nem não. (VERISSIMO, 1995a, p. 133)

A família dos Amarais adquiriu terras, não de maneira legal, de acordo com seus inimigos, mas ao adquiri-las, apossou-se do poder.

Depois da Guerra das Missões, Ricardo saíra a burlequear pelos campos do Continente, e as más-línguas afirmavam que ele andara metido numas arriadas, assaltando estâncias e roubando gado por aqueles descampados. Mas quem dizia isso eram seus inimigos. Não havia nenhuma prova clara dessas histórias escuras, e a verdade era que hoje Ricardo Amaral tinha fama de ser homem de bem e de gozar grande prestígio com o governo. Sempre que havia alguma guerra o comandante militar do Continente apelava para ele e lá se ia o senhor da estância de Santa Fé, montado no seu cavalo, de espada e pistolas à cinta, seguido da peonada, dos escravos e dum bando de amigos leais. (VERISSIMO, 1995a, p. 133)

Quem possui privilégios materiais, culturais e simbólicos, manda. Não interesse por quais meios, já que o poder não averigua os meios pelos quais ele se instalou. O que importa não é como ele se instalou, mas como se comporta para se manter.

Murmuravam-se histórias a respeito da maneira como ele conseguira seus muitos campos. A lei não permitia que uma pessoa possuísse mais de três léguas de sesmarias, mas Ricardo Amaral, seguindo o exemplo astuto de muitos outros sesmeiros, recebera as suas três léguas e pedira mais sesmarias em nome da esposa, dos filhos e até dos netos que ainda estavam por nascer. (VERISSIMO, 1995a, p. 134)

Nos tempos difíceis de colonização de um grande território, a coragem pessoal era de grande importância. Seus atributos pessoais de bravura e valentia o ajudaram a fundar seu povoado – a futura cidade de Santa Fé – e para lá levou seus capangas, seu caráter arbitrário e violento e começou a praticar o poder de comando:

De cima do cavalo informou-se sobre as colheitas, ouviu as queixas e resolveu duas ou três questões entre os moradores do rancho. Naquelas redondezas ele não era apenas comandante militar, mas também uma espécie de juiz de paz e conselheiro”. (VERISSIMO, 1995a, p. 130)

Quando morreu seu poder estava consolidado; sendo vitalício, tornou-se hereditário.

Quando Chico Amaral olhou para o pai — no fim da peleja —, viu-o cair para a frente, sobre o pescoço do tordilho. Esporeou seu cavalo e chegou a tempo de enlaçar o velho pela cintura, impedindo-o de tombar ao chão. Ricardo quis dizer alguma coisa, mas de seus lábios só saiu um ronco. Morreu dessagrado nos braços do filho. (VERISSIMO, 1995a, p. 146)

E assim Francisco Amaral, o primogênito de Ricardo Amaral continuou a fazer com que Santa Fé, idealizada pelo pai, não parasse de crescer.

Ao redor do poder dos coronéis, articulado com outros poderes como o governo e a igreja, se amoldavam subalternos, negros escravos, mulheres, agregados e objetos de adorno, como demonstra o trecho a seguir:

As lamparinas ardiam na sala grande da casa da estância e, sentado na sua cadeira de balanço, com um pretinho escravo a descalçar-lhe as botas, Ricardo Amaral começou:

— O governador me deu uma audiência...

Olhou em torno para ver o efeito da palavra audiência. Era um palavrão importante que cheirava a coisas da Corte, vice-reis, generais e palácios. Sua esposa sorria, enamorada dele como sempre.

— Pois é — repetiu o coronel com sua voz solene. — O governador me deu uma audiência. Quando entrei no palácio, os guardas apresentaram armas. Apresentaram armas — repetiu — e então eu entrei e o general Veiga Cabral veio ao meu encontro, me apertou a mão e disse: “Como tem passado, coronel? Entre e tome assento. Vossa mercê está em sua casa”.

Ricardo soltou a sua risada lenta, que pôs à mostra os dentes cor de marfim queimado. Era um homem alto e corpulento, desempenado apesar de andar já por volta dos setenta. Tinha o rosto trigueiro, o olhar de ave de rapina, o nariz largo e purpúreo, e os lábios grossos e rosados escondidos sob um bigode branco e esfalripado como algodão. — Imaginem só. Eu em minha casa, no palácio! (VERISSIMO, 1995a, p. 135)

Em Santa Fé os homens nasciam iguais, muitos pelas mãos da parteira Ana Terra; mas não os Amarais. Esses nasciam já sob o desígnio do poder que continuava com eles até mesmo depois da morte:

Ricardo Amaral, que morrera às margens do Jaguarão lutando contra os castelhanos, e os de seu filho Francisco Amaral, fundador de Santa Fé. **E esse jazigo destacava-se com tamanha imponência no meio daquelas sepulturas quase rasas** que era como se até depois de mortos os Amarais, famosos por serem homens altos e autoritários, **continuassem a dominar os outros, a falar-lhes e dar-lhes ordens de cima de seus cavalos.** (VERISSIMO, 1995a, p. 183-184, grifo nosso)

Francisco Amaral deixou de herança ao filho, Ricardo Amaral Neto, o comando da cidade de Santa Fé, a qualidade de guerreiro, a capacidade de lutar para defender uma causa.

2.2.1.1. Capitão Rodrigo e o coronel Ricardo Amaral

O coronel Ricardo Amaral Neto representava o ápice da masculinidade hegemônica em Santa Fé e era reconhecido e tratado como dono do lugar. Não se falava disso abertamente nem se fazia nada contra a vontade dele, pois todos o temiam e a seus capangas e estavam acostumadas a obedecer e trabalhar sob suas ordens. Ele mantinha o poder e se orgulhava de manter o legado que recebera sob o olhar e para o orgulho de seus ancestrais. Com a aprovação destes, ocupava um desses lugares recebido por herança e, com a

ajuda do capital material (capangas e armas), mantem seu capital simbólico: era um desses “senhores de estâncias de gado, com léguas de sesmaria; patações, onças, cruzados, **boas botas** e senhoria” (VERISSIMO, 1995a, p. 72, grifo nosso). O coronel era correligionário e lutava do lado das tropas legalistas. Ricardo Amaral e seus ancestrais dominam Santa Fé a exemplo dos grandes estancieiros existentes no Rio Grande do Sul. Por terem sido beneficiados com terras cedidas pela Coroa, governavam todo um lugar como se este fosse uma propriedade privada.

A postura do coronel Amaral era condizente com os de sua estirpe: “O coronel, Ricardo Amaral Neto era um homem de cinquenta e poucos anos, moreno” e “usava o cabelo à escovinha” (VERISSIMO, 1995a, p. 216). Sua barba de fios brancos lhe dava autoridade, ajudando a exalar do comandante de Santa Fé uma aura de poder que refletia-se a sua volta, assegurando-lhe o posto de comandante supremo. A imponência atávica e o acúmulo de posses e força de seus ascendentes vêm encenados em seu corpo, que se deixa interpretar nos trechos que seguem: Amaral, além de ter um “rosto coberto por uma barba preta estriada já de fios brancos” (VERISSIMO, 1995a, p. 216), “tinha um olhar altivo” (VERISSIMO, 1995a, p. 216), daquele que é acostumado a dar ordens e a ser obedecido. O uso de barba foi considerado um sinal de virilidade em muitas épocas e lugares, por longo tempo, como afirma Thuillier: homem, “no sentido de varão, em romeno se diz *barbat* (do latim *barbatus*), ao passo que os eunucos são imberbes” (THUILLIER, 2013, p. 104). Pelo no rosto é um constructo de virilidade, considerando que são atributos de homens já que a “barba e todo o sistema piloso, formados normalmente, correspondem ao momento em que definitivamente se adentra no mundo da virilidade” (THUILLIER, 2013, p. 105).

Os homens também usam certas peças de vestuário para marcar suas preferências políticas, religiosas ou demarcar seu lugar no mundo. O coronel, que era republicano, usava um lenço branco¹³ como símbolo de sua posição de guerreiro. Sua luta era para manter o império do Brasil. Rodrigo ostentava o

¹³ Os republicanos de Castilhos se identificam por um lenço branco ao pescoço e são chamados de "chimangos" ou "pica-paus". Os federalistas usam lenço vermelho e são chamados de "maragatos". Aqueles têm ligação com os colorados no Uruguai; estes, com os brancos (Cf. http://www.profdomingos.com.br/o_continente_um.pdf Acessado em 25 nov. 2014).

seu lenço vermelho que era emblema dos revolucionários. Rodrigo usava esta cor no lenço que também queria dizer muitas coisas sobre sua pessoa, simbolizava sua posição diante do mundo e também funcionava como um estandarte a defender e não era a mesma defesa que o lenço do coronel sinalizava. O lenço vermelho dizia por ele: estou pronto a contestar, a ser contra, a lutar se preciso for. Assim, o lenço metaforiza uma bandeira, uma posição ideológica: “o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira” (VERISSIMO, 1995, p. 174).

O poder dos Amarais e o carisma de Rodrigo começam a se contrapor e a acender a discórdia já nas páginas iniciais que narram a chegada do capitão a Santa Fé. Rodrigo já tinha ouvido algumas coisas a respeito do coronel, esta é a concepção que tinha acerca deste homem:

Lembrava-se que haviam lhe contado que naquelas muitas guerras, quando fazia recrutamento, Ricardo Amaral Neto preferia sempre tirar pais de família de seus lares e lavouras a desviar do trabalho de sua estância peões e escravos. Apesar de comandante dum corpo de cavalaria nunca fornecera uma única de suas vacas para alimentar os soldados, pois achava muito mais conveniente requisitar gado e cereais aos pequenos criadores e agricultores. Murmurava-se também que o Coronel Ricardo Amaral se valera mais de uma vez de sua autoridade militar para obrigar certos proprietários a lhe venderem suas terras a preços baixos. (VERISSIMO, 1995a, p. 211)

Isso, por si só, os colocava em lados opostos na guerra que estava por ser declarada entre esses dois masculinos.

No dia em que Ricardo Amaral se encontra diante de Rodrigo Cambará, o capitão percebe que tinha um adversário que não podia subestimar ou enfrentar abertamente, “olhou bem nos olhos o dono da casa e seu instinto lhe gritou que tinha macho pela frente” (VERISSIMO, 1995a, p. 208). Se Rodrigo era um guerreiro, o coronel também era homem de coragem e valentia. Dois machos se encontravam frente a frente e ao perceber que Rodrigo usava o lenço vermelho, e era portanto seu adversário político, Amaral sentiu-se imediatamente confrontado, enfurecido. Associando imediatamente a cor do lenço à fanfarronice, reage prontamente. Rodrigo não era o único de caráter belicoso naquele escritório do sobrado onde os dois se encontraram: “Conheço um homem até pela maneira como ele anda vestido. Esse seu lenço vermelho é um sinal de fanfarronice” (VERISSIMO, 1995a, p. 209).

Assim como seu avô, o primeiro Ricardo Amaral que tinha “sua filosofia de vida e seu conhecimento das criaturas e dos animais levavam-no a traçar

paralelos entre os homens e os cavalos” (VERISSIMO, 1995a, p. 139), Ricardo Amaral Neto reiterava aquele imaginário de seus ancestrais ao comparar os homens aos cavalos. Na qualidade de estancieiro, dono de manadas, os comparava aos animais passíveis de serem mantidos em currais. Santa Fé podia ser compreendida, portanto, como o curral dos Amarais, pois ali ele, Ricardo Amaral Neto, incorporava a figura hegemônica de masculino: aquele que tem a posição hegemônica dita as regras e sua dominação se exercia em todos os círculos sociais, fosse na esfera privada ou na pública.

Amaral Neto governava os habitantes, o padre, representante da igreja católica e até mesmo o poder legislativo já que estes agiam com se fossem seus meros empregados, cumpriam uma lei ditada por ele, agiam de acordo com a vontade dele. Todos os habitantes de Santa Fé eram considerados criaturas de seu potreiro, somente Rodrigo aparenta ameaçar essa ordem estabelecida. Todos já haviam sido domados e estavam sob seu poder, e esta era a condição para viver em sua cidade.

Rodrigo, sempre pronto a ir contra o *status quo* vigente (VERISSIMO, 1995a, p. 184), prepara-se para o encontro, se não para enfrentar o coronel, pelo menos para evitar ser dominado, ser um “cavalo manso” como todos os outros que ali vivem, como “tropicalha mansa”, com a marca do coronel. (VERISSIMO, 1995a, p. 210) No momento do encontro, o coronel é descrito pelo narrador da seguinte maneira: “O coronel Ricardo estava sentado atrás duma mesa de pau preto” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 207), “em mangas de camisa, trazia à cinta uma faca de prata e, sob a mesa, Rodrigo podia ver-lhe as botas de couro negro e cano alto” (VERISSIMO, 1995a, p. 208). Todo esse aparato reluzente veiculava poder, e até mesmo as botas eram representativas. O poder transparece através de muitos detalhes.

Ricardo não os recebeu pacificamente como pretendia o padre, como percebemos no diálogo travado entre os dois masculinos:

Não se ergueu quando o padre fez as apresentações. Não estendeu a mão para o visitante, nem o convidou a sentar-se. Quando o vigário se retirou, Rodrigo, de pé a uns quatro passos da mesa, olhou bem nos olhos o dono da casa e seu instinto lhe gritou que tinha macho pela frente. (...) Houve um pequeno silêncio. O capitão tinha já decidido principiar a conversa quando o outro perguntou bruscamente:

- Que é que pretende fazer aqui? (VERÍSSIMO, 1995a, p. 208)

O coronel se encontrava dentro de sua fortaleza, o que deixava Rodrigo, que era o forasteiro, em posição de desvantagem, com o agravante de se encontrar na frente de um superior a quem provavelmente não hesitaria em enfrentar se a situação lhe fosse propícia ou se houvesse chance de vencer. O dono de Santa Fé reconhece no olhar do forasteiro o desafio. Contudo, o coronel acredita que todo e qualquer cavalo precisa ser domado, querendo-os, assim, mansos para que melhor pudesse montá-los. Aqueles que são de toda selvagem deveriam, pois, ser excluídos do convívio dos demais.

Ao entrar no escritório do coronel Amaral, Rodrigo não deixa dúvidas de que provocava mesmo a ira dos homens de Santa Fé:

Este povoado já tem gente vadia que chegue!
 Ricardo Amaral atirou essas palavras como seixos na cara do outro. Rodrigo recebeu-as **aparentemente impassível**, ficou por alguns segundos calado e depois, com voz meio apertada, replicou:
 — Se não fosse o respeito que tenho a um homem da sua idade, eu fazia vosmecê engolir o que acaba de dizer. (VERISSIMO, 1995a, p. 209, grifo nosso)

Todavia, apesar de seu caráter comandado por instintos belicosos, sabia controlar-se, abstrair e ver como seria seu futuro se enfrentasse impensadamente o dono de Santa Fé, numa casa cercada de capangas do coronel Ricardo Amaral:

Ricardo ergueu-se como que impelido por uma mola. Como o avô e o pai, era um homem alto e spadaúdo. Afastou a cadeira com um pontapé, contornou a mesa, pegou duas das espadas que estavam a um canto, atirou uma para Rodrigo, que a apanhou no ar, desembainhou a outra e gritou:
 — Defenda-se! Vou mostrar quem é velho. Defenda-se!
 Rodrigo continuava imóvel, segurando a espada horizontalmente com ambas as mãos.
 — Vamos, defenda-se! — repetiu o estancieiro.
 O capitão sorria. Sorria porque estava achando divertido aquele homenzarrão ali na sua frente, de espada em punho, querendo arrastá-lo a um duelo. **Se também se deixasse enfurecer** estaria tudo perdido. (VERISSIMO, 1995a, p. 209, grifo nosso)

Não há nenhum indício na narrativa de que Rodrigo tenha sentido medo do embate corporal, mas apenas reconheceu sua desvantagem. E, naquele momento, reconhecendo-se inferior, fez ver ao coronel que sua fúria era despropositada: “Acalme-se, coronel — pediu ele, apaziguador” (VERISSIMO, 1995a, p. 209). Rodrigo era um guerreiro, mas não era iracundo, sabia dominar-se e reconhecer quando estava correndo um risco desnecessário. Mais do que ter coragem, é preciso aparentar, ter domínio sobre si mesmo.

Dominar-se a si mesmo é um critério essencial da *virtus*, daquele que quer ser o senhor pois “seja como for, não é possível dominar o universo sem esse domínio pessoal” (THUILLIER, 2013, p. 120).

Se eu matasse o coronel Amaral, não saía vivo desta casa. Se vosmecê me matasse... eu estava liquidado. De qualquer modo estou perdido. (...)

—Eu podia mandar lê prender.

—Podia, coronel. Podia também mandar me enforcar. Mas não manda nem uma coisa nem outra (VERISSIMO, 1995a, p. 209)

Rodrigo reconheceu que o enfrentamento físico ou verbal não seria a melhor tática, como afirmado pelo narrador: “Se despertasse a ira do senhor de Santa Fé, estaria perdido. A vida para ele, no povoado, seria insuportável e o melhor que tinha a fazer era encilhar o cavalo, montar e ir cantar noutra freguesia” (VERISSIMO, 1995a, p. 210). Rodrigo tentou, todavia, envolver o coronel; seduzi-lo com papéis e elogios do General Bento Gonçalves que tinha trazido consigo da guerra, mas nem a medalha de honra conseguiu convencer o coronel de que Rodrigo poderia ser marcado, viver no povoado como um cavalo pacífico, ordeiro e trabalhador, no meio de sua tropilha há muito amansada e pacata.

— Nunca me engano com homem nem com cavalo. Vosmecê tem um jeito de olhar e de falar com as pessoas que faz o sangue da gente ferver.

— Não é minha culpa. Nasci assim. E imediatamente Rodrigo percebeu que a voz lhe saíra atrevida e agressiva.

— Meu avô costumava dizer que homem também se doma, como cavalo.

— Nem todos.

— Pois le pego pela palavra. Se vosmecê é potro que não se doma, muito bem, é porque não pode viver no meio de tropilha mansa. Seu lugar é no campo. Neste potreiro de Santa Fé, moço, só há cavalo manso. Chegam xucros mas eu domo eles e boto-les a minha marca. (VERISSIMO, 1995a, p. 210)

Os dois se avaliaram, aferiram as forças, como dois animais machos antes de uma briga por território, como as palavras do narrador confirmam: “Por um breve instante os dois homens se mediram com os olhos, num silêncio feroz. Nenhum piscou. Nenhum falou por vários segundos. Rodrigo então compreendeu que não havia mais remédio para aquela situação” (VERISSIMO, 1995a, p. 213). Rodrigo retrocedeu e abandonou, momentaneamente, o campo de batalha:

Bem, vou andando com a licença de vosmecê. - Pra andar vosmecê tem toda a minha licença. - E pra ficar? - Para ficar, não. O capitão fez meia-volta, aproximou-se da porta e, já a abri-la, exclamou: - Mas

fico! Não ouviu o que o outro disse nem lhe viu a cara, pois bateu a porta em seguida e saiu (...) a ruminar com gozo suas últimas palavras. Mas fico. Mas fico. Mas fico. E ficou mesmo. Nada lhe aconteceu. (VERISSIMO, 1995a, p. 213)

O primeiro enfrentamento tinha se dado. Reconheceram-se como rivais em campos opostos do jogo, como iguais em força. Nesse encontro, ficou demarcada a situação de rivalidade, de duelo verbal, mas não houve vencidos nem vencedores. Ricardo poderia ordenar que saísse ou ainda mandar seus capangas escoltá-lo até à saída do povoado, mas não o fez. O coronel Amaral, dono da situação de poder, ocupando o ápice da escala social, deu um ultimato ao capitão, deixando aclarado que não o queria em sua cidade, mas não agiu conforme essas palavras e permitiu que ficasse ali.

2.2.1.2 Capitão Rodrigo e Bento Amaral

Bento Amaral, o herdeiro do poder máximo daquele lugar, é descrito corporalmente como um “rapagão mui guapo (...) o melhor partido de Santa Fé, um “moço bonitão” (VERISSIMO, 1995a, p. 188). A sua representação tem marcas do masculino preponderante inscrita no corpo, “era um homem grandalhão” (VERISSIMO, 1995a, p. 224), rodeado de capangas, que gozava do privilégio de mando antes mesmo de receber a herança. Todo ele é adjetivado com palavras de exuberância e fartura. Até mesmo a voz de Bento é representativa de poder: “tinha uma voz gorda e retumbante” (VERISSIMO, 1995a, p. 226).

As roupas, nas quais os personagens se apresentam, acabam por ser parte primordial desse jogo de poder que se dá na e através da representatividade dos corpos, pois como afirmado por Sartre, “se a nudez permite apreciar o esplendor do corpo, este, no entanto, geralmente é mais vestido que despido. E o corpo é uma elegância na qual a virilidade se acomoda” (SARTRE, 2013, p. 45). Através da performance de sua corporeidade leem-se as relações de poder que ele mantém com aqueles que o rodeiam. O corpo de Bento, conforme descrito pelo narrador, insere-se na lógica narrativa como uma superfície em que o poder se reflete, assim como suas roupas evidenciam sua configuração na ordem de gênero.

Para atestar sua masculinidade, Bento Amaral valia-se de seu corpo, que se apresentava grande e forte, e também de seus capangas, para tornar visível seu poder de mando e evitar que fosse pessoalmente ameaçado, o que pode ser considerado discrepância quanto à sua virilidade, já que o fato de carregar capangas para protegê-lo poderia significar que ele não tivesse a coragem e a capacidade de defender-se sozinho se as condições se apresentassem. O fato de ter um séquito também reforçaria a ideia de que ele não só era auto-suficiente, mas, ainda assim, era um líder entre os homens dali, pois mandava. O que o diferenciava dos demais era o fato de estar em condição de dar ordens.

O corpo de Rodrigo assim como o de Bento traz características inscritas da identidade masculina. Rodrigo é apresentado como tendo um corpo forte e saudável, sendo descrito, portanto, como um homem belo. Assim o descreve o narrador: “Os cabelos do capitão eram meio ondulados e dum castanho-escuro com uns lampejos assim como de fundo de tacho ao sol” (VERISSIMO, 1995a, p. 177). Essas verificações do narrador e dos outros personagens, Juvenal e Ricardo Amaral, não eram veiculadas amenamente, mas proferidas ou constatadas muito a contragosto, até mesmo asperamente: “Até a voz do diabo do homem era agradável: tinha um tom grave e ao mesmo tempo meio metálico” (VERISSIMO, 1995a, p. 180). Ao mesmo tempo em que o advérbio *até* inclui a voz de Rodrigo a outras características tidas como agradáveis, o adjetivo *metálico*, a relaciona ao que é duro e seco, às armas e à guerra. Já ao referir-se ao olhar de Rodrigo, não havia como deixar de perceber-se o que lá estava, declaradamente, trazendo mensagens claras de atrevimento, ousadia, prosápia e sentimento de superioridade e desejo de dominação:

Só o jeito de olhar é que não era lá muito agradável: havia naqueles olhos muito atrevimento, muita prosápia e assim um ar de superioridade. Depois, Juvenal sempre desconfiara de homem de olho azul... No entanto, podia jurar que nunca vira cara de macho mais insinuante. (VERISSIMO, 1995a, p. 177)

O uso de “no entanto” espera colocar em estado de adversidade “a cara de macho insinuante” em relação “ao jeito de olhar”, mas acaba por ver-se invalidado pelos substantivos “atrevimento”, “prosápia” e “superioridade”, visto que esses corroboram a insinuação que se percebe nos olhos de Rodrigo e que falam de seu orgulho, vaidade e tendência à jactância.

As características físicas de Rodrigo colocavam mecanismos de percepção em estado de alerta; causavam reações controversas nos outros, percepções quase inconscientes, e indesejáveis, como por exemplo o ciúme de Juvenal Terra, em várias ocasiões:

Durante toda a viagem a Cruz Alta levava no peito uma preocupação que em vão se esforçara por vencer. Não se sentia seguro sabendo que tinha deixado sua mulher sozinha em casa, numa terra onde andava às soltas um homem como o cap. Rodrigo. Nunca tivera nenhuma razão para duvidar da fidelidade da esposa; a Maruca era uma moça quieta e trabalhadeira que nunca dera nenhum motivo para falação. Mas, por mais que ele fizesse, não conseguia esquecer Rodrigo Cambará e por isso se apressara a voltar. (VERISSIMO, 1995a, p. 216)

Mesmo depois de maior convivência com o Capitão, depois que este quase morre ao lutar com o filho do coronel, Juvenal continuou se sentindo ameaçado pela presença do Capitão Rodrigo.

Maruca atravessou a peça onde os dois amigos se encontravam e, levemente inquieto, Juvenal viu os olhos que o capitão botou nela. Não foi um relance casual, mas sim esse olhar comprido e faminto que ele vira muitas vezes nos doentes que, estando em rigorosa dieta de leite e mingau, vêem passar alguém com um prato cheiroso de carne assada. Juvenal desejou que o amigo já estivesse de volta a seu quarto na venda do Nicolau. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 219-220)

Todo o corpo de Rodrigo expressava superioridade e atrevimento e esse atrevimento fê-lo provocar uma luta com o filho do coronel Ricardo Amaral. A maneira como eles se posicionam, como mostram seus corpos, como entonam suas vozes, como olham e falam, transmite suas personalidades aos que o rodeiam.

Bento era um belo homem e é apresentado pelo narrador como tendo **“cabelos crespos muito lustrosos e suíças grossas”** (VERISSIMO, 1995a, p. 224, grifo nosso). Por três vezes, imediatamente antes da luta, o narrador se refere aos cabelos de Bento, como se esta fosse uma das causas desencadeadoras do duelo, pois afirma que Rodrigo sente desejos quase irresistíveis de acabar com o penteado besuntado de vaselina perfumada do herdeiro, como se a intenção de Bento ao besuntar os cabelos e deixá-los lustrosos fosse fazer uma afronta particular, especialmente dedicada a Rodrigo:

O diamante do anel do herdeiro do velho Amaral rebrilhava como **seu cabelo besuntado de vaselina perfumada**. Rodrigo imaginou-se a atravessar o terreiro, na direção do moço; **viu-se a passar a mão por aquela cabeleira e despenteá-la...** Por um instante o desejo de fazer isso foi tão grande que ele abraçou o tronco, como para evitar que

suas pernas o levassem até Bento Amaral. (VERISSIMO, 1995a, p. 225, grifo nosso).

Rodrigo enraivece-se com a vaidade excessiva em se arrumar que percebe em Bento Amaral, pois, acostumado a perceber os corpos masculinos como corpos de soldados, fortes para guerrear, não vê o porquê de um corpo masculino ser tão enfeitado e cuidado. Como viril, considera insultante a vaidade de Bento, quando observou-lhe o cabelo de janota.¹⁴

Pode ser que o que tenha irritado Rodrigo tenha sido o modo com que Bento “**faceiramente** ajeitava o lenço” (VERISSIMO, 1995a, p. 224, grifo nosso). Ao usar esse advérbio para descrever Bento, o narrador, que o observava através dos olhos de Rodrigo, e sabendo-se que o corpo pode ser considerado como um componente histórico, variável pelas mais diferenciadas concepções no que concerne ao que embeleza e enfeita, foi tendencioso ao tirar-lhe parte da virilidade para associar seus gestos ao advérbio faceiramente, já que esta é uma palavra pertinente ao feminino.

Belo pode ser associado ao masculino, sem que por isso este perca suas qualidades viris, mas Thuillier associa *bellus* tão somente ao *homo*, e jamais a “um *bellus vir*, pois esse adjetivo, que certamente originou o nosso “belo” pode qualificar um *homo*, mas não um *vir*” (THUILLIER, 2013, p. 112). Um homem podia ser belo, mas não poderia se associar o belo ao viril, se formos considerar os vestígios do passado em que o ser belo não costumava ser relacionado à esfera do masculino. Neste contexto, a preocupação com “as vestimentas e as particularidades corporais (cabelos, pelos) falseiam as partes maiores ou menores da feminilidade de um indivíduo, e indiretamente, os limites de sua virilidade” (SARTRE, 2013, p. 46).

Quando Bento é descrito como “o homem mais bem vestido da festa” (VERISSIMO, 1995a, p. 224), isso pode ser pensado como relação ao poder econômico que ele representava, mas a menção ao cabelo lustroso devido a algum óleo e o fato de ajeitar seus atavios “faceiramente”, não se enquadra nas características de um corpo masculino; ele mostrava uma preocupação com a beleza e aparência. A expressão de sua virilidade, que gera o incompatibilidade entre ele e Rodrigo, provocou a raiva do Capitão, ainda já fosse suficiente

¹⁴ Janota é o homem que alinha harmoniosamente os cachos de sua cabeleira, que sempre cheira a bálsamo, à cânfora (THUILLIER, 2013, p. 113).

Bento ser filho e herdeiro do poder que Rodrigo queria para si, para que surgisse esse antagonismo.

No dia do casamento da filha de Joca Rodrigues, Rodrigo observa a subserviência do povo a Bento Amaral.

Marcava a dança sem alegria nem graça. Dava ordens: era ainda o senhor de Santa Fé a falar aos outros de cima de seu cavalo. E no tom de sua voz Rodrigo percebia um certo orgulho, como se ele estivesse sempre a pensar assim: sou um Amaral. Eu mando. Sou um Amaral. Eu mando. Os pares obedeciam. (VERISSIMO, 1995a, p. 226)

O poder incorporado por Bento se traduzia até mesmo pelo anel que brilhava no dedo do herdeiro do poder em Santa Fé, fazendo ver a todos que ele os comandaria assim que o tempo para isso chegasse, o que provocava o ódio do capitão. Se colocasse sua marca no rosto do herdeiro do poder em Santa Fé Rodrigo lhe tiraria, assim, tanto a beleza quanto o poder: “O capitão pensava naquele rosto largo, duma boniteza desagradável, e já via nele sua marca: a primeira letra de seu nome, um R maiúsculo de sangue” (VERISSIMO, 1995a, p. 192).

A luta que avultava-se desde que Rodrigo chegou a Santa Fé aconteceu afinal, não com o coronel, mas com o filho. Rodrigo enfrentava, conseqüentemente, o coronel através de seu filho Bento. O Coronel não estava errado ao afirmar que Rodrigo não queria fazer um ninho. Ele, momentaneamente, desejava Bibiana. Ao querer ficar, por esse feminino, desejou também o lugar do coronel. Desde que chegara à Santa Fé, Rodrigo queria enfrentar os coronéis, mas também não era só para enfrentar o *status quo*, era porque queria ser o dono e por isso marcou o rosto de Bento. Connell e Messerschmidt se referem aos “padrões particulares de agressão” que estão “ligados com a masculinidade hegemônica, não como um efeito mecânico do qual ela fosse a causa, mas através da busca pela hegemonia” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 247). A luta entre Rodrigo e Bento Amaral se deu porque Rodrigo almejava a hegemonia. A intenção não foi a morte literal do rival, mas a morte metafórica, a humilhação pública numa demonstração de sua própria masculinidade, a qual retiraria do adversário a aura de poder.

Ao colocar a marca no rosto, Rodrigo queria mostrar que o filho do coronel não poderia herdar a *tropilha* do pai. Quem recebe a marcação de propriedade é o cavalo, não o proprietário. O grupo que estava em posição

desprivilegiada não poderia querer ser comandado por um homem que carregava uma marca de propriedade no corpo, como um animal, ou ainda nas palavras de Rodrigo:

- Vou te botar minha marca na cara, pústula! (...)
 E riscou-lhe verticalmente a face. O sangue brotou do talho. (...)
 - Falta a volta do R!
 E num golpe rápido fez uma pequena meia-lua, às cegas.(...)
 - Não vou te matar, miserável - disse Rodrigo. - Mas não costumo deixar serviço incompleto. Quero terminar esse R. Falta só a perninha... E caminhou para o adversário, devagarinho, antegozando a operação, e lamentando que não fosse noite de lua cheia para ele poder ver bem a cara odiosa de Bento Amaral. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 195-198)

Rodrigo envolve-se, a princípio, neste duelo com Bento, mais por vontade de outra pessoa, principalmente Juvenal Terra, do que por si mesmo o que será comentado mais detalhadamente. Rodrigo desejava enfrentar o poder hegemônico, mas não necessariamente daquela maneira, não tinha nada planejado. Depois de desafiado e esbofeteado, não podia voltar atrás, mas também não podia negar-se a lutar, pois era isso que muitos esperavam dele, que enfrentasse os Amarais. Não planejava duelar, mas não por medo de morrer, nem de matar, mas porque Rodrigo era todo instinto e a vida transcorria mais instintivamente de que acordo com um plano seguido à risca. Antes de começar o duelo propriamente dito Rodrigo sabia que não poderia matar Bento, tinha avaliado a situação: “Se eu mato esse homem não posso ficar em Santa Fé e perco Bibiana — refletiu Rodrigo. — Se ele me mata, perco tudo.” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 232). Quando Bento o chamou de patife, Rodrigo enfureceu-se, mas soube controlar-se: “O sangue subiu à cabeça de Rodrigo, que teve de fazer um esforço desesperado para não saltar sobre o outro” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 228).

Mais do que ser destemido, o guerreiro deve parecer destemido. Todo o duelo apresenta-se como um embate entre dois masculinos que buscam afirmação perante o povoado, pois este tipo de situação “trata-se de um jogo do indivíduo e da aparência, do triunfo da ostentação” (THOMASSET, 2013, p. 176). Podemos afirmar, assim, que a construção dessas masculinidades “perpassa (...) os atos corporais atribuídos a estas figuras, sendo um ato contínuo de ressignificação e encenação” (SILVA, 2013, p. 252). O inimigo precisa pensar que está correndo perigo, que do oponente vem sua desgraça, pois “coragem, força, virilidade, todas essas qualidades necessitam de

encenação visto que a ostentação é um dos primeiros deveres da afirmação viril” (THOMASSET, 2013, p. 157). Rodrigo trazia sua força num corpo que não demonstrava medo, ao passo que Bento não passava essa sensação, pois respirava com dificuldade – “Rodrigo ouvia a respiração arquejante do inimigo” (VERISSIMO, 1995a, p. 233) – em sinal de grande comoção interna.

No decorrer da luta, Bento foi mostrando sua fragilidade, meio encoberta por manter-se sempre rodeado pelos capangas do pai. Bento deixa cair a adaga: “Rápido, Rodrigo deu-lhe um pontapé e atirou-a longe, fora do alcance de Bento, que começou a recuar devagarinho, arquejando como um animal acuado” (VERISSIMO, 1995a, p. 233). Bento empenhou sua palavra de honra que teria um duelo honesto com Rodrigo, de forma que dada a vitória ao capitão, ele poderia sair ileso:

— E se vosmecê é um homem de honra, prometa aqui diante de toda esta gente que se o capitão ferir ou matar vosmecê ele pode ir embora em paz. Prometa!

Bento transpirava, arquejante, mas não dizia nada. Era como se aqueles muitos pares de olhos que estavam postos nele irradiassem calor, fazendo-o suar e dando-lhe um mal estar insuportável.

— Está bem — disse, soturno. — Dou minha palavra de honra. — Dirigiu-se para um dos que seguravam Rodrigo. — Se esse homem me ferir ou me matar, podem deixar ele ir embora em paz. — Aproximou-se do vigário. — Padre, vosmecê fale com meu pai, explique a ele que empenhei minha palavra de honra. (VERISSIMO, 1995a, p. 231)

Certamente dar um tiro de garrucha no oponente, quando o trato era uma luta somente com arma branca, não ajudou Bento na sua encenação de guerreiro audacioso a conquistar sua própria força hegemônica. Ele teve que contentar-se em herdá-la dos seus antecessores. O poder exige, para se manter, que seja constantemente testado e aprovado. Se o futuro detentor do poder não mantinha sua palavra, seria mais difícil que a população confiasse e depositasse nele o poder de mando sobre todo o povoado. Qualquer falha, um só ato covarde pode colocar a masculinidade hegemônica em risco. Bento Amaral, ao dar um tiro traiçoeiro em Rodrigo, abriu uma brecha na fortaleza que seu pai e seu avô tinham criado para ele.

Desta forma, Rodrigo apresenta-se como uma ameaça à esta masculinidade hegemônica incorporada pela família Amaral, pois logo de início rebelou-se contra o poder do Coronel. Sentiu desejos de buscar contrapor-se à predominância deste masculino. Esperou que algo acontecesse para que

pudesse enfrentá-lo: “Rodrigo fitou o casarão de pedra dos Amarais, lá do outro lado da praça. A fera deve estar dormindo - pensou. E sentiu desejos de enfrentá-la” (VERISSIMO, 1995a, p. 202). Se Rodrigo os enfrentasse, e vencesse, poderia ocupar, assim, a posição hegemônica no povoado. E Rodrigo esteve bem perto de ser o senhor de Santa Fé e ficar com a posição política de chefia dos Amarais, como verificamos no seguinte trecho:

Acho que esta noite vou dormir na cama do velho Ricardo. Sorriu. - Mas sem a mulher dele, naturalmente... E amanhã de manhã quero mandar um próprio levar ao chefe a notícia de que Santa Fé é nossa. A província toda está nas nossas mãos. Desta vez os legalistas se borraram. (VERISSIMO, 1995a, p. 409)

Foi baleado na luta, mas saiu dela mais forte do que entrou, pois marcou o rosto de seu adversário de forma a confirmar seu momento de hegemonia sobre este outro corpo.

O povo comandado se sentiu envergonhado pela ação daquele que mantinha o comando. A história de Bento atirar no capitão quando haviam acordado usar somente arma branca, espalhou-se em Santa Fé; assim, a

história da traição de Bento Amaral corria pela cidade de boca em boca. "O Bento é valente quando anda junto com os capangas" - murmurou um, olhando a medo para os lados. Uma velha que fazia renda de bilro em sua casa disse ao marido: "Eu só queria era ver a cara do seu Bento com a marca do capitão". Um novo dia amanheceu e a casa dos Amarais continuou fechada. Agora o povoado esquecia os Amarais para se preocupar com Rodrigo Cambará. A venda do Nicolau vivia cheia de homens que comentavam o caso. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 203).

Por Bento ter-se desonrado na luta com Rodrigo, o capitão conseguiu a aprovação dos moradores de Santa Fé. Os subordinados obedecem, mas só aos que mostram poder, força e honra, qualidades indissociáveis a quem tem o poder de mando oriundo daqueles que ocupam o ápice da pirâmide hegemônica. Os gaúchos, mesmo os mais desvalidos, que não tinham nada de seu, mantinham o orgulho e só obedeciam os que consideravam muito acima de si mesmos; sabiam respeitar o poder quando o reconheciam, como afirmado a seguir:

Sim, os homens que tinham galões, títulos de nobreza, léguas de sesmaria, botas e cavalos falavam alto e grosso, de cabeça erguida. E havia também os sem títulos nem terras nem galões, que falavam alto e grosso e de cabeça erguida porque tinham armas, botas e cavalos. Mas os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada; os pobres-diabos que andavam molambentos e de mãos vazias, esses só falavam alto e grosso entre os de sua igualha.

Porque ante os bem montados ficavam de olhos baixos e sem voz. (VERISSIMO, 1995a, p. 156)

2.2.2. Capitão Rodrigo e padre Lara

Havendo formas distintas de masculinidade, o coronel e o filho representam aquelas que ocupam a posição de mando, em detrimento de outras formas que ocupavam posições de menor prestígio.

Na narrativa, o personagem padre Lara reconhecia e exaltava a liderança do Coronel Amaral que detinha o poder político e econômico em Santa Fé. Podemos, inclusive, pensar nesse personagem como um cúmplice do coronel, uma vez que o amparava na manutenção desse poder. Ele incentivava os habitantes, apegados a seus valores, acostumados a temer, a respeitar e trabalhar, para que continuassem a constituir novas famílias, criassem seus filhos para que esses, por sua vez, casassem, trabalhassem e criassem novos filhos que temessem os descendentes dos Amarais e mantivessem a hierarquia e a ordem do pacato lugar.

Quando Rodrigo chegou ao povoado, Padre Lara sentiu-se na obrigação de adverti-lo de que aquele era um lugar pacífico e que já tinha um dono e que este não poderia ser contestado por ser “quem manda neste povoado e nestes campos ao redor de Santa Fé. Ninguém fica sem o consentimento dele. É ele quem resolve todas as questões: uma espécie de juiz de paz” (VERISSIMO, 1995a, p. 95).

Padre Lara representa, no universo de Santa Fé, o poder incontestável da igreja e, convenientemente, nunca enfrentava o poder do Coronel e, por conseguinte, jamais suscitava os paroquianos de seu rebanho a fazê-lo. Ao conhecer Rodrigo, reconheceu que este, com seu jeito brincalhão e inconsequente, poderia ameaçar o modo de vida ordeiro a que estavam familiarizados e que

homens que, como Rodrigo, tinham vindo das Guerras Platinas, onde estiveram em contato com os caudilhos e guerreiros castelhanos que procuravam libertar sua pátria do domínio espanhol; os homens do interior e da fronteira que amavam a ação, o entrevero, as cargas de cavalaria, a lida e a liberdade do campo, onde viviam longe do coletor de impostos e das autoridades - esses falavam em liberdade, hostilizavam os portugueses, queriam a independência. (VERISSIMO, 1995a, p. 153)

O padre, embora não completamente humilde e subalterno, aceitava ordens do coronel, respeitava as outras leis, obedecia a monarquia e principalmente aceitava e constituía o poder da religião. Em sua fragilidade física, o corpo do padre revestia-se do poder destemido e autoritário da igreja católica que, embora pouco atuante ali em Santa Fé, ajudava a manter o monopólio da força em posse do coronel Amaral, assim como a subjugação do trabalho, orgulho, vontade e passividade do povo. Pela cumplicidade, terceiro padrão fundamental de masculinidade, padre Lara estabelecia e mantinha a conexão com o projeto hegemônico. O representante da igreja valia-se de uma estratégia de cumplicidade em relação à masculinidade hegemônica. Essa cumplicidade perante a posição hegemônica lhe era de grande valia. Desta forma, como defensor da ordem, dos atos e costumes predominantes de performances coativas, o padre precisava pregá-la como uma homília a Rodrigo.

O vigário entrou numa história muito longa sobre a família Amaral, sua tradição, seus hábitos, suas manias e seu prestígio junto ao governo da Província.(...) — É quem manda neste povoado e nestes campos ao redor de Santa Fé. Ninguém fica aqui sem o consentimento dele. É ele quem resolve todas as questões: uma espécie de juiz de paz. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 202)

Ele representava a grande maioria da população que não desejava guerras ainda que estivesse descontente. O padre temia homens libertários, pois sabia que “alguns brigavam por obrigação; muitos por profissão, mas a maioria brigava por gosto” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 153). Disfarçado de preocupação com os paroquianos, o padre trazia um sentimento escondido, um forte medo da anarquia e da desestabilização que uma convivência igualitária traria. Frequentemente, ele se angustiava com as consequências de uma aproximação de Rodrigo com o povo de Santa Fé e pelo que isso poderia vir a significar à ordem e hierarquia. Assim o padre, de maneira metonímica, rotulava o capitão, ao rotular os gaúchos guerreiros que lutavam pela independência das terras em que eles todos viviam. Rodrigo fazia parte do todo, daquele grupo de homens que sendo

aventureiros habituavam-se a nunca ir à igreja nem a respeitar os sacerdotes. Não havia em suas vidas ordem ou método ou estabilidade que lhes permitisse dedicarem pelo menos um dia da semana ao culto do Criador. Em alguns lugares da Província os homens nem chegavam a saber quando era domingo. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 157)

Contudo, ainda que contraditoriamente, o padre admirava esses homens que se assemelhavam a deuses guerreiros e que não podiam curvar-se diante de um poder que se igualava ao deles, de um Deus tão homem quanto eles:

Por outro lado, como podiam eles humilhar-se diante de Deus se sabiam que Deus era um homem, e um homem macho - segundo o rude código continentino - nunca baixa a cabeça nem ajoelha diante de outro homem? Habitados a guerras, asperezas e violências, confiavam mais em seus cavalos, suas armas e sua coragem do que em santos, rezas, sacerdotes ou igrejas. (VERISSIMO, 1995a, p. 222)

Padre Lara, ao associar a figura desses guerreiros à figura de Deus, dá voz à dominação masculina, que pensa toda a ordem social tendo como ponto de partida um masculino, mais especificamente, “um homem macho”. Nas palavras do padre, encontramos ecos da lógica misógina, a qual lega ao feminino a associação nítida, e quase que naturalizada, com a subordinação.

A posição hegemônica tem seu maior problema no fato de outros desejarem esta posição e ser possível, se não provável, haver confronto por ela. Esses grupos de homens e mulheres que se encontram em tensão e em posição desprivilegiada tentam se sobrepor ao grupo então hegemônico e, assim, passar a ocupar tal posição. Entretanto, pode ser que tal não ocorra por haver incapacidade de resistência por estarem (esses grupos) em posição de desvantagem, como afirma Connell:

Relações de gênero são sempre arenas de tensão. Um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições. Um padrão de práticas (isto é, uma versão de masculinidade) que forneceu soluções em condições anteriores, mas não em novas situações, é aberto ao questionamento – ele, de fato, será contestado. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 272)

Se há embate entre as masculinidades representadas por Rodrigo e Padre Lara essa se dá no campo religioso, no que diz respeito a não-crença demonstrada por Rodrigo, que perpetua ideários de masculino e depara-se com o fim. Resta-nos saber como a representação desse encontro se dará para essa construção de masculinidades, já que para Rodrigo as demonstrações de suas ideias sobre a morte, religião, céu e inferno, discutidas com o personagem Padre Lara, não deixam de ser um embate travado entre o padre, masculino representativo da religião, e ele, Rodrigo, não religioso e debochado, que

gostava de mostrar-se contrário ao padre, para escarnecer deste e divertir-se com esta contrariedade.

Rodrigo não carregava em si ideias de pecado, nem mesmo de religiosidade, pois “para ele padre era preto e agourento como urubu. Onde havia padre havia desastre ou morte: enterro, extrema-unção ou casamento” (VERISSIMO, 1995a, p. 200). Não lhe fora ensinado a ideia de pecado, inferno, paraíso, proibição, castração, abstinências, remorsos, culpas e arrependimentos, não conhecia os princípios do verbo pecar, portanto, não os temia.

Causa desgosto ao padre, Rodrigo mostrar-se alheio às coisas da religião, como afirmado pelo próprio personagem: “Não entendo muito desses negócios de religião, padre” (VERISSIMO, 1995a, p. 198). A eternidade é tempo demasiado, mesmo para viver feliz em meio a tantas pessoas de almas puras, as quais o padre garante que estão no céu. Viver uma eternidade em contemplação no paraíso pode parecer a felicidade suprema para muitas pessoas, mas não para Rodrigo Cambará. Rodrigo mostrava-se um amante da vida terrena e dos prazeres físicos que podia tirar dela. A vida beatificada do paraíso não parecia atraente já que o capitão associava o céu ao tédio e ao aborrecimento:

Padre, ouvi dizer que no céu não tem jogo nem bebida nem carreiras nem baile nem mulher. Se é assim, prefiro ir pro inferno. Além disso as tais pessoas que todo mundo diz que vão pro céu por serem direitas e sem pecado são a gente mais aborrecida que tenho encontrado em toda a minha vida. Tenho conhecido muito patife simpático, muito pecador bom companheiro. Se eles vão para o inferno é para lá mesmo que eu quero ir. (VERISSIMO, 1995a, p. 204)

Não acreditava que devesse alguma obediência à igreja, e nem lhe admitia a imposição de limites; isso o fazia mais livre que a maioria dos homens porque não se reconhecia submisso. Rodrigo poderia estar usando apenas de palavras retóricas quando dizia: “-pra lê ser franco, não tenho sentido falta de igreja nem de reza nem de santo. -Nem na hora do perigo? - Pois na hora do perigo mesmo é que não penso nessas coisas” (VERISSIMO, 1995a, p. 206). Ao ficar às portas da morte, não confessou pecados ao padre, que foi lhe dar a extrema-unção. Fosse para contrariar o padre ou por vergonha mesmo, Rodrigo não se voltaria a Deus na hora da morte:

Nunca acreditei em padre, igreja, santo e essas coisas de religião. Veja bem, amigo Juvenal. Se eu morresse sem me confessar e depois descobrisse que havia outra vida... bom, eu sustentava a nota e aguentava os castigos porque não havia outro remédio. (VERISSIMO, 1995a, p. 242).

Se houvesse Deus e castigos, ele morreria sem humilhar-se, com coragem e receberia o que merecesse. Ao mesmo tempo em que acreditava que morreria repentinamente e por isso não teria tempo de elevar o pensamento a Deus, pensar em se confessar como forma de uma rápida reconciliação com Deus se assemelhava à covardia: “Se eu me confessasse e não morresse, ia ficar com uma vergonha danada de ter me entregado só por medo da morte. Todo mundo ia dizer que afrouxei o garrão, e isso, amigo, era o diabo...” (VERISSIMO, 1995a, p. 217). E mesmo nos instantes que poderiam ser os últimos, lembrou-se de ironizar o poder de perdão da igreja e zombar do sacerdote:

Rodrigo abriu os olhos e ergueu lentamente a mão direita na direção do rosto do vigário. E com um súbito horror, como se de repente tivesse visto a figura de Satanás, o padre Lara leu naquela mão dessangrada a resposta do doente. O capitão Rodrigo Cambará lhe fazia uma figa! (VERISSIMO, 1995a, p. 240)

Padre Lara estava presente nas muitas vezes que Rodrigo declarou que não lembraria de chamar um padre para lhe dar a extrema-unção na hora da morte, mas mesmo assim pareceu muito horrorizado e talvez surpreso pois alguns ainda sabem morrer corajosamente.

Deus é um só e está no céu. E esse Deus único não é apenas senhor de Santa Fé. É senhor do universo. — Deixou o tom solene, ficou mais terra a terra ao perguntar: — Vosmecê não é religioso?
— Não. Religião nunca me fez falta.
— Há pessoas que só se lembram da Virgem quando tropeja.
— Quando tropeja me lembro do meu poncho.
— Há homens que passam a vida fazendo pouco da Igreja, mas na hora da morte mandam chamar um padre pra se confessar.
Rodrigo soltou uma risada.
— Chamar padre na hora da morte? (VERISSIMO, 1995, p. 200)

Morrer e pensar em Deus eram duas coisas incompatíveis nos pensamentos de Rodrigo Cambará. Ele morreria rápida e repentinamente, de um tiro, em meio a uma guerra. Era nisso que acreditava. Nas palavras de Rodrigo encontramos, além da descrença, a crítica àqueles que para tudo clamam pelo auxílio divino ou ainda àqueles que se voltam a Deus somente no momento da morte. Se Rodrigo, que chegara tão corajosamente em Santa Fé,

o que o fez conquistar muitos personagens da cidadezinha, tivesse mostrado medo, nem que fosse apenas ao padre Lara, teria ficado desacreditado e por isso se extinguiria o fascínio que provocava, já que esse fascínio se devia muito à essa coragem mitológica e essa capacidade rara de provocar o padre através dessas conversas sobre religião.

2.2.3. Os Terras

A família Terra era formada originalmente por cinco membros: “Ana vivia na estância com os pais e dois irmãos” (VERISSIMO, 1995a, p. 73). A história da família é narrada em *Ana Terra*, segundo episódio, do ponto de vista cronológico, do romance *O continente*, primeiro tomo de *O tempo e o Vento*. Eles eram paulistas que vieram para se instalarem nos campos do Rio Grande do Sul em busca de melhores condições de vida. Era formada pelo pai, Maneco Terra, dona Henriqueta, e os filhos Horávio, Antônio e Ana. Vivem ameaçados por índios e bandoleiros bem como pelas guerras entre portugueses e castelhanos. Assim, Maria da Glória Bordini descreve:

À falta de dados sobre o cotidiano de então, a imaginação convoca o mito e centraliza o herói fundador, Pedro Missioneiro, origem da família Terra, na guerra de conquista entre portugueses e espanhóis pelo território dos vales entre os rios Paraná e Uruguay, naquela época colonizado por trinta missões jesuíticas, que haviam implantado entre os índios guaranis sua política de reduções, a mando do império espanhol e da Santa Madre Igreja. (BORDINI, 2004, p. 49-64)

Ferido nessas guerras, Pedro foge e acaba sendo encontrado por Ana Terra, desmaiado, na beira do rio onde ela costumava lavar as roupas da família. Mesmo que desconfiadamente, os Terras lhe salvam a vida e o mantêm por perto, por precisar de seus serviços no trabalho rude dos campos e pela sua habilidade em domar cavalos. Ana acaba engravidando de Pedro Missioneiro, mestiço, filho de uma índia estuprada por um bandeirante. Pedro foi educado nas missões jesuíticas e lá aprende a ler, a contar histórias e a tocar flauta, o que acaba encantando aquela família simples que se encontra perdida nos pampas gaúchos, onde o tempo não era contado com exatidão, mas apenas percebido, onde

ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio. Eles guardavam na memória os dias da

semana; viam as horas pela posição do sol; calculavam a passagem dos meses pelas fases da lua; e era o cheiro do ar, o aspecto das árvores e a temperatura que lhes diziam as estações do ano (VERISSIMO, 1995a, p. 84)

Os homens da família, ao descobrirem a gravidez, assassinam Pedro. Ana cria o filho sob o olhar de desprezo do pai e dos irmãos. Após todos de sua família morrerem sob um ataque de castelhanos, com excessão de dona Henriqueta que já havia morrido de doença, Ana vai com o filho Pedro para viver nas terras do latifundiário Amaral, quando este ainda pretendia abrir um povoado:

Vamos subir a serra. Já ouviu falar no coronel Ricardo Amaral?
 — Não — respondeu Ana.
 — É o estancieiro mais rico da zona missioneira. É tio-avô da minha mulher. Consegui umas terrinhas perto dos campos dele. Diz que há outras famílias por lá. O velho parece que quer fundar um povoado.
 — Um povoado? — perguntou Ana, meio vaga. (VERISSIMO, 1995a, p. 128)

Ana torna-se uma das primeiras moradoras de Santa Fé. Assim se entrelaçam a história dos descendentes de Ana Terra, a prepotência dos grandes proprietários, representados pela família amaral e Rodrigo Cambará, o homem vindo de um lugar incerto que chega a Santa Fé, irrompendo no bar de Nicolau, em um ruidoso estilo. Castello assim se refere à narrativa de *O tempo e o vento*:

Os clãs se defrontam: o chefe dos Amaral, paulista que lutou nos Sete Povos, e Rodrigo Cambará, em guerras e escaramuças de fronteiras, herói, fanfarrão, jogador, mulherengo e corajoso. Os dois seguirão entrelaçados por ódios, vinganças, lutas e finalmente oposição política. Ao fim de quase um século de rivalidades, a narrativa se encerra com a vitória republicana do Sobrado, reduto impoluto dos Cambarás. (CASTELLO, 2000, p. 94)

A confrontação que acontece entre Rodrigo e os Amarais é responsável pelo interesse despertado pela narrativa, segundo Antônio de Assis Brasil, “a permanência da tensão dramática, corporificada pelo antagonismo entre Amaral e Rodrigo, foi responsável pelo próprio andamento do romance e do interesse do leitor” (ASSIS BRASIL, 2001, p. 217).

Rodrigo Cambará, ao casar-se com a neta de Ana Terra, Bibiana Terra, vem contribuir com a descendência; “a família Terra/Cambará, em várias gerações, coincide com a fundação da cidade de Santa Fé; esta por sua vez, traduz uma síntese do Rio Grande do Sul” (CHAVES, 2000, p. 70).

Bordini, no artigo *O continente: um romance de formação? Pós colonialismo e identidade política*, refere-se a Pedro e Ana Terra, a Rodrigo e Bibiana como “heróis fundadores de uma dinastia” que “guardam em si o poder de direito, da vida justa e da luta pela liberdade de espírito e ação” (BORDINI, 2004, p. 81).

2.2.3.1. Rodrigo e Juvenal

Logo ao chegar a Santa Fé, Rodrigo quase esteve a ponto de duelar. Foi ao entrar no bar e fazer um cumprimento que foi considerado desrespeitoso:

— Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!
Havia por ali uns dois ou três homens, que o miraram de soslaio sem dizer palavra. Mas dum canto da sala ergueu-se um moço moreno, que puxou a faca, olhou para Rodrigo e exclamou: (VERISSIMO, 1995a, p. 174)

Juvenal Terra enfrentou Rodrigo Cambará: “— Pois dê!” (VERISSIMO, 1995a, p. 174). E assim surgiu uma grande amizade. Rodrigo esquivou-se da briga, sorrindo. Ao sorrir, desarmava seus adversários:

Incomodou-se comigo? — perguntou, jovial, examinando o rapaz de alto a baixo.
— Não sou de briga, mas não costumo aguentar desaforo.
— Oô bicho bom!
Os olhos de Rodrigo tinham uma expressão cômica.
— Essa sai ou não sai? — perguntou alguém do lado de fora, vendo que Rodrigo não desembainhava a adaga.
O recém-chegado voltou a cabeça e respondeu calmo:
— Não sai. Estou cansado de pelear. Não quero puxar arma pelo menos por um mês.
— Voltou-se para o homem moreno e, num tom sério e conciliador, disse: — Guarde a arma, amigo.
O outro, entretanto, continuou de cenho fechado e faca em punho. Era um tipo indiático, de grossas sobrelhas negras e zigomas salientes.
— Vamos, companheiro — insistiu Rodrigo. — **Um homem não briga de balde**. Eu não quis ofender ninguém. Foi uma maneira de falar... (VERISSIMO, 1995a, p. 174, grifo nosso)

O capitão que acreditava em guerras, mas não numa briga homem a homem, sem um motivo forte, tinha um jeito atrevido. Juvenal Terra logo alerta Rodrigo que este devia ir-se de Santa Fé, que sua personalidade não era condizente com a dos moradores dali. Juvenal não hesita em dizer-lhe que provavelmente sua estada será curta devido ao seu jeito atrevido:

-Pois lê garanto que estou gostando deste lugar - disse Rodrigo. - Quando entrei em Santa Fé, pensei cá comigo: capitão, pode ser que vosmecê só passe aqui uma noite, mas também pode ser que passe o resto da vida...

- E o resto da vida pode ser trinta anos, três meses ou três dias... - filosofou Juvenal, olhando os pedacinhos de fumo que se lhe acumulavam no côncavo da mão. E quando ergueu a cabeça para encarar o capitão, deu com aqueles olhos de ave de rapina.

- Ou três horas... - completou Rodrigo. - Mas por que é que o amigo diz isso?

- Porque vosmecê tem um jeito atrevido.

Sem se zangar, mas com firmeza, Rodrigo retrucou:

- Tenho e sustento o jeito. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 174)

Sentia que Rodrigo significava problemas aos moradores do vilarejo, pois poderia tirá-los de suas vidas quietas e pacatas:

Levava um mau pressentimento. Aquele homem ia trazer incômodos para Santa Fé. Por um momento a sombra duma dúvida escureceu-lhe o espírito: que era que a Maruca, sua mulher, ia sentir quando visse aquele homem? Pensou também no que diria seu pai, Pedro Terra, quando soubesse da chegada do estranho. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 185)

Juvenal estava desconfiado e ao mesmo tempo atraído pela personalidade de Rodrigo, tão atrevido e diferente dos habitantes sisudos de Santa Fé.

Rodrigo começou a trincar a linguiça com alegria. Juvenal bateu o isqueiro, acendeu o cigarro, tirou duas tragadas e ficou a observar o forasteiro. (...) Fumando em calma, Juvenal observava Rodrigo, que mastigava com gosto, o bigode já respingado de farofa. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 177)

Emanações escapavam daquele homem e mantinham Juvenal encantado. Sentimentos contraditórios, porém fortes, conservavam Juvenal ouvindo, estanque, deslumbrado, encontrando dificuldades para sair dali. E confusamente percebeu o que era: O Capitão tinha alguma coisa que o igualava ao Coronel Amaral: força, capacidade de comando, liderança. Sim, os dois eram feitos do mesmo material: “E desejou estar presente quando Rodrigo Cambará e o coronel Ricardo Amaral Neto - o chefe político de Santa Fé - se encontrassem. Ia sair chispa: aço batendo contra aço” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 183). Mas ainda assim aconselhou o homem que fosse embora de Santa Fé. Juvenal era uma figura calma e forte, mas sozinho não tinha força nem a coragem necessária para um enfrentamento, tendo inclusive sido conivente, por muito tempo, com o poder dos Amarais, até mesmo aceitando presentes de Bento Amaral enquanto ele cortejava Bibiana: “E Bento visitava os Terras com

alguma frequência, tratava-os bem, dava presentes a Juvenal” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 186).

Juvenal mantinha um desejo escondido de lutar contra o domínio dos Amarais. Talvez não fosse uma ideia clara, com certeza não era ainda uma esperança, era algo enfumaçado, um vulto em meio a um nevoeiro. Quando, na festa de casamento, ele postou-se ao lado de Rodrigo e enfrentou Bento Amaral, estava rompendo com a encilha, enfrentando o poder hegemônico de uma forma que nunca teria ousado se o Capitão não estivesse ali, formando seu contraponto. Juvenal não estava defendendo o Capitão Rodrigo. Ao pretender-se defensor de Santa Fé e de seus costumes, sentindo-se protegido pela presença do Capitão, defendia a si mesmo, a seu pai, seus amigos, conhecidos e vizinhos, todos os que se achavam sob a dominação secular dos Amarais. A tensão estava lá, latente e explodiu após a provocação de Rodrigo a Bento Amaral. Explodiu porque precisava de suporte e alento para explodir, e porque Juvenal e todos ali precisavam desta descarga emocional que foi liberada ao ver alguém rebelar-se contra a opressão em que viviam por anos.

— Se vosmecês têm medo de falar, eu não tenho. Por muito tempo andei com essas coisas atravessadas na garganta. Agora chegou a hora. Agora digo tudo. Bento parecia engasgado. Grandalhão, o largo peito a subir e a descer ao compasso de uma respiração irregular, o anel a brilhar no dedo, ele ali estava como um touro que se prepara para o arremesso. E as palavras de Juvenal eram provocadoras como um pano vermelho.

Nesse momento Rodrigo gritou:

— Amigo Juvenal, esta parada é minha. Me larguem!

Juvenal não tirava os olhos de Bento.

— A parada é de vosmecê, capitão, eu sei. Mas ainda não terminei. Todo mundo aqui tem medo dos Amarais. Pois eu, se tive algum, agora perdi. Não é o vinho. Só bebi refresco de limão. Posso estar bêbado, mas é de raiva. Pois é. Ninguém diz nada, ninguém faz nada. Há anos que a gente vive aqui encilhado pelos Amarais. O velho Ricardo Amaral tirou a terra do meu pai. Botou a corda no pescoço do coitado, quando ele ficou mal de negócios. Todo mundo sabe que a maior parte dos campos que esse velho tem foi roubada. Só sinto é ele não estar aqui pra ouvir estas verdades. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 231)

Antes que Rodrigo replicasse, Juvenal falou por ele. Não havia como não ter briga, pois agora Rodrigo estava ali e enfrentaria Bento, por ele, por todos:

Juvenal replicou:

— Depois dessa bofetada não pode deixar de haver sangue.

E o padre ficou surpreendido ao perceber no rosto do filho de Pedro Terra uma expressão que só podia ser ódio mal contido: uma surda

raiva velava-lhe a voz. E o vigário pela primeira vez percebeu como Juvenal detestava Bento Amaral.

— Não quero briga dentro da minha casa — declarou Joca Rodrigues.

Sem tirar os olhos de Bento, Juvenal tornou a falar:

— Não precisa ser dentro de sua casa, seu Joca. Pode ser em qualquer outro lugar. O mundo é muito grande. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 230)

Foi uma explosão gigantesca, inesperada, que provocou uma catarse nos homens e mulheres que assistiam e experimentaram uma sensação de poder e liberdade que há muito não sentiam, talvez nunca tivessem experimentado. Emanavam uma energia que quase se podia tocar de tão intensa, ódio aos Amarais e Bento a sentiu: “Era como se aqueles muitos pares de olhos que estavam postos nele irradiassem calor, fazendo-o suar e dando-lhe um mal estar insuportável” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 232).

Pela primeira vez, Juvenal estava encontrando sustento e ânimo. E este apoio o ajudou a liberar o ódio aprisionado dentro dele por tanto tempo. A epifania que tivera ao encontrar o capitão confirmara-se: Capitão Rodrigo era feito do mesmo aço que os Amarais; poderia enfrentá-los. Se Rodrigo podia confrontá-los, então eles eram passíveis de serem enfrentados. Esta era outra epifania. Os tempos eram de revelação. As comportas abriram-se, jorraram o que não podia ser dito e não podia mais ser contido. Juvenal sempre permanecera de fora do aspecto político do povoado e nunca contestara o *status quo*; nunca antes se rebelara contra os Amarais, nunca tivera tal ousadia, nem mesmo quando estes tiraram-lhes as terras. Até o dia que Rodrigo enfrentou Bento Amaral. Isso provocou um homem escondido dentro de Juvenal, que nem mesmo ele conhecia. Que sentimento estranho ver que “Bento bufava, mas não dizia nada, como que inibido pela surpresa” (VERÍSSIMO, 1995a, p.185).

Às vezes não se toma uma atitude em relação a algo que incomoda, mas não é o medo que detém, nem a falta de coragem, mas a certeza da impossibilidade de ousar. Nem todos anseiam pela hegemonia que exige predisposição para a luta, para a guerra. Alguns, como Juvenal, são da paz. Passara a vida sendo encilhado pelos coronéis, fazendo parte do potreiro, como cavalo manso. Rodrigo era da guerra; era ousado. Os dois juntos conseguiram enfrentar o poder hegemônico.

A figura de Juvenal pode, portanto, ser interpretada como a de um subordinado, isto é, uma das partes dessas relações de dominação e subordinação que dão-se entre grupos de homens frente à hegemonia do grupo que exerce a preponderância comportamental e cultural da sociedade (CONNELL, 1997, p. 40). Mesmo sendo um homem e por isso fazendo parte da categoria que domina em relação a outros grupos ele está, por sua vez, também, submetido às hierarquias masculinas. O mais forte, o mais preparado, em Santa Fé, Ricardo Amaral, domina, os outros, aqui representado por Juvenal Terra, se subordinam. Assim sendo, Juvenal poderia livrar-se do jugo que o manteve, a ele e aos conhecidos, atados por anos.

Quando o capitão recuperou-se do tiro que tinha lhe dado Bento Amaral, agradeceu Juvenal por tê-lo defendido:

— Amigo Juvenal, nunca hei de esquecer o que vosmecê fez por mim. O outro desviou o olhar do rosto do capitão como se aquelas palavras lhe causassem um certo constrangimento. — Ora... — fez ele, lançando um olhar para a figueira grande, através da janela. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 241)

Juvenal não olhou o capitão Rodrigo nos olhos, porque sabia uma coisa que o capitão não sabia: o que ele tinha feito, tinha feito por si mesmo, pelo pai, pelos homens que, como ele, baixavam os olhos para o coronel. Quando o Capitão morreu Juvenal perdeu não só o cunhado, não só o amigo, mas o companheiro de luta, que tinha lhe dado coragem e força para enfrentar e opor-se ao poder hegemônico.

Juvenal não podia tirar da cabeça a imagem do cunhado. E não conseguia convencer-se de que ele estava morto, não podia mais rir, nem comer, nem amar, nem falar, nem brigar. Morto, apodrecendo debaixo da terra... Lembrou-se do primeiro dia em que o vira. "Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho." E se viu a si mesmo saltar dum canto, de faca em punho: "Pois dê". Aqueles olhos de águia, insolentes e simpáticos... O mundo era mesmo bem triste! (VERÍSSIMO, 1995a, p. 308)

2.2.3.2. Rodrigo e Pedro Terra

Não foi só Juvenal que acreditou que Rodrigo devia sair de Santa Fé; depois dele tiveram a mesma opinião padre Lara e coronel Amaral, mas o único que manteve esta opinião até o fim foi Pedro Terra. O pai de Juvenal e Bibiana não gostou de Rodrigo ao ouvir-lhe a voz, antes mesmo de conhecê-lo:

Pedro Terra, que voltava da casa do vigário pouco antes das nove da noite, ao passar pela venda ouviu a voz de Rodrigo, parou e ficou escutando:

Sou valente como as armas,
Sou guapo como um leão.
Índio velho sem governo,
Minha lei é o coração.

Pedro Terra começou a sentir, desde o primeiro momento, uma inexplicável antipatia pelo dono daquela voz — um homem cuja cara ainda não vira nem desejava ver. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 186)

Pedro Terra manteve seu ódio ao capitão até mesmo quando este já estava enterrado. Quando pergunta ao pai de Bibiana o que poderia fazer para estabelecer-se no lugar, Rodrigo recebe deste o conselho de ir embora:

— Que espécie de conselho vosmecê deseja?

— Pois resolvi ficar em Santa Fé. Sou solteiro, não tenho parentes e pretendo sentar juízo. Queria empregar direito o dinheirinho que tenho e não sei bem o que vou fazer. Vosmecê acha que devo plantar ou criar gado? (VERÍSSIMO, 1995a, p. 192)

Pedro Terra é descrito como um homem rude, humilde que

trabalhava como um mouro para que nunca faltasse nada à família. Fora infeliz nos negócios, mas não por culpa sua. E agora, já na casa dos cinquenta, ainda trabalhava como um moço de vinte, não que quisesse fazer da filha uma dessas mulheres sem serventia que passam o dia dormindo, comendo e passeando; o que ele não queria era que um dia ela fosse obrigada a trabalhar como uma escrava para ganhar seu sustento. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 185)

Não era de muita risada nem de muitas palavras, mas não costumava maltratar ninguém: “Pedro escrutou-lhe o rosto por um instante e depois perguntou: — Vosmecê quer mesmo a minha opinião franca?” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 192). Contudo, saiu de seu estado natural para ser rude com Rodrigo: “— Está bem. O meu conselho é que vosmecê monte a cavalo e vá embora daqui o quanto antes” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 192). Rodrigo sentiu-se desafiado e isso só fazia com que seu espírito combativo se sentisse convalidado a ficar e lutar:

“Monte a cavalo e vá embora daqui o quanto antes.” A voz do homem ainda lhe soava na mente. Que diabo aquela gente tinha visto em sua cara? Primeiro tinha sido o filho. Agora o pai. Todos achavam que ele ia trazer desgraça para o povoado... Mas a verdade era que, quanto mais oposição encontrava, mais vontade sentia de ficar. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 193)

A antipatia fora tão grande que não pode escondê-la de quem estava ao seu redor: Rodrigo tinha deixado uma péssima impressão em Pedro Terra, como se representasse um grande mal. Bibiana sentiu o antagonismo que o capitão Rodrigo conseguira criar, abrindo uma brecha na pacifidade do pai:

No entanto, sabia que o pai não tinha gostado do capitão. Viera do cemitério resmungando, falando mal dele. “Havia de aparecer agora essa peste...” E dava chicotadas nos cavalos, como se os pobres animais fossem os culpados do aparecimento daquele estranho. “Que é que ele pensa de Santa Fé?” Lept! Lept! Bibiana nunca vira o pai tão exaltado. Por quê, Santo Deus? Afinal de contas o homem não tinha feito nada de mau... (VERISSIMO, 1995a, p. 196)

De um jeito seco e calado, Pedro Terra amava a filha e todos os seus sentimentos mais ternos destinavam-se a ela. Quando a filha preferiu Rodrigo em prejuízo de seus desejos de pai, Pedro controlou-se a custo:

O padre olhou para Pedro e sentiu um calafrio. O que via nos olhos, no rosto daquele homem era ciúme, um ciúme surdo, escondido, que ardia como brasa viva sob a cinza.

— Vosmecê alguma vez falou com esse homem? — tornou a perguntar Pedro Terra.

— Nunca, papai. (VERISSIMO, 1995a, p. 249)

Quando o pai lhe perguntou se casaria com Rodrigo passando por cima de tudo o mais, ela não titubeou e preferiu Rodrigo a ele, seu pai:

— E mesmo assim quer casar com ele?

— Eu não sei se ele quer casar comigo...

— Está visto que quer! Mas vosmecê está resolvida a arriscar a ser infeliz?

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

— Estou — disse, erguendo o rosto e encarando o pai.(...)

— E assim mesmo quer casar com ele?

— Se ele quiser, eu quero.

O padre agora via na moça a decisão de Ana Terra.

— E vosmecê sabe que este casamento vai me deixar muito triste?

— Sei, sim senhor.

— E apesar disso ainda insiste em casar com ele? (VERISSIMO, 1995a, p. 249)

A futura esposa de Rodrigo já não era, então, uma mocinha frágil e sem opinião, que pudesse ser manipulada. Não se mostra dócil nem muito disposta a fazer um gesto de abnegação em favor da felicidade do pai. Bibiana sempre foi o pensamento recorrente de Pedro Terra, o qual temia que ela ficasse exposta a falatórios da população se Rodrigo a abandonasse:

E à medida que o tempo passava mais se fortalecia nela o pressentimento de que nunca mais tornaria a ver Rodrigo. Era essa mesma suspeita que Bibiana lia nos olhos do pai, nas **raras vezes em que ele a fitava**. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 260, grifo nosso)

O pai não a fitava porque tinha medo que ela lesse seus sentimentos em seus olhos e eles eram muito controversos. Preocupava-se com a questão social, com as aparências; não queria que falassem mal de sua filha se fosse

abandonada pelo marido e, ao mesmo tempo, desejava que isso acontecesse. Só assim a teria novamente em casa, sob seus cuidados.

Uma noite Pedro a surpreende no colo do marido, o que o deixa tão surpreso e envergonhado que desiste da visita e vai embora: “Rodrigo, porém, continuava a beijá-la com fúria, por entre risos. Bibiana olhava para a porta, para a noite, e não podia esquecer a expressão de desagradável surpresa e — sim! — de vergonha que vira no rosto do pai” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 254). O erotismo aparente nas relações do capitão e de Bibiana fazia com que Pedro, recatado, de poucas palavras e nenhuma risada se sentisse muito incomodado.

E havia sempre o perigo que Rodrigo, sendo um forasteiro de espírito aventureiro e por não estar preso às convenções sociais do lugar, “pudesse ir embora, de um momento para outro, atrás de outras mulheres e outros prazeres e largasse Bibiana com os filhos para cuidar” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 251). Para Rodrigo seria fácil ir, não pensar duas vezes antes de largar a família e ingressar em uma guerra, mas Bibiana seria alvo fácil para o falatório da população local. Assim sentia-se Pedro Terra, pai de Bibiana: “Imaginou o futuro da filha: daria cria todos os anos e depois que ela estivesse com uma ninhada bem grande, o marido iria embora, deixando-a ao abandono com toda a prole” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 292). Podemos afirmar, portanto, que Rodrigo incomoda Pedro primeiramente pelo que ele é, homem dado a cantorias e sorrisos, e também pelo que pode vir a representar para a família Terra; a desonra de ter a filha abandonada pelo marido.

Pedro Terra fazia, assim como o filho e quase a totalidade dos homens de Santa Fé, parte da segunda configuração descrita por Connell (1997, p. 40), a subordinação; dos homens posicionados na hierarquia em condição inferior. Submetido à hierarquia de Santa Fé, reprimido por Ricardo Amaral, ele era, contudo, o chefe da família Terra, e tinha poder sobre as mulheres, que eram, por sua vez, dominadas por ele. Bibiana obedecia, portanto, ao pai, que dentro do núcleo familiar era o representante maior do poder. Ela assim o reconhecia e assim considerava correto, conforme transparece em seu diálogo com Pedro Terra, na ocasião em que o padre intercede a favor de Rodrigo para que se realize o casamento dele com Bibiana:

- E se eu lhe proibisse de falar com ele, que é que vosmecê fazia?
- Obedecia.
- E ficava triste?

- Ficava.
- Ficava com raiva de mim?
- Como é que a gente vai ficar com raiva do pai? (VERISSIMO, 1995a, p. 249)

3. Da transição da hegemonia ao mito: o caso do centauro dos pampas

Não é de estranhar que, em alguns contextos prevaleça o culto à masculinidade hegemônica como uma forma importante de masculinidade e que os homens a desejem para si e lutem por ela. No contexto de Santa Fé, um ambiente rude, essa forma de masculinidade era valorizada como um ideal a ser respeitado e admirado. Conforme Connell e Messerschmidt, ainda que ela não corresponda à realidade, expressa um ideal difundido em determinadas circunstâncias:

Assim, masculinidades hegemônicas podem ser constructos que não correspondem exatamente às vidas de todos os homens reais. No entanto, esses modelos, de várias maneiras, expressam ideais difundidos, fantasias e desejos. Eles oferecem modelos de relações com mulheres e soluções para os problemas das relações de gênero. Além disso, eles articulam vagamente com a constituição prática das masculinidades como modos de viver o dia a dia em circunstâncias locais. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2003, p. 251)

Todavia, a posição de masculino hegemônico, isto é, o modelo escolhido como hegemônico, tende a se modificar de acordo com os interesses sociais. Dentro deste espaço, Santa Fé, parece não haver lugar para masculinos como Rodrigo.

O capitão Rodrigo se descrevia da seguinte maneira: “Não sou prevaletido e só brigo com homem que pode reagir” (VERISSIMO, 1995a, p. 179). Ainda que, às vezes, considerasse que alguns mereciam: “Mas hai sujeitos que merecem levar um bom cagaço” (VERISSIMO, 1995a, p. 179). Indício de seu caráter bélico é o prazer que sente ao enfrentar o poder estabelecido e ao falar sobre ele aos homens da venda que o escutam admirados e excitados. Neste contexto, Bordini refere-se ao capitão como “símbolo da luta pela liberdade tanto no plano pessoal quanto no social e político” (BORDINI, 2004, p. 80).

Alguns atos de rebelião de Rodrigo podem ser considerados como uma revolta contra os fatos políticos por detrás das guerras, esses fatos que permanecem obscuros e pelos quais os soldados morrem, lutam o mais que podem, mas não sabem muito bem o porquê:

Em 1827 eu estava com as tropas do marquês de Barbacena. Nunca vi tanta miséria. Soldados de pé no chão, sem uniforme, alguns

quase nus, só cobertos pelo poncho. Eram uns diabos sujos epiolhentos, mas, justiça seja feita, na hora de brigar esqueciam a fome, o frio, tudo, e chegavam a pelear se rindo e gostando. — Cuspiu no chão com nojo. — Depois — prosseguiu — veio aquela batalha desgraçada do Passo do Rosário. Nós éramos uns cinco mil e poucos contra mais de dez mil inimigos. Nossas tropas tinham umas dez ou doze bocas de fogo; eles tinham vinte e tantas, quase trinta. Foi uma barbaridade. Brigar em campo seco é sério, mas brigar em banhado é mais sério ainda. Nossa gente estava cansada, tinha feito uma marcha puxada: os castelhanos estavam fresquitos e bem municados. Assim mesmo peleamos onze horas sem comer nem beber água. (VERISSIMO, 1995a, p. 180)

As possibilidades de perigo que Rodrigo trazia a Santa Fé traduzem-se pelo desejo sempre iminente de enfrentar o governo, de ser contra a ordem estabelecida. Ele era um personagem masculino de resistência, de embates contra a hierarquia:

Mas contra quem era o barulho?

— Contra o governo.

— Mas por quê?

— Ora... — E Rodrigo comeu os últimos pedaços de pessegada e queijo. — Eu sempre digo, se é contra o governo podem contar comigo.

— Mas o governo às vezes pode ter razão.

— Mesmo que tenha, isso não vem ao caso. Governo é governo e sempre é divertido ser contra. (VERISSIMO, 1995a, p. 177)

Rodrigo, convencido de sua superioridade, não suportava que ninguém lhe mandasse, e tinha prazer em ir contra qualquer ordem instituída. Embora estivesse acostumado à hierarquia do exército, rebelava-se às ordens dos superiores se não as achava justas. Em 1827, estava com as tropas do Marquês de Barbacena, quando este se acovardou, e acampou suas tropas por não ter coragem de avançar. Rodrigo fugiu para se juntar às tropas de Bento Gonçalves da Silva e Bento Manoel Ribeiro.

Comecei a resmungar e um tenente meu amigo me disse: "Capitão Rodrigo (nesse tempo eu já tinha sido promovido a capitão), vosmecê anda falando contra o comandante. Tome cuidado senão podem lê mandar a conselho de guerra". Eu não disse nada mas resolvi fugir...

— Fugir? - admirou-se Juvenal.

— Falava-se muito na cavalaria de Bento Gonçalves da Silva e de Bento Manuel Ribeiro... Uma noite montei a cavalo, logrei a sentinela e me fui... (VERISSIMO, 1995a, p. 181)

Lutar em guerras é o orgulho do personagem, pois “a guerra permanece uma ocasião de escolha de exprimir sua virilidade”, já que ela “oferece uma ocasião de rivalizar para conquistar o preço do valor, concedido oficialmente ao cidadão que se sobressaiu” (SARTRE, 2013, p. 46). Além de orgulhar-se de

sua condição de guerreiro, Rodrigo gosta de demonstrar seu valor como guerreiro a quem quiser ouvir. Contudo, lutar não consistia somente num motivo de orgulho para Rodrigo, mas de felicidade. A possibilidade de duelar, de enfrentar o inimigo e de pôr em teste sua masculinidade para comprová-la soberana o enchia de um nervosismo alegre: “Rodrigo foi até seu quarto, acendeu uma vela e começou a procurar os arreios. Estava excitado, feliz, e no seu nervosismo assobiava baixinho” (VERISSIMO, 1995a, p. 231). A felicidade se apresenta com mais intensidade quando teve a oportunidade tão ardentemente sonhada de partir para a guerra: “Como é que estava? Abatido? Bibiana sorriu melancolicamente. — **Estava louco de contente. Parecia que ia pra uma festa**” (VERISSIMO, 1995a, p. 287, grifo nosso). Se a felicidade do capitão estava nas guerras, não haveria como se adaptar às frustrações cotidianas da vida, em ser subordinado aos outros ou governado pela opinião pública. Na morte se encontra sua tragicidade e quem sabe sua fortuna, mas certamente sua mitificação.

Ao mesmo tempo em que gostava de guerras como uma maneira de não pensar seriamente nos problemas da vida e como uma maneira de lutar contra o marasmo dos dias, Rodrigo não escondia uma revolta contra os governos e contra os coronéis que considerava não saberem comandar, mas que estavam à frente dos batalhões, com poder de vida e morte.

Me juntei com a cavalaria dos dois Bentos. Aquilo é que é gente, amigo. Barbaridade! Que cavaleiros! Levamos a castelhanada a grito e a ponta de lança até a fronteira. Depois tivemos umas escaramuças mais, até que veio a paz.[...]

— Quer dizer que vosmecê recém saiu da guerra.

— Ainda trago nas ventas cheiro de pólvora e sangue. (VERISSIMO, 1995a, p. 182).

Rodrigo seguia seu próprio código de honra. Assis Brasil o compara, assim, ao herói El Cid, Rodrigo Díaz de Vivar, guerreiro espanhol que lutava contra os mouros, e seus feitos heroicos foram cantados em versos nas canções de gesta. Rodrigo se aproxima de *El campador* no sentido de predestinado, de cumprir uma missão no mundo um destino que ele acreditava ser morrer guerreando:

Homônimo do protagonista dos Cantares de Mio Cid, o capitão Rodrigo também deveria cumprir algo neste mundo e, tal como o Campeador, foi homem marcado por seu tempo. Ambos, porém, divergem no caráter. Se o Cid lutava por seu rei e sua grei, Rodrigo

lutou no cumprimento de seu destino que não era apenas seu, mas de todos os seus contemporâneos. (ASSIS BRASIL, 2001, p. 209)

No cumprimento deste destino, Rodrigo andou por muitos caminhos e empreendeu muitas guerras. De uma dessas guerras Rodrigo desertou, fugiu no meio da noite. Seja por considerar seu superior um covarde ou por considerar mais útil juntar-se às tropas que escolheu, seja por estarem parados num acampamento sem lutar verdadeiramente; o fato é que desertou, rebelou-se contra a hierarquia e cometeu um crime de guerra.

O inimigo tinha invadido a Província e tomado Bajé. Barbacena estava parado com sua gente e todo mundo parecia desmoralizado, sem coragem pra dar um passo. Estávamos acampados num banhado e eu pensei cá comigo: Não sou sapo pra viver em banhado. Quero mas é brigar. (VERISSIMO, 1995a, p. 181)

Caso estivessem guerreando, Rodrigo provavelmente teria ficado. A deserção de Rodrigo, segundo ele mesmo, configura sua impossibilidade de ficar parado em algum lugar. Fugiu das ordens de Barbacena que estava parado, à espera, para juntar-se às forças de Bento Gonçalves que estava na ativa.

Carregava uma inquietação consigo, uma sensação de que no futuro, na guerra, estão concentradas todas as soluções, todas as certezas, todas as aventuras. Em épocas de paz, Rodrigo Cambará ficava enfasiado, como o próprio personagem afirma: “Vosmecê já viu peixe fora d’água? Pois aqui está um. Na paz me sinto meio sem jeito” (VERISSIMO, 1995a, p. 184).

Rodrigo quase foi banido de Santa Fé pelo coronel Amaral. Por ter provocado tanta apreensão, talvez valha incorporar a discussão acerca da figura do forasteiro contribui para o olhar lançado sobre Rodrigo, o guerreiro. Rodrigo foi considerado capaz de perturbar a ordem de Santa Fé, por ser um homem que veio de fora, que lutava nas guerras. Algumas pessoas pacatas e pacíficas de Santa Fé o receberam como um aventureiro indesejado, como alguém que vem de fora. Esqueceram, todavia, de considerar que ele estivera lutando para que pudessem haver homens de paz:

O castelhano está aí mesmo. Hoje é Montevidéu. Amanhã, Buenos Aires. E nós aqui no Continente sempre acabamos entrando na dança.

— Hai gente que gosta de paz.

— No entanto sempre temos guerra ou revolução... (VERISSIMO, 1995a, p. 184)

Pensar essa questão na obra de Verissimo pode contribuir para a definição dessa ambivalência na percepção que os habitantes de Santa Fé têm de Rodrigo, que pode colocar em risco as tradições patriarcais arraigadas da população, nas quais os moradores se baseavam para nortear suas vidas e julgar Rodrigo: “Vosmecê é um homem de guerra. A gente deste povoado é mui pacata” (VERISSIMO, 1995a, p. 182).

Ainda que Pedro Terra e Juvenal compreendessem de imediato que Rodrigo era um perigo, demoraram a entender suas emoções. Juvenal temeu perder o amor de Maruca, Pedro o detestou por representar sua antítese, e por afrontar suas convicções que um homem devia ser quieto e cuidar de seu trabalho. Compreender que os outros possam ser diferentes e ter outros hábitos era difícil para um homem rude como Pedro Terra:

Foi nesse momento que se ouviram os sons dum violão e um homem começou a cantar com uma voz que encheu o ar quedo da noite. Pedro franziu o cenho, retesou o busto, apertou forte o cigarro entre os dentes e ficou escutando. [...]

— Parece mentira! — exclamou Pedro. — Não respeitam nem o dia dos mortos!

— É um desaforo — concordou a mulher. E depois, noutro tom: — Quem será?

— Ora, quem há de ser! — Pedro ergueu-se. — É aquele sujeito que encontramos hoje no cemitério. Conheço a voz.[...]

— É preciso ser muito ordinário para fazer uma coisa dessas — murmurou. (VERISSIMO, 1995a, p. 196)

Padre Lara sabia que Rodrigo viria perturbar a paz e trazer ideias estranhas para o povo de Santa Fé; renunciava quebrar a paz estagnada em que viviam. Para o coronel Amaral, a questão era a mesma, acrescida do fato de que estes homens inertes serviam a ele, conseqüentemente, quando o mandou sair de Santa Fé, sabia exatamente por que o fazia:

— O melhor mesmo é vosmecê ir embora de Santa Fé o quanto antes.

— Por quê?

— Porque sim.

— Que é que há contra mim? (...)

—Vosmecê não tem o nosso jeito. Sou um homem muito vivido e vejo logo quando uma pessoa pode se dar aqui e quando não pode. Logo que me falaram na sua pessoa, senti que vosmecê não podia esquentar lugar em Santa Fé e que mais cedo ou mais tarde ia nos dar trabalho. (VERISSIMO, 1995a, p. 216)

Rodrigo estivera lutando pela defesa do território do Rio Grande do Sul. Apesar disso, ao chegar em Santa Fé, foi considerado um estrangeiro, um forasteiro, pelo povo que ali vivia. O fato de lutar, constantemente, pela defesa

de suas terras contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento de um amor por essa mesma terra e também para uma espécie de desconfiança do gaúcho em relação a forasteiros. Neste sentido, Elenice Klippel (2011) explica o sentimento xenofóbico do gaúcho:

O amor exagerado à sua terra e a valorização dos costumes e modos de vida de sua gente provocam a aversão àquele que não tem este sentimento de pertencimento ao lugar. A figura do forasteiro na terra gaúcha tem sido apresentada constantemente em sua literatura, à mesma medida que o autêntico gaúcho se desenvolve nas belas letras, o seu oposto, o forasteiro, o segue, assegurando essa distinção latente da cultura rio-grandense. (KLIPPEL, 2011, p. 85)

O telurismo e o apego aos costumes acrescidos pelo amor à terra e ao modo de vida a que se habituaram fazem com que o gaúcho se sinta invadido pelo sentimento de xenofobia, desconfiando de todas as pessoas estranhas àquele meio em que vivia e julgava seu:

O gaúcho foi sempre telúrico. Seu amor à terra, fetichista, fanático. Esta devoção extremada vem de como foi difícil conquistar o chão aquém do Rio Uruguai. (...) Bandeirantes, colonizadores e pioneiros eram aqui transformados em guerreiros permanentes, com curtos intervalos de luta para o amaino e o cultivo das lavouras, ou para as lides nas estâncias de gado que vinham formando desde os primeiros dias de penetração. Mais difícil ainda, foi a lapidação do minério precioso. Seus contornos para os lados da argentina e Uruguai tiveram que ser limados a fio da espada. Tratados diplomáticos não cumpridos; avanços e recuos de linhas divisórias; e, conseqüentemente, escaramuças militares. (BARCELOS, 1970, p. 129)

Os textos literários podem expressar a visão de mundo de uma época. Não somente de seu autor, mas também da sociedade em que esses estão inseridos; uma sociedade em que não existe uma “classe política” e onde cada estância “é um mundo à parte, regido pela vontade soberana de seu proprietário” (ZILBERMAN, 1980, p. 43). *O tempo e o vento* empresta ajuda aos estudos sobre a cultura sul-rio-grandense, sua história e construção de uma identidade, enquanto demonstra a existência de relações de oposição entre o gaúcho e o forasteiro. Em outras palavras, há um processo de legitimação do gaúcho em oposição à figura do forasteiro, já que essa sociedade rural rio-grandense é dividida “em dois segmentos, constituído o primeiro pelos fazendeiros (proprietários de grandes extensões de terra) e o segundo pelos peões” (ZILBERMAN, 1980, p. 36). Regina Zilberman também se refere à figura do forasteiro no solo gaúcho como “o vilão por excelência é o homem que vem de outro espaço – o homem da cidade ou da Corte, o

imigrante ou castelhano” (ZILBERMAN, 1980, p. 37). O sentimento de amor ao chão gaúcho advém em grande proporção da posição de fronteira que o Rio Grande do Sul ocupa, o que provocou batalhas para defender seu território, fazendo com que o forasteiro fosse visto como uma imagem negativa, favorecendo a construção de uma identidade gaúcha baseada em ideais de coragem, lealdade, justiça, entre outros valores próprios ao ambiente de guerra. Dessas lutas constantes vem a ideia de que, aquele que vem de fora, vem para tomar o que é do gaúcho.

Pode acontecer que dentro dessa sociedade quase particular, o que chega de fora, ainda que seja um gaúcho, possa ser considerado um forasteiro já que são “os valores vividos comunitariamente que sustentam a unidade entre os homens” (ZILBERMAN, 1980, p. 36). A imagem do forasteiro pode permanecer imutável durante o desenrolar da trama. Por vezes, suas concepções são diferentes, não tendo nada a ver com a terra ou com coisas a ela relativas e esse forasteiro permanece um estrangeiro, não tendo como se mesclar aos da terra, mas, às vezes, o forasteiro pode, inclusive, ser reconhecido como da terra. Podemos citar Ana Terra, a qual chega a Santa Fé como forasteira, porém adere aos costumes do lugar. Não trava grandes batalhas em Santa Fé, mas torna-se cidadã por sua faina cotidiana; incorporada à cultura local, passa por um processo de legitimação. Outro foi o próprio exemplo do personagem Rodrigo Cambará, forasteiro na cidade de Santa Fé, ainda que fosse gaúcho e que lutasse para defender as terras e as fronteiras do Rio Grande do Sul. Tal fato, sua legitimação como gaúcho, só acontece após sua morte na luta dentro do território de Santa Fé, tornando-se, por isso, pertencente a ela, ainda que a verdadeira revolução tenha sido por algo maior que vencer os moradores do sobrado e os Amarais, por conseguinte. Apesar de não se adequar ao modo de vida de Santa Fé, ao morrer, Rodrigo Cambará ganhou o direito de ser considerado pertencente ao lugar quando este provou que podia defender, como os locais, suas terras e fronteiras constantemente ameaçadas.

O caráter bélico de Rodrigo provocou muitas discussões, embates e enfrentamentos, todavia o ajudou a deixar sua condição de forasteiro para pertencente ao lugar, como todos os outros. A necessidade de expulsar Rodrigo Cambará cresceu devido ao mau comportamento do personagem, já

que ele era incapaz de agir dentro dos parâmetros exigidos para sua permanência na comunidade. Rodrigo era o *outsider*, o visitante que chegava de fora, não estava em seu *habitat*, e não fora bem recebido. Conforme mencionamos anteriormente, perante o coronel Amaral, estava na frente de um superior e não deveria reagir. Rodrigo, ainda que fosse um homem do exército, rígida organização eminentemente hierárquica, significava a subversão, o questionamento. Não poderia ficar ou alteraria o padrão necessário para manter a subjugação.

Nesta lógica, Rodrigo Cambará trazia consigo a imagem da liberdade e a ideia de guerra como meio de luta para que aquela fosse alcançada; seus ideais humanistas e libertários vão de encontro aos interesses do poder dominante de Santa Fé. O capitão representava, pois, uma ameaça que deveria ser banida o mais rapidamente possível, antes que se alastrasse como uma doença, porque “quando o povo perde o sentido de disciplina e de ordem, quando começa a desrespeitar a autoridade, então é porque o desastre está iminente” (VERISSIMO, 1995a, p. 284).

Na noite em que morreu, poderia ter esperado a rendição, poderia ter se resguardado, mas pulou a janela e levou o tiro no peito. Assim nos conta Quirino, seu soldado e admirador: “Tomamos o casarão de assalto. O capitão foi dos primeiros a pular a janela. -Calou- se, como se lhe faltasse fôlego. -Uma bala no peito” (VERISSIMO, 1995a, p. 412). Ele não pode esperar: Atirou-se à morte com sofreguidão. Quirino continua a narrar que teria avisado o capitão de que tal empreitada era arriscada, mas o capitão não se deu por convencido. Nesse contexto, Quirino afirma: “Nunca vi cristão que gostasse mais de brigar que o capitão Rodrigo” (VERISSIMO, 1995a, p. 414). E assim a vida de Rodrigo Cambará foi podada, pois “nenhuma pessoa foge ao seu destino” (VERISSIMO, 1995a, p. 385).

Rodrigo, ao morrer em luta, baleado no sobrado, conseguiu, mais rápido do que pretendeu, o lugar dos Amarais. Não para si, mas para a família, para a descendência dos Terra-Cambarás. Enquanto ele estava vivo, as pessoas do povoado se achavam no direito de dizer à Bibiana que ela deveria ter sua prole com o nome dos Amarais. Rodrigo, levando um tiro no peito dentro do casarão, tornou possível que ela almejasse e conseguisse o poder hegemônico e político do povoado. Dentro da obra, sua figura de ideal masculino é

perpetuada e alcança seu bisneto Rodrigo Cambará, que o considerava um exemplo de guerreiro lutador:

O fato de o progresso ter entrado no Rio Grande, não significava que o cavalheirismo e a coragem tivessem de morrer. Não! Seu penacho devia ser mantido bem alto, pensou Rodrigo num calafrio de entusiasmo. Sim! Manter o penacho_ podia resumir nesta simples frase todo um másculo programa de vida. **O capitão Rodrigo nunca manchara o seu, não só ele, mas milhares de outros homens naquele estado haviam morrido na defesa de seus penachos.**[...] Tinham uma significação tremenda, eram uma lição permanente às gerações moças. (VERISSIMO, 1995c, p. 51-52, grifo nosso)

Ele se tornou um exemplo de coragem, imagem que se manteve no imaginário de gerações; passou de machista e homem de muitas mulheres, amante de jogo e bebida ao *status* de mito, de gaúcho forte e destemido, exemplo a ser seguido e história a ser contada às próximas gerações.

Muito de sua tragicidade e mitificação é adquirida ao morrer jovem e cheio de força, pois assim garantiu para si a imortalidade. Se por um lado a vida de Rodrigo foi tolhida, essa vida que amava tanto, por outro, até mesmo isso possibilitou-lhe a transformação em mito e herói, fazendo com que alcançasse sua imortalidade, assemelhando-se aos guerreiros que na realidade tinham morrido defendendo seu estado e até mesmo representando-os de forma que pudessem ter seus feitos e atos de bravura narrados para as gerações vindouras.

O texto é perpassado por ironias, sendo a primeira delas o sobrenome que o pai do personagem Rodrigo escolhe para ser seu vir do nome de uma árvore, que tem como principal característica estar presa ao chão. Rodrigo diz que não nascera para criar raiz pois segundo ele, “só arvore é que pega raiz no chão” (VERISSIMO, 1995a, p. 212). A segunda ironia existente é que enquanto a árvore crava raízes na terra ele, crava raízes profundas em Bibiana Terra; ele não tem pés no chão, enquanto que ela tem. A terceira ironia é que um homem sem raízes, que não se apega, ao morrer proporciona a ela, Bibiana Terra, a possibilidade de fixar-se para sempre naquele lugar, não somente como uma cidadã qualquer, dominada por um senhor, mas dona do poder supremo do lugar. E a quarta ironia encontrada é que ele, ao não desejar fixar-se nunca, fica fixado na terra, perto dos Terras: “Bibiana olhou para a sepultura de Ana Terra e achou estranho que Rodrigo estivesse agora "morando" tão pertinho da velha” (VERISSIMO, 1995a, p. 302). E a última ironia encontra-se no fato de

que um guerreiro, de instinto tão belicoso e inquieto como o capitão, finalmente tenha encontrado a quietude nas terras de Santa Fé: “Agora estavam todos em paz” (VERISSIMO, 1995a, p. 302).

Rodrigo, o aventureiro, estava para sempre, enterrado naquele solo, para tranquilidade de Bibiana:

Quando o Dia de Finados chegou, Bibiana foi pela manhã ao cemitério com os dois filhos. Estava toda de preto e agora, passado o desespero dos primeiros tempos, sentia uma grande tranquilidade. Ficou por muito tempo sentada junto da sepultura do marido (...) Mentalmente Bibiana conversava com Rodrigo, dizia-lhe coisas. (VERISSIMO, 1995a, p. 302).

Bibiana Terra foi a primeira a reconhecer a capacidade do capitão Rodrigo Cambará de tornar-se um mito, a ser lembrado por muitas gerações:

Bibiana levantou-se. Era hora de voltar para casa, pois em breve o cemitério estaria cheio de visitantes, e ela detestava que lhe viessem falar em Rodrigo com ar fúnebre. (...) **Afinal de contas para ela o marido estava e estaria sempre vivo. Homens como ele não morriam nunca.** (VERISSIMO, 1995a, p. 302, grifo nosso)

3.1. A construção da imagem mítica do gaúcho

Os mitos e lendas de uma terra servem à literatura e a literatura se serve deles para criar personagens. Depois esses personagens ajudam a fortalecer e a fomentar as imagens desta terra, de maneira mais expressiva: “formam um lençol arquétipo, do qual os escritores retiram importantes estratos de suas narrativas e fabulações” e entre o que é mito e o que é realidade se “revelam surpreendentes analogias” (MAROBIN, 1985, p. 40). Neste contexto, Luiz Marobin define o que significa mito, ao afirmar que o “mito vem de Mythos, fabulação de algo maravilhoso (...) é uma irupção do sobrenatural. Ou encarnação, personificação de forças misteriosas da natureza” (MAROBIN, p. 1985, p. 38). Já para Martin César Feijó (1984), o significado da palavra mito

corresponde às crenças de um povo, do conjunto, da comunidade, da coletividade. Por isso, ele se torna a “verdade” desse povo. Não é a verdade comprovada em laboratório, mas a verdade de uma mentalidade coletiva. Ou seja: um mito sobrevive num povo não porque lhe explique a sua realidade, mas por refletir um aspecto real desse mesmo povo, e até de todos nós: os mitos refletem sempre um medo da mudança. (FEIJÓ, 1984, p. 12)

Certamente os mitos são resultados da experiência e do desejo de indivíduos integrando um imaginário coletivo; se originam de uma mistura da

realidade percebida e da ficção, dos desejos interiores, das projeções dos seres humanos e de suas interpretações do mundo:

Por fim, a forma pela qual se realiza a **integração entre os fatos da realidade contingente, e o universo diegético** permite que os fatos da história sejam recuperados do congelamento do passado para a multiplicidade viva do presente. (SANTOS, 2000, p. 110, grifo nosso)

Da integração do desejo dos moradores do Rio Grande do Sul e de alguns fatos da realidade contingente e com a ajuda de alguns universos diegéticos surgiu o mito do gaúcho. A criação de uma nova identidade e a negação da sua própria amainava o anseio deste povo em conflito, criando um laço entre o que era e o que desejava ser.

Não havia interesse em fundamentar-se a imagem desejada, o mito, no homem real que vivia nos pampas do século XIX, às vezes até faminto e maltrapilho e para isso a história foi recriada, o passado foi idealizado, os feitos foram tornados heróicos, assim como seus guerreiros, os gaúchos.

O gaúcho antigo (...) surgia transformado: a elite dominadora, que **criara as instituições capazes de legitimar seu discurso, buscava transferir para a literatura**, com a conivência calada à força das personagens populares, sua própria imagem: a da democracia estancieira, onde proprietário e propriedade se identificavam. (HOHLFELDT, 1996, p. 27, grifo nosso)

Foi, assim, modificada a acepção pejorativa do termo *gaúcho*.

(...) Íntegro, sem crises, sem defeitos, o tipo de gaúcho, dessa fase, fixa os traços básicos do “monarca das coxilhas” que, para ser grande, sempre necessitou de adversários, de guerras, de companheiros de luta. Mas, a exaltação do símbolo e do mito andou muito próxima da mistificação. (MAROBIN, 1985. p. 67)

A mudança teve a História como alicerce e a Literatura como colaboradora nessa percepção mítica do personagem gaúcho.

O morador do Rio Grande do Sul adotou estes personagens que nomearam os seus antepassados criados pela imaginação, como seus ancestrais, pois “à proporção que a imagem primitiva recua, a outra se renova e cresce, e já se confunde com a alma da coletividade nos seus melhores assomos” (VELLINHO, 1962, p. 119). Destarte, acabou transformando-se, ele mesmo, em *monarca das coxilhas*,¹⁵ um homem, temerário, audaz, corajoso, leal e libertário, ou, nas palavras de Guilhermino César:

¹⁵ O termo “Monarca das Coxilhas”, foi criado em 1869 por Apolinário Porto Alegre, mas ainda é a imagem mental do gaúcho que recebe proeminência na tradição rio-grandense e que

o retrato físico e psicológico do gaúcho – tal como aparece na literatura de hoje, não difere substancialmente do que acabamos de apreciar. A ficção aposta fundo no seu primitivismo; pinta o rude e abarbarado, um ser de psicologia elementar, mas com torneios de frases requintados na boca, um homem corajoso, em permanente disponibilidade sentimental. E tão valente na guerra como na luta com as reses e outros animais, vivendo na solidão do pampa, sem conforto e sem pouso certo. Foi fácil idealizá-lo. De generalização a generalização, a literatura terminou por colocá-lo numa espécie de Arcádia crioula, território de evasão muito procurado pelos imaginativos. O resultado é um sentimento estereotipado, que emigrou da letra de forma para outras modalidades de arte, e segundo o qual o habitante da Campanha encarna sempre a galhardia, a coragem, a lealdade, o desprendimento de uma criatura perfeita. Esse foi o molde em que se fundiu o “monarca das coxilhas”, o “centauro dos pampas”. (CESAR, 1994, p. 30)

A coragem de seus ancestrais é exaltada pelo povo gaúcho que associa suas origens a figuras míticas, canta seu apego à terra e seu grande amor pela liberdade, representado por um homem com características tanto de símbolo quanto de mito. Alguns também exaltam características machistas, agregadas, de muitas formas, à ideia de masculinidade. Por mais diferente entre si que o povo gaúcho pudesse ser, essa criação de um tipo único foi responsável pela imagem de coesão que projeta e que já habitava o imaginário coletivo:

Há exemplos em que mitos literários parecem ter nascido na própria literatura [...] Em alguns casos, a instauração do mito se dá na consciência comum e depois o mito é registrado literariamente, mas, em outros, essa instauração se dá diretamente na literatura. (ALVES, 2005, p. 20)

Esse gaúcho que sai do imaginário e entra para a literatura e que ao mesmo tempo sai da literatura para ajudar a fortalecer o imaginário ajudou a formar a história do Rio Grande do Sul:

Em termos concretos, a literatura do Rio Grande do Sul não é nem história, nem pura fantasia. No entanto, a realidade gaúcha e o mundo imaginário, supra real não estão alheios nas letras dos pampas. No começo era o mito (...) Por fim a encarnação, a personificação, o mito, e naturalmente a **literariedade**. (MAROBIN, 1985, p. 40- 41, grifo nosso)

ajudou a trazer uma ideia de homogeneização ao povo gaúcho. LACERDA, César de. **O monarca das coxilhas**. Porto Alegre: IEL, 1991. O ator português César de Lacerda, não apenas escreve e publica, no Recife, a peça teatral *Monarca das Coxilhas* (Drama de costumes da província do Rio Grande do Sul), quando a faz representar na capital de Pernambuco.[...] O mesmo termo aparecera, pouco antes num Soneto Monarca. Depois vieram as obras de João Mendes da Silva (Heráclito) entre 1883 a 1897 e o original do livro de Luis Araújo Filho, *Recordações gaúchas* (1898) (HOHLFELDT, 1988, p. 118).

A figura do gaúcho desbravador, defendendo suas fronteiras através das armas, herói é, pois, um mito criado pela literatura,¹⁶ que embasou-se em um modelo ficcional criado durante o Romantismo; à inspiração europeia, como afirma Cesar:

O regionalismo de intenção gauchesca apenas surgiu no Rio Grande em meados do século XIX, com a geração imediatamente anterior à do Partenon Literário. Aparece, todavia, integrada numa visão sertaneja, muito própria daquela com a qual os corifeus do Romantismo, em outros pontos do Império, começavam a “descobrir” o interior, seus problemas, suas populações, seus vários estilos de vida, suas carências em diversos graus de civilização. (CESAR, 1994, p. 45-46)

Esse mito exerceu um importante papel na formação identitária do povo do Rio Grande do Sul tornando-se uma verdade mais aceitável e preferível. Hohlfeldt acredita que a Revolução Farroupilha tenha sido o marco na definição desta figura que veicula uma nova imagem do gaúcho:

O final da Revolução Farroupilha provocou de um lado, uma derrota e de outro, a primeira organização administrativa real da província. O novo representante do império tratou de estruturar a sociedade em novos moldes. Virava-se a página do nomadismo, da idade do couro. Criavam-se magistraturas (HOHLFELDT, 1998, p. 116)

Após a Revolução o gaúcho que vagava pelos campos, sem moradia fixa, começou a ser perseguido e acuado:

Começou a marcação de gado. Os proprietários de terras não aceitam mais o gaúcho nômade. Querem subjuga-lo a seu comando e controle, não tanto por força do reconhecimento da autoridade moral, militar e individual, mas em face dos bens que possuem e entendem defender. (HOHLFELDT, 1998, p. 116)

Em meio a tantos anos de guerra, o período de paz deveria ter trazido o sentimento de igualdade e alívio, mas trouxe separação e diferença. Sem o incômodo de lutar com os não-gaúchos pela própria preservação e portanto sem inimigos, os habitantes do Rio Grande do Sul estavam livres para encontrar diferenças entre os próprios gaúchos:

Na época que se segue à Revolução Farroupilha, ao menos no interior da província, estende-se um relativo período de paz, mas esta paz, surgida no âmbito de uma sociedade eminentemente guerreira, acaba por gerar a divisão social. Agora, sente-se a diferença entre proprietários e despossuídos. E os despossuídos, se não quiserem morrer de fome, marginalizarem-se definitivamente em fugas permanentes e perseguições de que serão objeto a partir de então ou serem assassinados sob a desculpa de abigeato, trabalhadores contratados pelo proprietário de terra. (HOHLFELDT, 1998, p. 116)

¹⁶ *O corsário* (1851), por Caldre e Fião, *O gaúcho* (1870), por José de Alencar, e *O Monarca das Coxilhas* escrito (1869), *O vaqueano* (1872), por Apolinário Porto Alegre.

A literatura não criou essa imagem do centauro dos pampas aleatoriamente; os que tinham terras e poder procuraram apoio entre os escritores para que se espalhasse a ideologia de um gaúcho superior, montado e apegado ao seu cavalo, galante e desbravador, que lutava para defender uma bandeira e considerava todos iguais:

É nessa passagem- em torno da década dos setenta do século passado- ganha força a produção literária ligada à gauchesca, produzida por homens que se identificam ideologicamente com os grandes proprietários da campanha. (HOHLFELDT, 1998, p. 117)

Em outras palavras, a edificação deste tipo idealizado de gaúcho foi construída à imagem dos grandes proprietários que ajudaram a forjá-lo:

Essa visão de gaúcho, conforme ela chegou ao século XX, formou-se baseada na imagem imposta pela ideologia senhorial, pela estrutura de dominação nas relações de poder detectadas no espaço social da estância, que glorificava os grandes fazendeiros, senhores gaúchos latifundiários, cheios de poder, que ajudaram a definir um tipo social e que os peões das fazendas queriam seguir e copiar. Cabia, pois, ao romancista descobrir como eram “por dentro”, os homens da campanha do Rio Grande. Era com aquela humanidade batida pela intempérie, suada, sofrida, embarrada, terra-a-terra, que eu tinha que lidar quando escrevesse o romance do antigo Continente. (VERISSIMO, 1980, p. 291)

Após a Revolução Farroupilha houve uma apropriação ideológica e mítica dos personagens que realmente atuaram nessa guerra, as figuras históricas foram representadas não como realmente eram e sim transformadas em uma espécie de herói peculiar que não existiu de fato, plenamente, mas idealizado pela literatura, que, para isso, não deixou de basear-se na imagem do homem que vivia nos campos, quando da formação do Rio Grande do Sul, mesclando estas duas imagens: o homem real e a figura dos grandes proprietários de terras materializando no subconsciente coletivo uma figura ficcional de cavaleiro forte e invencível, honrado e valente: “O gaúcho antigo, que desaparecia como tipo social contudo, gradualmente, transmutava-se enquanto herói artístico, notadamente na literatura” (HOHLFELDT, 1996, p. 27).

Essas mudanças fizeram-se sob uma forte pressão política que resultou na “dizimação impiedosa de que era vítima o gaúcho tradicional” (HOHLFELDT, 1996, p. 27) para que surgisse, então, a partir do andarilho livre, que fazia trabalhos temporários, mas mantinha sua liberdade, essa imagem nova, idealizada, construída sobre os restos do antigo:

gaúcho andejo, pobre porque sem qualquer propriedade, leal e valoroso, quando muito possuía e defendia, como seu, o cavalo, suas roupas e armas. Dormia ao relento, trabalhava quando lhe dava ganas, negava-se ao comando de qualquer um em quem não reconhecesse de livre e espontânea vontade, coragem e valentia superiores ou ao menos semelhantes às suas. (HOHLFELDT, 1996, p. 26)

Neste sentido, podemos afirmar que *gaúcho* é uma palavra que carrega consigo a história (construída) de um povo, impregnada de significação e ideologias, sendo um tipo social que se originou a partir da miscigenação que ocorreu no Rio Grande do Sul.

Como centro da gauchesca, nesse que poderíamos chamar o seu primeiro momento, o homem da Campanha teve uma atitude bifronte: ou era o campeador no encalço das reses através do campo indiviso, ou era o guerreiro que ia à caça do velho inimigo platino. (CESAR, 1994, p. 24-25)

Essa origem miscigenada está representada na obra *O continente*:

se lemos o início de *O continente* (...) assistimos ao nascimento de Pedro Missioneiro (...) filho de uma índia currada por algum homem branco(...) bem mais adiante vamos encontrar o célebre Capitão Rodrigo que, indagado de suas origens, tudo sintetiza com um ser “filho das macegas”, e nada mais. (HOHLFIELDT, 1996, p. 19)

A origem do vocábulo *gaúcho* insere muitos componentes seminais, formadores. Erico Verissimo descreve, assim, os homens que moravam, ou melhor, ocupavam ou subsistiam no Rio Grande do Sul à época de sua colonização: “O Rio Grande estava cheio dos mais variados tipos humanos. Havia o valentão, o coronel, o peão, o gaudério, o bandido, o paladino, o gaiato, o capanga, o sisudo, o potoqueiro, o gaúcho da cidade com flor no peito... tantos!” (VERISSIMO, 1980, p. 291). Desta forma, podemos afirmar que “o gaúcho, desde o início, aparece com fortuna desigual. Ora se apresenta como herói, como monarca forte, livre e valente, ora como andarengo, marginalizado, de pé no chão, perambulando de fazenda em fazenda” (MAROBIN, 1985. p. 91).

Em 1642, os jesuítas registraram vagabundos que pilhavam as estâncias das missões. Em 1759, foram designados de “gaudérios ou gaúchos”, estes homens que circulavam pela Capitânia de Rio Grande de São Pedro. Assim, Hohlfeld descreve essa figura:

Gostava do jogo, não levava desaforo de ninguém e seu código de honra incluía vingança. A mulher em geral servia-lhe apenas como fêmea, podendo ser eventualmente substituída por algum animal. Não desrespeitava a mulher, mas não a valorizava. Entre a mulher e

um cavalo, certamente ficava com este último. (HOHLFELDT, 1996, p. 26)

O gaúcho tradicional de antes da revolução Farroupilha foi acossado e perseguido, depois degradado pelo estanceiro, o dono das terras ao tornar-se peão: “Proletarizado na forma de peão de estância, foi obrigado a se transformar em propriedade reificada da instituição” (HOHLFELDT, 1996, p. 26). Este peão de estância sem galhardia é um ser comum que sofre, segundo César: “Ao invés da galhardia do gaúcho de outrora, do sentimento à flor da pele, pronto a comprar briga, [...] vem à tona um ser que sofre sem a teatralidade do gaúcho os dramas da sua condição humana (CESAR, 1994, p. 36-37).

Concluimos, assim, que o herói coletivo nasceu mais como uma criação da imaginação conjunta do que seria uma figura existente na realidade, reforçada por um movimento cíclico que materializa a força dos mitos. Nesse contexto é que se insere a mitologia do gaúcho como a imagem do homem macho que deveria ter coragem e ser capaz de resolver seus problemas por si mesmo e defender também suas mulheres, um campeador e guerreiro.

Ao incorporar essas representações que se achavam presentes no cotidiano gaúcho se construiu a imagem de masculinidade ideal que ficou impregnada no imaginário coletivo e que auxiliava na construção de uma identidade. Segundo Chaves, essa imagem do masculino bravo e guerreiro habita a mitologia gaúcha:

Existe na mitologia oral gaúcha, uma imagem que é uma espécie de sùmula de todos os heróis da sua História e de seu folclore: o macho, o bravo guerreiro, o mulherengo, o homem generoso, impulsivo e livre, principalmente livre... (CHAVES, 1981, p. 76)

3.1.1. A contribuição literária de Erico Verissimo à mitificação e desmitificação do gaúcho

Um personagem de *O continente* (1995), um botânico francês que viajava pelo interior da colônia portuguesa, escreve em seu diário de viagem notas que dão a conhecer o homem que fazia parte da sociedade que começava a formar-se no extremo sul do Brasil.

Observo que quanto mais simplicidade de maneiras e conversa imprimo a meus atos, menos deferência recebo. Os habitantes da Capitania do Rio Grande estão de tal modo habituados ao militarismo

e ao ar carrancudo dos oficiais, que não acreditam em que uma pessoa simples e honesta possa ter importância. (VERISSIMO, 1995a, p. 153).

O narrador prossegue descrevendo esse homem que habitava o pampa e que nem sabia quem era, e nem mesmo de onde tinha vindo:

De seu às vezes nem um nome tinham. Donde vinham? Ninguém sabia ao certo nem procurava saber. Alguns haviam nascido de chinas ou bugras que dormiram com tropeiros, ladrões de gado, carreteiros, buscadores de ouro e prata, preadores de índios. Outros eram sobras de antigas bandeiras, retirantes da Colônia do Sacramento. (VERISSIMO, 1995a, p. 153)

Descritos como animais, que apareciam vindos sozinhos ou às vezes em bandos carregando suas fêmeas e crias

escravos foragidos, desertores do Regimento de Dragões, castelhanos vindos do outro lado do Uruguai, das planuras platinas: gente andarenga sem pouso certo, mamelucos, curibocas, cafuzos, portugueses, espanhóis. Alguns carregavam suas fêmeas e crias, mas em geral andavam sozinhos. E eram mais miseráveis que os bugres. (VERISSIMO, 1995a, p. 154)

Heloisa Reichel nos fala da relevância do texto de Erico Verissimo para o processo de construção de uma sociedade e para a afirmação da identidade coletiva, mas para que as

representações de um romancista, aqui entendidas como construções mentais subjetivas apresentadas de forma ficcional, sem compromisso com a objetividade do real, alcancem o estatuto da verdade e atuem como marcas identitárias, é necessário que dois elementos se conjuguem: deve haver uma relação entre a narrativa do enunciador e as vivências econômicas, sociais, culturais do grupo receptor. (REICHEL, 2000, p. 207-208)

A pesquisadora assevera que esses dois elementos devem fazer parte do imaginário de quem os recebe, isto é, deve ser reconhecido pelos membros do grupo que recebe o discurso do autor, como se ele fosse uma autoridade, já que “deve haver uma relação entre a narrativa do enunciador e as vivências econômicas, sociais políticas e culturais do grupo receptor” (REICHEL, 2000, p. 208). O texto contribui para a constituição da identificação com as representações veiculadas se atuar na constituição de pertinência e alteridade, se expressar conceitos, juízos, e comportamentos incorporados e reconhecidos; “todo grupo tem a necessidade de conhecer sua origem, aquelas representações vão desempenhar esse papel tanto quanto mais estiverem comprometidos a dar conhecimento das condições de nascimento do próprio grupo” (REICHEL, 2000, p. 208).

Quando Verissimo escreve sobre a origem e a formação dos gaúchos, sobre o comportamento guerreiro de um combatente de várias guerras, não há como não contribuir de maneira decisiva e categórica “no processo de construção de sua identidade” (REICHEL, 2000, p. 209). Erico buscou, assim, apoio na história para suas construções mentais;

as representações se constituem de construções imaginárias que se apoiam em dados concretos do real, representando-os através de imagens e palavras, através dos quais se realiza uma atribuição de sentido. (REICHEL, 2000, p. 209)

Desta forma, as duas representações fundem-se no imaginário, e o ser real atribui sentido ao imaginário construído e existente na literatura.

A construção narrativa de Erico Verissimo centra-se altamente na representação das personagens fictícias e essa “arquitetura da narrativa está toda ela na dependência dos arquétipos essenciais e opostos entre si, do princípio ao fim: o masculino e o feminino” (CHAVES, 2000, p. 71). Graças a essa estrutura, *O continente* primeira parte de *O tempo e o vento*, “esculpe um retrato do que o Rio Grande poderia ter sido, mas não conseguiu ser, desmistificando a visão que a classe dominante forjou de si mesma e de que imbuíu o imaginário popular” (BORDINI, 2000, p. 65).

Em *O tempo e o Vento*, o autor registra a variedade de tipos formadores da identidade rio-grandense assim como constrói um personagem mítico, Rodrigo Cambará, genuinamente de acordo com o mito do herói, uma figura de grande apelo sensorial que povoa ainda hoje o imaginário coletivo. O discurso de Verissimo foi aceito como verossímil e o personagem Rodrigo Cambará, como uma figura relacional do imaginário do Rio Grande do Sul: “o romance de Erico pode ser considerado como um discurso regionalista que contribuiu significativamente para a aceitação coletiva de determinadas representações como sendo próprias da identidade sul-riograndense” (REICHEL, 2000, p. 208).

Em *Solo de Clarineta*, Verissimo afirma, sobre a idealização e construção do Capitão Rodrigo Cambará, que esse personagem apareceu na sua mente como alguém que se apresenta numa relação face-a-face, um homem inteiramente constituído, tanto física quanto emocionalmente:

Desde o momento em que vi o capitão em meus pensamentos, com um corpo, um nome e já com certas tendências ou ímpetos, esse homem passou a existir. E como estava vivo e tinha um temperamento feroso, a primeira coisa que fez foi livrar-se de seu

criador. Quem sou eu para sujeitar um potro como o Capitão Cambará?” (VERISSIMO, 1980, p. 297)

Erico afirma que o Capitão Rodrigo foi uma ideia, surgiu de uma mistura de características que juntas sintetizassem um símbolo do gaúcho. Sendo assim, Rodrigo Cambará é mais uma figura que contribuiu na construção da figura do gaúcho.

Quando e como nasceu o Capitão Rodrigo Cambará? Eu mentiria se respondesse com certeza a essa pergunta. [...] A palavra gaúcho está associada em nosso espírito a termos como macho, bravo, violento, mulherengo, aventureiro, nobre, generoso... Talvez eu não esteja muito longe da verdade, se disser que, antes de ter um corpo e nome, o Capitão Rodrigo Cambará era uma ideia no meu cérebro – de certo modo **o símbolo duma rude estirpe e duma era áspera**. (VERISSIMO, 1980, p. 296, grifo nosso)

Erico Verissimo deu formas, nome e corpo à sua ideia fazendo capitão Rodrigo surgir como um personagem símbolo de uma estirpe rude, de aspectos míticos, à maneira de um “monarca das coxilhas”, um personagem representativo de uma hegemonia masculina. Ele se transforma em mito por representar um modelo tradicional de masculinidade. Como afirma Claude Thomasset:

a virilidade, esta força de alhures, esta forma de se comportar, essa aparência que excede a masculinidade, que acrescenta qualquer coisa a cada ato de algumas pessoas, não pode enraizar-se senão numa mitologia, e não pode fazer referência senão a um modelo consciente ou inconscientemente imitado e reverenciado (THOMASSET, 2013, p. 156)

Todavia, Erico Verissimo não compactua com o lugar-comum e, “de ponta a ponta, recusa a lenda tradicionalista de um gaúcho forte e os machões que apresenta são, na real injustos” (HECKER FILHO, 2000, p. 87) e desenvolve personagens com um lado mais próximo da realidade: *Um certo capitão Rodrigo* é um episódio que oscila “entre a mitificação e desmitificação dos heróis” (BORDINI, 2000, p. 57).

A pretensa hegemonia do capitão Rodrigo montado, misturado ao cavalo, mulherengo, fanfarrão, guerreiro, configura-se como um modelo que já estava apresentando suas fissuras diante do conflito de masculinidades envolvidas nesse contexto. Essa mistura de características fez do capitão Rodrigo um personagem não totalmente mocinho, nem totalmente bandido;

nem totalmente protagonista, mas também não exatamente antagonista, narcisista, egoísta e hedonista.

3.2. O gaúcho e os centauros

O folclore do Rio Grande aproxima a figura do gaúcho do seu companheiro: o cavalo. Assim, Vellinho identifica a aproximação do gaúcho e do cavalo:

Do cruzamento do europeu com o índio resultou a matéria-prima de que sairia o gaúcho. Mas o novo tipo social só alcançaria sua configuração peculiar, aquela com se projetou na história e na literatura, quando se fundiu com o cavalo para multiplicar seus contatos com o pampa e com as manadas selvagens, na violenta faina de todos os dias (VELLINHO, 1962, p. 14-15)

O autor explica, assim, a relação entre a contingência histórica e a sobrevivência como ideia-força, ao afirmar que “a figura do gaúcho, que como símbolo vem recolhendo e absorvendo em seu contexto, todos os grandes momentos de afirmação regional, emancipou-se da estrita contingência histórica e debandou de sua passagem nativa para sobreviver como ideia-força” (VELLINHO, 1962, p. 119). Eram-lhe atribuídos predicados múltiplos como: hombridade, valentia, espírito de luta entre outras. “O símbolo de monarca das coxilhas conota um mundo positivo, sem males, plenamente livre” (MAROBIN, 1985, p. 47). Um homem que havia forjado uma forma de vida sob a qual o estigma da liberdade sinaliza seus passos.

Guasca, como é referido por João Simões Lopes Neto, campeiro na acepção de Apolinário Porto Alegre, embora a denominação do seu romance indique ainda outro vocábulo, vaqueano, o gaúcho ainda será nomeado como monarca das coxilhas, como na peça teatral de Carlos de Lacerda, de 1867, **ou centauro dos pampas, por sua identificação plena com o animal, assemelhando-se assim à entidade mitológica de corpo metade cavalo-metade homem.** (HOHLFIELDT, 1996, p. 20, grifo nosso)

Os antigos apreciavam muito o cavalo, pois julgavam que este “emergia, do meio dos animais, vigoroso, exuberante, mítico, como a encarnação da força dominadora” (MAROBIN, 1985, p. 67). Dessa aproximação do gaúcho que andava sempre em cima do cavalo, nas lides campeiras, e que em cima do cavalo se sentia completo, surgiu a associação à figura mitológica do centauro, também metade-homem, metade-cavalo. O narrador, ao dar voz às reflexões

do Padre Lara, nos faz conhecer seus pensamentos sobre Rodrigo, e os homens que como ele confiavam mais em seus cavalos do que na própria figura de Deus:

Rodrigo — achava o vigário — representava à maravilha a mentalidade do homem do campo, da guerra e do cavalo, que não teme a Deus nem ao diabo. Aqueles aventureiros habituavam-se a nunca ir à igreja nem a respeitar os sacerdotes. Não havia em suas vidas ordem ou método ou estabilidade que lhes permitisse dedicarem pelo menos um dia da semana ao culto do Criador. Em alguns lugares da Província os homens nem chegavam a saber quando era domingo. Por outro lado, como podiam eles humilhar-se diante de Deus se sabiam que Deus era um homem, e um homem macho — segundo o rude código continentino — nunca baixa a cabeça nem ajoelha diante de outro homem? Habitados a guerras, asperezas e violências, confiavam mais em seus cavalos, suas armas e sua coragem do que em santos, rezas, sacerdotes ou igrejas. (VERISSIMO, 1980, p.221)

Não se concebe a representação desse mito que se formou, o gaúcho, sem seu cavalo, mitificando-se essa figura seminal:

Gaúchos e centauros tem suas imagens definitivamente aproximadas, tendo uma forte associação pela figura homem-cavalo: “Os antigos apreciavam muito o cavalo [...] o centauro é o único dos monstros mitológicos da antiguidade ao qual eram atribuídas também boas qualidades [...] e eram admitidos na companhia dos homens. (BULFINCH, 2000, p. 156). Eles eram monstros da mitologia grega, metade homem metade cavalo. Símbolo dos pampas, no decorrer da história, torna-se um arquétipo dando origem ao mito do gaúcho-centauro. Assim sendo, Marobin afirma que “o seu perfil apareceu marcado por traços vigorosos, positivos, viris” (MAROBIN, 1985, p. 46). Ao “centauro das coxilhas” é atribuída uma exuberância animal (MAROBIN, 1985, p. 67), sendo descrito como um ser indomável que vivia solitário e desprendido de qualquer conforto. Foi estilizado e cultuado na literatura como um “centauro dos pampas” ou “monarca das coxilhas”, um semi-deus que galopava livre.

Segundo a mitologia, os centauros eram, eventualmente, acolhidos pelos seres humanos.

Esses monstros tinham do homem a cabeça e o tronco e o restante do corpo do cavalo. Os antigos apreciavam muito o cavalo para considerar que sua união com o homem constituísse uma forma degradante e, assim sendo, o centauro é o único dos monstros mitológicos da antiguidade ao qual eram atribuídas também boas qualidades (...) e eram admitidos na companhia dos homens. (BULFINCH, 2000, p. 156).

As histórias mitológicas narram que os centauros foram convidados para o casamento de um humano e tentaram violentar a noiva depois de consumir uma quantidade excessiva de vinho:

(...) estavam entre os convidados, no casamento de Píritos com Hipodâmia. Na festa, Eurátion, um dos centauros, tendo-se embriagado com vinho, tentou violentar a noiva; os outros seguiram seu exemplo, provocando um terrível conflito, no qual vários deles foram mortos. Nem todos os centauros, porém, eram semelhantes aos grosseiros convidados de Píritos. (BULFINCH, 2000, p. 156)

Consta também, na mitologia grega que os centauros estão ligados a outros casos de raptos de mulheres: “Um ou vários centauros ainda apresentam em outras lendas sobre abduções (raptos), Eurytion tentou raptar Mnesimache de Heracles, que estava prometido em casamento a ela” (GRIMAL, 2000, p. 94-95).¹⁷

Tantos os centauros mitológicos quanto as imagens míticas dos gaúchos possuem um lado valente e nobre, mas também não ignoraremos o lado que expressa o dom de guerrear, o instinto selvagem, o grande poder de sedução e a fascinação irresistível pelas mulheres, ainda que estas pertencessem a outros homens. Os dois lados dessas criaturas, o comportamento civilizado, nobre, valente e corajoso; e as muitas guerras em que estiveram envolvidos, estão mesclados com os baixos instintos oriundos do grande apetite sexual. A forte atração destes pelas mulheres e também a forma de tratá-las, considerando-as objetos para seu consumo e prazer e “seu amor imoderado pelo vinho e pelas mulheres tornava-os temíveis aos mortais” (KURY, 1973, p. 33).

O gaúcho, na sua imagem telúrica e ufanista, supervaloriza a terra e é capaz de morrer defendendo ideais e suas fronteiras. Na reinvenção do imaginário social, o gaúcho se reflete nesse ser mitológico, o centauro, reconhecido por sua bravura e destemor. Na medida que é representado na mitologia oral gaúcha como um exímio guerreiro que recebe forte influência do solo em que habita, que gosta da luta em primeiro lugar, mas que é amante arrebatado das mulheres e da bebida, não poderia ser comparado a uma figura mais semelhante. Dessa aproximação do gaúcho que andava sempre em cima

¹⁷ No original: “One or several Centaurs still feature in other legends concerning abductions, Eurytion tried to abduct Mnesimache from Heracles, who was betrothed to her” (GRIMAL, 2000, p. 94-95).

do cavalo, animal que se sobressaía dentre todos os outros, nas lides campeiras e com o qual tem forte ligação e com o qual sua imagem se acha irremediavelmente unida, surgiu a associação à figura mitológica do centauro.

3.2.1. Rodrigo Cambará: o gaúcho-centauro

Há, em *O tempo e o vento*, em *O continente*, referências feitas a um homem, Chico Rodrigues que um dia decidiu ser Chico Cambará: “Resolvi mudar de vida, requerer sesmaria, fazer casa, parar quieto, ser um senhor estancieiro, ter mulher, gado, cavalos e filhos, todos com a minha marca. Chico Rodrigues olha para uma árvore forte, à beira da estrada e pensa. De hoje em diante vou me chamar Chico Cambará” (VERISSIMO, 1995a, p. 76).

Assim Erico Verissimo descreve esse *certo* Chico Rodrigues:

Um homem e seu cavalo. Me chamo Francisco Nunes Rodrigues, mais conhecido por Chico Rodrigues. Venho do planalto de Curitiba. Meus pais? Se tive, perdi. Onde nasci não me lembro. Mas dêz que me tenho por gente, ando vagando mundo. Apeia na frente duma venda, entra, pede comida e pouso.
Pra onde se atira, patrício?
Pros campos do Rio Grande de São Pedro. (VERISSIMO, 1995a, p. 72)

Quando Erico nos apresenta Chico Rodrigues trocando seu nome para Cambará, ele não nos diz *ipsi litteris* que ele virá a ser o pai de Rodrigo Cambará, mas resta-nos inferir que ele não colocaria na sua narrativa um personagem que se torna Cambará ao encostar-se numa árvore e admirar-lhe o porte, se não fosse para ligá-lo ao personagem que introduzirá mais tarde com tantas similaridades. Erico apresenta Rodrigo com traços que lembram o homem que chega sozinho, num cavalo, numa venda a pedir comida e pouso, sem falar muito dos pais.

Também há analogias na maneira como ambos, Chico Cambará e Rodrigo, colocam suas mulheres na garupa do cavalo, com a intenção de: “mudar de vida, requerer sesmaria, fazer casa, parar quieto, ser um senhor estancieiro, ter mulher, gado, cavalos e filhos, todos com a minha marca” (VERISSIMO, 1995a, p. 76), palavras de Chico Cambará. Sua intenção é colocar-lhes sua marca até que um dia decide ficar com uma mulher branca e coloca na garupa, aquela que viria a ser a mãe de Rodrigo Cambará:

E num domingo à saída da missa ele vê Maria Rita, a de pele branca, cabelos ruivos e olhos garços. Estava cansado de índias e chinas tostadas de sol com gosto de poeira e picumã. Queria agora mulher branca. Foi por isso, **só por isso** que na noite daquele domingo tirou Maria Rita de casa. E agora lá vai ele com a ruiva na garupa. (VERÍSSIMO, 1995a, p. 76, grifo nosso)

Também vemos esse homem escolher suas companheiras com a mesma desconsideração que Rodrigo Cambará. Chico Rodrigues, assim como Rodrigo, trata as mulheres como coisas, já que sua escolha se deveu a fatores outros que não o amor. E assim, à maneira dos centauros, Chico e Rodrigo Cambará, saem com uma mulher na garupa para fazer com elas o que quisessem pelo tempo que lhes aproovessem. Rodrigo colocava mulheres na garupa, atavicamente, e depois as deixava sem muitas considerações, pelas estradas por onde passava. Os dois, pai e filho costumavam carregar as mulheres que escolhessem pelas estradas. Um dia Rodrigo, porém, também decidiu parar: “Quero ficar aqui. Talvez compre umas terrinhas e comece a criar o meu gadinho. Talvez até me case...” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 212). E Rodrigo ficou e casou-se com Bibiana.

Podemos dizer que Rodrigo gostaria de ter possuído Bibiana sem ter que ter tido de passar pelo casamento: “Depois - concluiu ele com certa irritação - parecia que só poderia dormir com a moça se casasse com ela...” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 201) e que isso o contrariou um pouco. Podemos também dizer que Rodrigo teve que lutar contra si mesmo e contra seus instintos selvagens para não raptar Bibiana e leva-la consigo, já que esta não seria a primeira vez que fizera isso durante sua vida.

Rodrigo bebia muito e fazia coisas das quais nem se lembrava, como conta, ao chegar em Santa Fé, o que lhe acontecera uma vez, depois de beber: “Só sei que lá pelo anoitecer acordei completamente numa cama não sei de quem, num quarto não sei onde e ao lado duma mulher não sei de quem nem de onde” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 178).

Não muito diferente dos centauros e do homem que pode ser seu pai, agiu o capitão Rodrigo Cambará que se solidificou em nossa literatura como aquele que “representava à maravilha a mentalidade do homem do campo, da guerra e do cavalo, que não teme a Deus nem ao diabo” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 157).

No dia em que casou-se a filha de Joca Rodrigues, Rodrigo foi ao casamento e bebendo vinho, observava os locais divertindo-se e dançando no casamento e “de seu lugar Rodrigo cocava Bibiana com olhos famintos” (VERISSIMO, 1995a, p. 163). Ao aproximar-se dela, Rodrigo poderia não estar completamente bêbado, mas sentia-se alterado pelo vinho:

Rodrigo dizia para si mesmo: "Vou falar com ela hoje. Vou falar com ela hoje". Mastigava o seu churrasco com gosto, bebia o seu vinho estralando a língua. Sentia aos poucos um calor bom apoderar-se-lhe do corpo e ao mesmo tempo ficava um pouco inquieto, pensando no que poderia acontecer se ele se embriagasse e "perdesse a tramontana. (VERISSIMO, 1995a, p. 164)

Tinha sentimentos violentos e por pouco não agia como um dos centauros no casamento de Píritos, sentindo-se tentado a levar Bibiana consigo. O vinho foi um agravante na festa de casamento da narrativa mitológica, como afirma Grimal: “Eles não eram acostumados a beber vinho e logo ficaram intoxicados: estavam bêbados”¹⁸ (GRIMAL, 2000, p. 95). Também em Santa Fé, foi um facilitador da atitude desafiadora de Rodrigo:

A bebida lhe dera uma tontura boa e quando caminhava ele tinha a impressão de que o chão lhe fugia. Mas não estava tão embriagado que não compreendesse que estava embriagado e que se não se contivesse poderia fazer alguma asneira. Não queria de modo algum entornar o caldo. Desejava falar com Bibiana sem precisar brigar com ninguém. Se provocasse algum escândalo talvez perdesse a moça para sempre. (VERISSIMO, 1995a, p. 170)

Ele não queria *fazer barulho*, mas sempre acabava fazendo. Essa afirmação era recorrente nele.

O padre Lara acendeu um cigarro e olhou em torno. Depois, lançando um olhar enviesado para Rodrigo, perguntou:
 - **Quantos copos de vinho bebeu, capitão?**
 - **Uns dez...** - Por que não vai dar um passeio na praça e depois volta pra cá? - Está com medo que eu faça alguma loucura?
 - Para lhe ser franco, estou.
 - Não se preocupe. Estou enxergando mui claro. **Não quero fazer barulho.** (VERISSIMO, 1995a, p. 171-172, grifo nosso)

Podemos aproximar, portanto, a figura de Rodrigo aos centauros, não somente no que tange a bebedeira, mas também pelo imenso apetite sexual e pelo desrespeito com os outros homens e com suas casas, como no caso da relação com Dona Paula, esposa de Nicolau. O capitão serviu-se de Nicolau, de sua casa e de sua esposa como e enquanto quis: “Frequentemente tinha de

¹⁸ No original: “they were unused to drinking wine and soon became intoxicated” (GRIMAL, 2000, p. 95).

saciar o seu desejo de Bibiana no corpo magro da mulher do Nicolau, o qual começava já a desconfiar de tudo” (VERÍSSIMO, 1995a, p. 218). Assim como os centauros pareciam temíveis aos humanos, Rodrigo também provocava medo em Nicolau que não ousava enfrentá-lo e fingia não saber o que se passava.

A ideologia construída socialmente tenta justificar a dominação masculina e transformá-la em uma norma. Ao mesmo tempo em que essa ideologia é questionada o ideal da masculinidade hegemônica também enfrenta uma crise. É retirado do personagem Rodrigo Cambará o rol de marcas que o identificam na área que circunda a primazia simbólica do masculino como um ideal hegemônico: um modelo perfeito do masculino, o macho eterno, que fala de dentro da sua masculinidade hegemônica e luta pela supremacia.

Rodrigo não conseguiu, todavia, manter-se no papel de macho predominante que desejava liderar aquele povo porque era somente um símbolo de masculinidade; agia conforme um emblema idealizado, uma essência da masculinidade. No universo de Santa Fé, o personagem não consegue impor-se como modelo representante do ápice da masculinidade hegemônica, primeiro porque este é um modelo que está entrando em colapso, segundo porque à medida em que se delineia e avança na narrativa, este representante da masculinidade hegemônica fracassou e não obtém a vitória almejada sobre os Amarais nem consegue tomar posse do casarão.

A princípio seduzia quem entrava em contato com ele, mas, no percurso das relações que mantinha acabava decepcionando a todos que contavam com ele e deixava a desejar em seus relacionamentos afetivos. Desta forma, a narrativa vai abrindo fissuras na construção do personagem capitão Rodrigo Cambará e ao desconstruí-lo, contribui para desfacelar também a representação do masculino hegemônico, mas Rodrigo incorpora duas imagens que se aproximam: a do guerreiro-herói e a do gaúcho-centauro. Imagens em cima das quais sua identidade é construída, representando, assim, duas facetas: a do masculino hegemônico e a do ser mitológico. Destarte, dentro dos conflitos entre as masculinidades representadas na narrativa, o posicionamento do personagem Rodrigo diante destes conflitos nos faz reconhecer que ele deixa o campo da masculinidade hegemônica que pretendeu e pela qual travou tantos embates. Neste sentido, tanto a figura

mítica do gaúcho quanto a masculinidade do capitão são construções que se tornaram necessárias como componentes da identidade tramada pelos próprios interesses desta sociedade. Ele é uma figura masculina engendrada, que só é possível dentro do que se espera de um mito: uma quimera. E, assim, lhe é atribuído o poder e a aura mítica da figura do gaúcho-centauro, porque esta figura não surgiu naturalmente, foi arquitetada. Da figura hegemônica estilizada do macho emergiu e permaneceu a figura mitológica do gaúcho-centauro-herói.

4. Conclusão

Todas as relações que Rodrigo estabelece são permeadas pelo imaginário da guerra, principalmente os embates com os masculinos: duelo pela honra e tentativas recorrentes de tomada de poder em uma constante luta pela hegemonia.

A relação entre masculino e feminino também faz parte da construção da masculinidade. O capitão Rodrigo Cambará ao se relacionar com os femininos reproduz um campo de guerra no qual se pode observar a batalha, o corpo que se movimenta e domina, a conquista e finalmente a subjugação, através da qual os objetos dominados são os corpos femininos. O corpo de Rodrigo, o mesmo corpo que teve a capacidade de provocar a aversão no coronel Amaral, a preocupação do padre Lara e o desprezo em Pedro Terra, tem o poder de despertar em Bibiana um amor violento, além de possuir uma alta representatividade sexual diante de várias mulheres que o personagem encontra. As mulheres são, por conseguinte, seus despojos de guerra. O corpo feminino de uma bela e desconhecida mulher desperta sentimentos violentos em Rodrigo, tornando-se para ele um território a ser conquistado, um prêmio merecido quando suas estratégias de conquista se mostram vencedoras.

As representações discursivas dessas masculinidades apontam para a reafirmação de padrões de dominação masculina construídos em cima das performances dos corpos, principalmente ao apontar para modelos de virilidade que acabam por se cristalizar através da mitificação dessas construções de masculino.

A construção de uma masculinidade se dá em um campo de forças, no qual um determinado modelo é eleito pela comunidade como sendo o hegemônico. Na figura de Rodrigo Cambará se incorpora ainda que tenha fracassado na sua luta para alcançar o topo da pirâmide social em termos de masculinidades, uma imagem de masculinidade hegemônica, através da noção de valentia, do militar que lutou em muitas guerras, que chega em santa Fé luta por uma mulher e para obter o poder hegemônico do lugar. O capitão casa, tem filhos e se dispõe a lutar pela defesa da terra onde se instala. Todavia, essa hegemonia não encontra possibilidade de satisfazer-se, pois ocorre uma quebra no desenvolver-se do personagem. Destarte, dentro dos conflitos entre

as masculinidades representadas na narrativa, Rodrigo deixa o campo de batalha pela masculinidade hegemônica para figurar como uma masculinidade mítica, representada pelo mito do gaúcho-centauro. Uma forte e instigante essência do mito despontou quando se juntou a figura do gaúcho com o seu cavalo. O gaúcho aproxima-se do mito clássico, da figura mítica do centauro: figura meio humana, meio animal, meio mágica, corajoso, guerreiro, atraente, com grande apelo sexual e sedutor das mulheres, mas na mesma medida irracional, instintivo, ligado ao rapto, às lutas, às bebidas, ao animalesco e ao selvagem.

Rodrigo Cambará só pode existir como mito, pois como representante de uma masculinidade hegemônica torna-se um fracasso; por isso morre guerreando, sem conseguir fixar-se ou conquistar o sobrado.

Podemos concluir que o personagem Rodrigo Cambará é, portanto, um modelo que está posto, não de forma hegemônica, nem mesmo dentro da diegese; ele é o último suspiro de uma imagem de masculino hegemônico que chega em Santa Fé. Sendo assim, a única forma de existência ou coexistência desse modelo fissurado com os demais é a cristalização daquele dentro do universo mítico. Destarte, Rodrigo Cambará, recusado como modelo de masculinidade hegemônica por apresenta fissuras diante do conflito entre as masculinidades que se encontram na narrativa, teve sua sobrevivência possibilitada pela mitificação de sua figura.

5. Referências

ALVES, Marcia Borba. **Tratado das gentes d'o continente por uma definição da identidade gaúcha**. 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

ASSIS BRASIL, Luis Antônio de. Capitão Rodrigo Cambará. In: MOTA, Lourenço Dantas; ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.). **Personae: grandes personagens da literatura brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 209-236.

BIET, Christian. Confusão de gêneros e experiência teatral. In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 371-416.

BORDINI, Maria da Glória O continente um romance de formação? Pós colonialismo e identidade política. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, pp. 45-68.

BORDINI, Maria da Glória. O continente de São Pedro: éden violado. In: _____; ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento, História, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 49-64.

BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento, História, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

BUARQUE, Aurélio. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**. Histórias de deuses e heróis. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

BUTLER, Judith. **El género em disputa. El feminismo y la subversión de la identidad**. Traducción Ma. Antonia Muñoz. Barcelona: Paidós, 2008.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. Sex and Gender in Beauvoir's Second Sex. In: **Yale French Studies**, Simone de Beauvoir: Witness to a Century, nº 72, p. 35-49, 1986. Disponível em <<http://mairakubik.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/mairakubik/sites/3/2012/06/51042202-judith-butler-sobre-el-segundo-sexo-de-simone-de-beauvoir.pdf>> Acessado em 26 de nov. 2014.

CASTELLO, José Aderaldo. O tempo e o vento: "O continente" como obra síntese. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.) **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, pp. 91-95.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)**. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CESAR, Guilhermino. **Notícia do Rio Grande: literatura**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Editora da Universidade/UFRGS, 1994.

CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Veríssimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CHAVES, Flávio Loureiro. O narrador como testemunha da história. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, pp. 69-74.

CONNELL, R. W. **Gender in world perspective**. 2ª edição. Malden: Politz Press, 2009.

CONNELL, R. W. La Organización Social de la Masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). **Masculinidad/es: Poder y Crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997, p. 31-48.

CONNELL, R. W. **Masculinities**. Berkeley, CA: University of California Press, 1995a.

CONNELL, R. W. Políticas de masculinidade. In: **Educação e realidade**. 20 (2), p. 185-206, 1995b.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, JAMES W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21 (1), p. 241-282, janeiro-abril 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>> Acessado em 26 de nov. 2014.

FEIJÓ, Martin César. **O que é herói?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A vontade de saber. vl. 1. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 23ª edição. São Paulo: Graal, 2013.

GARCIA, Sandra Maria. Conhecer os Homens a Partir do Gênero e para além do Gênero. In: Arilha, Margareth; Ridenti, Unbehaum, Sandra G., e Medrado, Benedito (orgs.). **Homens e Masculinidades: outras Palavras**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

GRIMAL, Pierre. **Centauris. The dictionary of classical mythology**. Tradução de A. R. Maxwell-Hyslop. Oxford: Blackwel, 2000.

HECKER FILHO, Paulo O tempo e o vento: cinquenta anos depois) In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.) **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, pp. 85-90.

HOHLFELDT, Antônio. **Literatura e vida social**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996.

HOHLFELDT, Antonio. **Trilogia da campanha: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível**, Porto Alegre, IEL: EDIPUCRS, 1998.

KLIPPEL, Elenice Hoffmann. O gaúcho e o forasteiro: relações de oposição na construção da identidade sul-rio-grandense. In: **Escrita no plural**, 1, nº 1, pp. 82-91, out. 2011. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/escrita_no_plural/outubro_2011/pdf/o_gaucho_e_o_forasteiro__relacoes_de_oposicao_na_construcao_da_identidade_sul-rio-grandense.pdf> Acessado em 10 de nov. 2014.

KREUTZ, Lúcio, *A imigração alemã em o tempo e o vento*. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, pp. 149-180..

KURY, Mário da Gama. **DICIONÁRIO de mitologia greco-romana**. São Paulo: Abril, 1973.

LACERDA, César de. **O monarca das coxilhas**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1991.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo**. Porto Alegre: AGE, 2002.

MANDRESSI, Rafael. O calor dos homens- virilidade e pensamento médico na Europa. In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, pp.264-292.

MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos**. São Leopoldo: UNISINOS, 1985.

PEREZ, Stanis. Louis XIV ou a virilidade absoluta? In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 293-333.

PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. **Erico Verissimo: o romance da história**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

PESAVENTO, Sandra. A invenção do gaúcho. In: **Revista Nossa História**, nº 2. São Paulo: Vera Cruz/ Biblioteca Nacional, 2003, pp.42-47

PESAVENTO, Sandra. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

REICHEL, Heloísa Jochims. A identidade Sul-Riograndense no imaginário de Erico Verissimo. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, p. 207-218.

REIS, Daniele Fernandes. Ideias subversivas de gênero em Beauvoir e Butler. In: **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v.4 - n.7, p. 360-367, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/download/4880/5497>> Acessado em 26 de nov. 2014.

SANTOS, Pedro Brum. O tempo e o vento como romance histórico In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.) **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, pp. 105-116.

SARTRE, Maurice. Virilidades gregas. In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 17-70.

SILVA, Daniele. Redefinindo a masculinidade no *Parzival* de Wolfram von Eschenbach: o caso do eremita Trevrizent. In: **Opsis**, v. 13, n. 1, jan./jun. 2013, pp. 248-264.

THOMASSET, Claude. O medieval, a força e o sangue. In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, p.153-202.

THUILLIER, Jean-Paul. Virilidades romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*. In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 71-124.

TORRONTEGUY, Teófilo Otoni V. A abolição da escravatura a serviço da república- leitura política do episódio Ismália Caré. In: GONÇALVES, Robson Pereira (org.). **O tempo e o vento 50 anos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2000, p. 219-230.

VELLINHO, Moysés. **O Rio Grande e o prata: Contrastes. Capitania d'El-Rey**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1962.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento. O continente I**. 31ª ed. São Paulo: Globo, 1995a.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento. O continente II**. 31ª ed. São Paulo: Globo, 1995b.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento. O retrato I**. 31ª ed. São Paulo: Globo, 1995c.

VERISSIMO, Erico. **Solo de clarineta**. 14. ed. Porto Alegre: Globo, 1980.

VIGARELLO, Georges. Introdução: a virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: COURBIN, Alain et al. **História da virilidade 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Vozes, 2013, pp. 11-16.

ZILBERMAN, Regina, **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ZILBERMAN, Regina. História, mito, literatura. BORDINI, Maria da Glória; _____ . **O tempo e o vento, História, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004, p. 21-48.